

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

MARIA ROZANA RODRIGUES SOARES DA SILVA

Editora Universitária da UFPB: mapeamento de fontes para  
reconstrução da memória histórica

João Pessoa  
2013

MARIA ROZANA RODRIGUES SOARES DA SILVA

Editora Universitária da UFPB: mapeamento de fontes para  
reconstrução da memória histórica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro  
de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade  
Federal da Paraíba como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharela

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

João Pessoa  
2013

---

S586e

Silva, Maria Rozana Rodrigues Soares da.

Editora Universitária da UFPB: mapeamento de fontes para reconstrução da memória histórica / Maria Rozana Rodrigues Soares da Silva – João Pessoa, 2013.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

TCC – Universidade Federal da Paraíba, Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2013.

1. Editora Universitária – UFPB. 2. Memória – Editora. I. Título.

CDU – 02:82-94+655.4

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Memória – Editora Universitária UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

MARIA ROZANA RODRIGUES SOARES DA SILVA

Editora Universitária da UFPB: mapeamento de fontes para  
reconstrução da memória histórica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro  
de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade  
Federal da Paraíba como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharela

Folha de Aprovação

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira  
(PPGCI/UFPB - Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup> Dra Izabel França de Lima  
(DCI/UFPB – Membro)

---

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto  
(PPGCI/UFPB – Membro)

*A todos e todas que preservam a memória, possibilitando a construção das identidades. Dedico!*

## AGRADECIMENTOS

*À Deus, pelo privilégio da vida a nós agraciada,*

*A vó Ana e ao meu avô Painho (in memória) por serem meu porto seguro;*

*Aos meus pais que através da labuta me deram oportunidades que nunca pensei ter;*

*A minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bernardina Maria Juvenal Freire, pela paciência, cuidado e dedicação a mim oferecida, a quem eu tenho como exemplo máximo de docente;*

*A professora Dr<sup>a</sup> Izabel França de Lima, Diretora da Editora Universitária da UFPA, por me receber com tamanha cordialidade, possibilitando meu livre trânsito por entre àquela casa, favorecendo ainda o contato direto com os servidores dela;*

*A todos e todas que se dispuseram a relatar suas memórias nas entrevistas: Edualdo Carneiro (Nau), José Augusto dos Santos Filho (Zeca), Clemente Ricardo Silva, Aires Antonio de Lima Silva, Almir Correia de V. Junior, Emmanuel Luna Rodrigues, Hossein Albert Cortes de Oliveira, Amilton Barbosa Cardoso, Glória de Lurdes B. Ferreira, Vilberto Ferreira da Silva, José Luiz da Silva (Lula), Eduardo Felix Nascimento Filho, Francisco Paulo de Assis, Vanderlúcia da Silva Oliveira, Mônica Câmara e Maria Alice. Meu muito obrigada!*

*A todos os professores e professoras que ao longo desses cinco anos de graduação me fizeram uma pessoa diferente;*

*Aos meus amigos de sala: Adimere Cruz, Ewerton José, Marília Carolina, Louise Machado, Dayane Bezerra, Janaina Garcia, Rozinalda Silva, Rodrigo Firmino, Maria José, Rosana Amâncio, Naima Vilor, e em especial Gleyce Kelly Oliveira de Queiroz, por passar horas ajudando-me na transcrições das entrevistas.*

*Aos irmãos em Cristo, pelo companheirismo e lealdade nesta caminhada tão árdua que é o seguir a Cristo.*

*Aos meus tios, em especial, José Soares Junior, por sair no horário de trabalho para me deixar em casa após as aulas.*

*Aos examinadores professores Doutores Carlos Xavier de Azevedo Netto e Izabel França de Lima, pela leitura criteriosa e sugestiva ao meu trabalho.*

## RESUMO

O estudo consiste em mapear as fontes de informação para a reconstrução da memória histórica da Editora da Universidade Federal da Paraíba, com vistas a compreendê-la sob uma perspectiva histórica social. Do ponto de vista teórico metodológico adotou-se a História ora temática. Os dados coletados apontam para a necessidade de dar continuidade aos estudos, por outro lado, aponta a necessidade de utilizar-se de outras fontes de informação com vistas a reconstrução da memória da editora da UFPB enquanto espaço de socialização e democratização da produção científica.

**Palavras-chave:** História Oral. Fonte de Informação. Editora Universitária.

## ABSTRACT

The study is to change the sources of information for the reconstruction of historical memory the Publishing company the Universidade Federal da Paraíba, in order to understand it from a social historical perspective. From a methodological theoretical perspective adopted the theme History now. The collected data point to the need to continue the studies, on the other hand, it points to the need to use up other sources of information in order to rebuild the publisher of memory UFPB as an area of socialization and democratization of scientific production.

**Key-words:** Oral History. Source of information. University Publishing.



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 OBJETIVOS.....	12
1.1.1 Objetivo geral.....	12
1.1.2 Objetivos específicos.....	12
1.2 CAMINHOS DA PESQUISA.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 EDITORAS UNIVERSITÁRIAS.....	16
2.2 FONTES DE INFORMAÇÃO.....	20
3 FONTES DE INFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA EDUFPB: coleta e mapeamento.....	24
3.1 DA ORALIDADE À MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO EDITORIAL.....	25
3.1.1 Vozes que administraram.....	26
3.1.2 Vozes que desenham arte.....	34
3.1.3 Vozes que produzem arte.....	58
4 LINOTIPIANDO OS DISCURSOS, MAPEANDO AS FONTES.....	116
REFERÊNCIAS.....	118





# 1 INTRODUÇÃO

A memória ata dois tempos; mas se efetiva porque a linguagem é capaz de trazer de volta o passado e apresentá-lo a algum tipo de audiência. (ZILBERMAN, 2004, p. 20).

---

A epígrafe inicial deste trabalho nos conduz a relatar a descoberta e opção temática que realizamos, a relação passado x presente. Tudo parecia estranho. Buscar um tema de pesquisa, delimitá-lo e traduzi-lo em um produto pronto e acabado, sobretudo nos moldes do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Isto porque de início, todos os temas que se apresentavam pareciam se repetir. Estávamos dispostos a buscar algo novo, diferente, todavia efetivo na contribuição social e acadêmica.

Iniciamos um novo semestre quando nos deparamos com alguns textos sobre memória. Algo para nós aparentemente novo, teorias, autores. Tal contato levou-nos a pensar a profissão de bibliotecários. Muitos temas afloraram. Logo, optamos por estudar a memória do “Bairro Cordão encarnado”<sup>1</sup>, situado no centro da Capital paraibana. Ao conversar com minha orientadora pretendida, ela começou a indagar questões que estavam obscuras como: qual a razão para este estudo? Qual a relação com a profissão de bibliotecário? Todavia, ela pediu-me que fizesse a primeira pesquisa e contactar o Instituto do Patrimônio,

---

<sup>1</sup> Bairro situado no Centro da Capital Paraibana. O Bairro faz parte da história da expansão urbana da cidade de João Pessoa e Cordão Encarnado: Centro da cidade de João Pessoa esta dividido por porções ao qual faz parte o bairro acima citado.

Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). Ao chegar no IPHAEP, visitei o arquivo. Logo percebi que a temática pretendida não teria função alguma para a Biblioteconomia, pelo menos no primeiro momento.

Tudo parecia ter voltado a “estaca zero”. Retornamos a UFPB com a sensação de impotência quanto à busca e descoberta de um tema que mesmo inédito fosse necessário ao conhecimento da área. Outras conversas foram frutificando, quando tomada por leituras volto ao objeto inicial da carreira bibliotecária - O Livro -.

Este como objeto de estudo da área ganha espaços de interlocuções diferentes que vão desde a sua produção, comercialização, uso, tratamento entre tantos olhares que o profissional bibliotecário pode lançar sobre esse objeto e sobre o qual nos debruçamos.

Retornamos a história das bibliotecas com seus grandes volumes, a esta está ligada à criação da imprensa, que possibilitou com sua inovação tecnológica a disseminação do conhecimento. Nesse sentido as editoras tem um papel fundamental entre o autor e o consumidor, ela faz a ligação do conhecimento. Não seria diferente com as editoras universitárias, são elas as difusoras da produção científica das academias, dando um parecer à comunidade ao qual esta inserida.

A editora universitária da UFPB é a segunda mais antiga do nordeste, tendo em seu rol de autores, nomes ilustres da nossa história, como por exemplo: Augusto dos Anjos, José Américo de Almeida, Humberto Nóbrega entre outros. Apesar de sua história e importância nunca havia sido objeto de estudo. Qual a memória editorial da Editora Universitária da UFPB? Quais os autores que mais publicaram nesta editora? Qual o volume de publicações ao longo desses anos?

Foi através destas indagações que iniciamos nossa pesquisa de levantamento da memória da produção editorial da Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba traçando como objetivos gerais conhecer a história da Editora da UFPB por meio da história oral temática, bem como

mapear a produção da Editora da Universidade Federal da Paraíba, situando-a enquanto espaço de informação e memória da produção editorial.

Definidos os objetivos recorreremos aos arquivos da Editora, que lamentavelmente já não existem em sua amplitude, sobretudo quando consideramos os anos de existência da própria editora que tem indícios de sua produção impressa em livro o ano de 1962, como registra o Catálogo de publicações de obra da referida Editora (1962-1988), com o livro intitulado “*Augusto dos Anjos e sua época*” da autoria de Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega<sup>2</sup> (CATÁLOGO...1988), ainda na qualidade de Imprensa Universitária<sup>3</sup>, contrapondo-se, portanto, aos dados apontados por Bufrem (2001) e Pereira (2012).

Um fator que nos foi preocupante diz respeito à situação atual do arquivo administrativo da Editora da UFPB, quando o do primeiro contato ainda no mês de julho, que para surpresa nossa, já não existe em sua totalidade, restando apenas pouquíssimos documentos, realidade que não difere da maioria das instituições públicas paraibanas que silenciam suas memórias.

A questão do arquivo já havia sido preocupação da gestora<sup>4</sup> da Editora que se preocupou em elaborar um diagnóstico e organizar<sup>5</sup> os documentos que ainda restam ausência que nos conduziram, naturalmente, a construir uma nova pergunta problema: Que fontes de informação podem auxiliar na reconstrução da memória da Editora da UFPB?

---

<sup>2</sup> A respeito da vida e obra do autor ler Humberto Nóbrega: um homem entre livros da autoria de LACET. Rosane Coutinho Pereira (2012).

<sup>3</sup> A Imprensa Universitária localizava-se na Rua Alberto de Brito onde atualmente situa-se o Posto de Assistência Médica (PAM), no bairro de Jaguaribe/PB.

<sup>4</sup> Prof<sup>a</sup> Izabel França de Lima realizou Diagnóstico, contratou estagiários e entregou os resultados desse documento a Magnífica Reitora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Margareth Diniz, protocolado em junho de 2013.

<sup>5</sup> A organização do Arquivo administrativo se deu por contratação de estagiária do Curso de Biblioteconomia/UFPB com vistas a organizar os livros da Livraria Casa do Livro, ora desativada e identificar documentos que pudessem subsidiar informacionalmente a gestão atual. A necessidade levou a organização do arquivo.

Na tentativa de responder a essa indagação, traçamos os objetivos que seguem.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral:

Mapear as fontes de informação para a reconstrução da memória histórica da Editora da Universidade Federal da Paraíba;

#### **Objetivos específicos:**

- Identificar servidores ou ex-servidores que vivenciaram a Editora da UFPB;
- Levantar documentos em suas mais diversas tipologias;
- Sistematizar as informações recuperadas e apontar outras fontes e necessidades de informação na reconstrução da memória da Editora da UFPB.
- Agrupar as fontes de informações sobre a Editora da UFPB.

## 1.2 CAMINHOS DA PESQUISA

A estratégia de ouvir atores ou testemunhas de determinados acontecimentos ou conjunturas para melhor compreendê-los não é novidade. Heródoto, Tucídides e Políbio, historiadores da Antiguidade, já utilizavam esse procedimento para escrever sobre acontecimentos de sua época. *Para eles, a História se faz com testemunhos, com objetos, com paisagens, com documentos escritos* (ALBERTI, 2005, p. 156. Grifo da autora).

Considerando a necessidade em mapear as fontes de informação que servirão na reconstrução da memória histórica da Editora da UFPB, optamos nos apoiar na História Oral, que segundo Meihy (1996, p. 17) “é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos [...] Ela é sempre a história do tempo presente e é reconhecida como história viva.”

Para Amado e Ferreira (2000) a história oral é um recurso na produção de documentos, considerando que cada entrevista dada, cada reminiscência de memória registrada possui uma singularidade, pois são frutos do dialogo entre entrevistado e entrevistador, entre sujeito e objeto, ou seja, a memória dos informantes passa a nortear as reflexões históricas acarretando “importantes desdobramentos teóricos e metodológicos” (AMADO; FERREIRA, 2000, p. 15) e produzindo documentos, pois todas as entrevistas são transcritas e a oralidade se materializa.

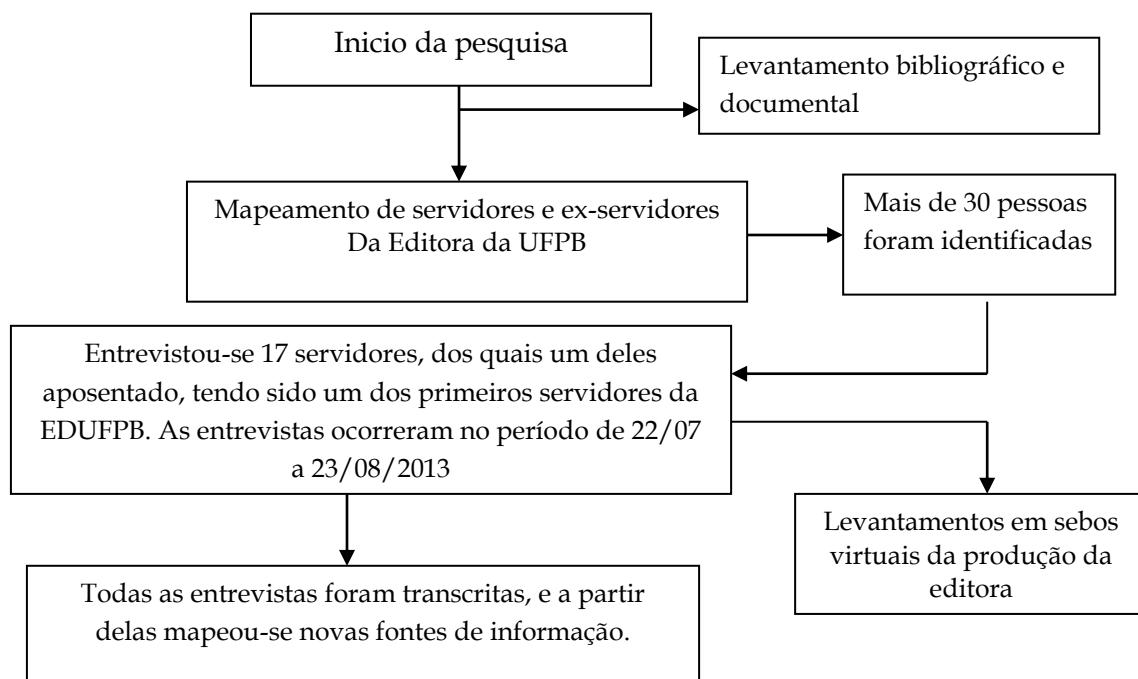
Para Lozano (2000, p. 16) a história oral “permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas”. Para Meihy (1996, p. 30) a história oral, porém além de “valor documental como gravação (que guarda em arquivos a modulação da voz e a situação da entrevista), precisa ser vertida para a linguagem escrita, a fim de facilitar trânsito, reflexão e estudos”.

A escolha pela investigação oral para o desenvolvimento desta pesquisa deve-se, também, ao fato de que:

[...] a peculiaridade da História Oral como um todo – decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações sócio-culturais, que privilegia a *recuperação do vivido concebido por quem viveu*. É neste sentido que não se pode pensar em História Oral sem pensar em biografia e memória. O processo de recordação de algum acontecimento ou alguma impressão varia de pessoa para pessoa, conforme a importância que se imprime a esse acontecimento no momento em que ocorre e em que é recordado. Isso não quer dizer – e as ciências da psique já o disseram – que tudo o que é importante é recordado; ao contrário, muitas vezes esquecemos, deliberada ou inconscientemente, eventos e impressões de extrema relevância (ALBERTI, 1989, p.5. Grifos da autora).

A partir das entrevistas foi possível mapear outros documentos que servirão à construção da memória da Editora da UFPB. Nesse sentido percorremos os seguintes passos:





As entrevistas foram precedidas de uma relação de servidores, anteriormente contactados pela Direção da Editora e estes apontaram outros nomes que serviriam de testemunhas e que nos apontariam, dados, *vestígios* ou *fontes históricas* que propiciariam a aproximação com a História da EDUFPB. Essas fontes foram tanto humanas quanto materiais (objetos, registros em suporte de papel etc.).

As “fontes humanas” foram funcionários da Editora. As entrevistas foram gravadas, com a autorização dos entrevistados, em gravador digital, balizadas por um roteiro pré estabelecido, modificado, alterado a medida em que a conversa avançava e os entrevistados se sentiam mais confiantes. Parte das entrevistas foram realizadas pela orientadora deste estudo. Concordamos com Alberti, quando afirma que

[...] certamente não será porque a entrevista adquire estatuto de *documento* que a História Oral passa a obedecer aos requisitos da “ciência positivista”. Ao contrário: trata-se de tomar a entrevista produzida como documento, sim, mas deslocando o objeto documentado: não mais passado ‘tal como efetivamente ocorreu’, e sim a versão do entrevistado (ALBERTI, 1989, p. 2. Grifos da autora).

Vale ressaltar o apoio e a participação dos servidores da Editora na tentativa de levantar, em seus pertences pessoais, documentos que auxiliem no mapeamento das fontes.

Foi o caminho que seguimos, na tentativa de reconstruir a memória silenciada da Editora Universitária, de início por meio do mapeamento da fontes de informação, contribuindo inclusive para ampliar a lente sobre o foco inicial desta investigação. Por oportuno, registre-se que o tempo não foi suficiente para percorrer outros caminhos, pelo menos para o fim a que se destina este estudo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo buscamos compreender conceitualmente editora universitária e sua função sem perder de vista a missão memorialística que se instala no âmbito desse fazer editorial científico.

### 2.1 EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

As editoras universitárias de acordo com Bufren (2001) são órgãos vinculados às instituições de ensino superior com a finalidade de publicar a produção acadêmica submetida e selecionada previamente por um conselho editorial ou comissão editorial, tornando público esta mesma produção por meio da divulgação e circulação do material independente do suporte. Para a autora as editoras universitárias “produzem e divulgam, as editoras universitárias foram estruturadas, a partir de conselhos, formalizando seus regimentos e estabelecendo linhas editoriais” (BUFREM, 2001, p. 33).

O negócio editorial universitário segundo Bufren (2001) origina-se na década de 60, oriunda das gráficas ou imprensa universitária cuja função consistia em produzir material gráfico para atender as demandas administrativas e/ou de divulgação a exemplo de folderes, cartazes, protocolos, requerimentos, caderno de resumos de eventos científicos etc. Nesse sentido elas não publicavam livros, exceto algumas poucas iniciativas, com a publicação de folhetos e em alguns casos como a Editora da UFPB que em 1962, ainda na condição de Imprensa Universitária publica seu primeiro livro intitulado “*Augusto dos Anjos e sua época*” da autoria do Prof. Dr. Humberto Carneiro da Cunha Nóbrega, em comemoração a Obra intitulada “*Eu*” do poeta Augusto dos Anjos, às vésperas do cinquentenário de morte do mesmo poeta.

De acordo com Nascimento (2009, p. 16) ao editar obras de ponta em distintas áreas do conhecimento, “as editoras universitárias pretendem mostrar nacionalmente o que se produz na região onde se situa, realizando um

equilíbrio com o que de melhor existe no exterior”, especificamente, quando consideramos que a editora universitária também se sustenta no tripé acadêmico do ensino, pesquisa e extensão, revelando a produção de uma determinada época, correntes teóricas, áreas do conhecimento entre tantas peculiaridades que situam histórica, social e temporalmente a produção do conhecimento.

Nesse sentido, percebe-se que as editoras universitárias para além de sua consagrada função de publicar a produção científica também, traz em sua essência, uma função memorialística, ou seja, materializar a produção e seus autores, conteúdos e pensamentos é uma forma de preservar o conhecimento e possibilitar análises dos avanços científicos e tecnológicos que constituíram o pensamento científico de uma determinada época.

Ao assentar nossa compreensão sob a ótica da memória, podemos inferir que esta se instaura desde o conteúdo contido na obra, bem como os aspectos editoriais que envolvem a publicação, como diagramação, design, arte de capa, tecnologias envolvidas, criatividade na composição do produto final, entre tantos outros aspectos que envolve a feitura da obra e seu processo de circulação.

Chartier (1994, p. 9) ao partilhar dessa ideia, afirma:

As obras mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores, não tem sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. [...], a recepção também inventa, desloca e distorce.

Para Marques Neto (2000, p. 167) as editoras universitárias possuem uma significativa importância no cenário intelectual acadêmico tornando-se a ponte de ligação entre a produção acadêmica e a sociedade, nesse sentido afirma o autor:

As editoras universitárias no Brasil estão tomando cada vez mais o lugar já ocupado por centenárias experiências de universidades européias: ser um forte elo entre a produção acadêmica e a sociedade. Não estamos mais dialogando apenas com os pares acadêmicos, até porque não é necessário, em tempos em que impera a comunicação virtual [...]. Além da circulação de idéias entre a comunidade científica, a editora universitária hoje dialoga com uma imensa gama de leitores que buscam no saber a fonte para suas profissões, e, porque não, para entender melhor o mundo contemporâneo.

O autor salienta ainda que as editoras universitárias, especificamente, àquelas vinculadas as instituições públicas não possuem fins lucrativos e comerciais, todavia a elas lhes é imputado outras atribuições como preservar a cultura e a produção acadêmica da região, fator que deve ser aliado ainda à missão social indispensável à atividade acadêmica, “para a manutenção do saber e da cultura brasileira, que, no caso, é a preservação da própria identidade do país como nação” (MARQUES NETO, (2000).

Em face da compreensão do autor pode-se inferir que a editora universitária também possui uma forte vertente memorialística, considerando que a memória de acordo com Candaú (2011) se caracteriza pela capacidade de estruturar os grupos humanos. De modo que a forma como a memória atua na reorientação, ressignificação, rememoração e reorientação das vivências cotidianas contribui para a formação e mudança das identidades culturais na sociedade contemporânea.

Hall (2006) ao avaliar o processo de fragmentação identitária aponta como resultado o processo de fragmentação do sujeito composto e influenciado por várias identidades, inclusive contraditórias em si mesma, nesse sentido ele coloca:

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. [...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. (HALL, 2006, p. 12-13)

Nessa perspectiva é oportuno investigar os elementos que constituem a memória dos grupos, seus ritos de recordação, seus referenciais de sentido, seus símbolos de tradução da experiência vivida, numa palavra, as partes componentes da identidade deles, que neste caso em especial dos autores, da produção da editora universitária da UFPB, pois de acordo com Diehl (2002, p. 111-112), voltar-se para o estudo da memória e da identidade se constitui no elo de ligação para compreender as perspectivas historiográficas que marcam ou marcaram os modos de pensar e (re)constituir o passado no tempo presente. Para o autor, a memória não deve ser entendida apenas como uma busca de informações acerca do passado, mas “como um processo dinâmico da própria rememoração”.

No nosso entendimento, buscar compreender esse passado no presente requer a busca e compreensão das fontes de informação que de acordo com Oliveira e Galindo (2008, p. 41)

[...] busca-se defender que o saber tem valor e alcança seu objetivo, no momento em que pode ser utilizado pela sociedade como um todo, ajudando comunidades a conhecer sua própria história e a entender a razão de seus principais problemas sociais.

Sob o ponto de vista de Azevedo Neto (2007), a informação só tem existência quando é percebida como tal, e essa percepção só se estabelece quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significado. Isso nos faz chamar a atenção para o fato de não deixarmos de ressaltar que o surgimento das fontes históricas está tão próximo do surgimento da História quanto delas, e que o termo história foi citado pelos gregos antigos, que a designaram como pesquisa” para se compreender as origens dos conflitos e das contradições de sua época. Um dos pioneiros nos estudos históricos foi Heródoto (485-424 a.C), no Século V a.C., com a obra *Histórias*, e os que o sucederam já faziam uso das fontes materiais, daquilo que nós chamaríamos, hoje, de fontes arqueológicas (FUNARI, 2005).

Funari (2005, p.85) assegura que a fonte:

[...] é originária do cientificismo que prevalecia no Século XIX, preocupada com a descoberta dos fatos verdadeiros. Fonte é uma

metáfora, pois o sentido primeiro da palavra designa uma bica d'água, significado esse que é o mesmo nas línguas que originaram esse conceito, no francês, *source*, e no alemão, *Qual*. Todos se inspiraram no uso figurado do termo *fons* (fonte) em latim, da expressão "fonte de alguma coisa", no sentido de origem, mas com um significado novo. Assim como das fontes d'água, das documentais jorrariam informações a serem usadas pelo historiador. Tudo que antes era coletado como objeto de colecionador, de estátuas a pequenos objetos de uso cotidiano, passaram a ser considerados não mais algo para o simples deleite, mas uma fonte de informação, capaz de trazer a novos dados, indisponíveis nos documentos escritos.

O autor nos faz refletir que todo e qualquer objeto, ou algo de que possamos extrair informações podem se tornar uma fonte de informação ou histórica. De acordo com essa reflexão sobre a informação, revelam-se vários aspectos em destaque, como por exemplo, o de que toda e qualquer informação pode ser escrita, em forma de objeto ou em outros formatos materiais que vão além do documento escrito, o que podemos denominar de fontes de informação, ou simplesmente fontes.

## 2.2 FONTES DE INFORMAÇÃO

De acordo com Jabuti (2005, p.112), "*as fontes tem sua própria história porque os interesses dos historiadores (e de outros pesquisadores) variaram no tempo e no espaço*". De acordo com Janotti (2005, p. 10) os primeiros grafitos em cavernas com materiais contundentes, constituindo-se, com outros vestígios relatos do cotidiano das comunidades, ainda que vistos como indícios possibilitam a arqueólogos, antropólogos, etnólogos levantar hipóteses sobre diferentes modos de vida das sociedades constituindo-se em fontes de informação.

As fontes de informação têm ao longo do processo histórico passado por transformações. Originária dos três reinos da natureza (Reino animal, Reino Vegetal e Reino Mineral), estas serviram de suportes, desde as tabletas de argila

até a internet, para registrar o conhecimento humano, transformando-os em informação.

Assentada sobre um suporte a informação pode ser consultada, disponibilizada e disseminada. Para Beckman e Silva (1967, *apud* PASSOS; BARROS, 2009, p. 121), as fontes de informação “constituem o lugar de origem, donde a informação adequada é retirada e transmitida ao usuário [...]”. Para Litto (1980, p.1), a fonte de informação é “a fonte que registra os dados acerca de alguém ou de alguma coisa”.

Para Carvalho (2001, p. 8), as fontes são compreendidas sob duas perspectivas as fontes formais e as informais. Caracterizando-se como:

As fontes formais, são aquelas que têm uma forma, são representadas em suportes físicos (papel, filme) em suporte eletrônico, disquete, CD ROM, são fontes estruturadas. Quanto às fontes informais são as que não tem estrutura, a informação é transmitida oralmente (conferência, aula) e em suporte eletrônico, na Internet (chats, correio eletrônico, listas de discussão).

Seguindo o mesmo raciocínio podemos conceituar fontes de informação como qualquer suporte (físico ou não) em que a informação possa ser registrada, isto se a compreendermos sob uma perspectiva meramente material. Entretanto, ao compreender a história oral como a capacidade de coletar do outro informações e materializa-las em um determinado suportes, os indivíduos também são considerados como fontes de informação, especialmente se acatarmos o preconizado por Goody (1977, *apud* LE GOFF, 1994) ao dizer que em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória, em longo prazo e, temporariamente, na memória ativa. Nesse sentido, não podemos deixar de tornar evidente a memória individual, que entendemos como lembranças que Segundo Diehl (2002, p.72)

[...] ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da



memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou. Mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é muito estreitamente limitada no espaço e no tempo.

Felix (1998, p.36), lembra que a memória possui sua importância, afinal

[...] Antes mesmo da instituição da razão como instrumento de compreensão do mundo, no século V a.C, a memória já era valorizada como imprescindível à coesão dos laços sociais. Numa sociedade de fundamento mito-poético, o aedo desempenhava esse papel. Era ele quem, através das musas inspiradoras, resgatava a memória e sua importância. A memória era sacralizada. A palavra poética enunciada em voz alta construía verdades dentro de uma dimensão do tempo mítico, não do cronológico.

Portanto, pode-se dizer que os indivíduos também se constituem em significativas fontes de informação, pois entre si podem disseminar informações que auxiliem na produção científica na resolução de problemas cotidianos e, quando materializados, servem como registros históricos, pois os documentos segundo o advento da História Nova, fundamentada na Revista *Annales d'histoire économique et sociale*, em 1929, vindo ampliar a noção de documento histórico, na medida em que:

Substituiu uma História fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma História baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. (LE GOFF, 1990, p. 28).

Esse entendimento ampliado de documento é partilhado pelo Belga Paul Otlet que concebeu documento sob uma característica muito mais abrangente, tomando como mote o termo livro para associá-lo a outras espécies documentais. Afirma Otlet (1934, p. 9):

[Documento] compreende não somente o livro, manuscrito ou impresso, mas revistas, jornais e reproduções gráficas de todas as espécies, desenhos, gravuras, cartas, esquemas, diagramas,

fotografias, etc. A documentação, no sentido amplo do termo compreende: livros, elementos que servem para indicar ou reproduzir um pensamento, considerado sob qualquer forma.

Para Otlet (1934), existem documentos de outra ordem, que não sejam apenas os escritos e também plantados sobre outro suporte que não o papel, paralelo ou não aos documentos impressos ou escritos “há uma montanha de documentos de toda espécie que não foram publicados ou não são destinados a sê-lo” (OTLET, 1934, p. 34). Mas, também tornam-se testemunhas da história.

### **3 FONTES DE INFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA EDUFPB: coleta e mapeamento**

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (BOSI, 1994, p. 423).

Na ausência dos documentos arquivísticos, entendido neste estudo sob a ótica de Schellenberg (2006, p. 41) em que o autor engloba:

Todos os livros, papéis, mapas, fotografias ou outras espécies documentárias, independentemente de sua apresentação física ou características, expedidos ou recebidos por qualquer entidade pública ou privada no exercício de seus encargos legais ou em função das suas atividades e preservados ou depositados para preservação por aquela entidade ou por seus legítimos sucessores como prova de suas funções, sua política, decisões, métodos, operações ou outras atividades, ou em virtude do valor informativo dos dados neles contidos.

E, considerando a inexistência de uma reserva técnica no âmbito da EDUFPB, aliada ainda às dificuldades de se localizar, *on line*, a produção da mesma editora, de início detivemo-nos, principalmente, nas fontes orais, nos depoimentos dos servidores e ex-servidores, que nos levaram a outros vestígios em busca dos quais havíamos saído.

A entrevista semiestruturada, foi adotada como mote para iniciar a entrevista, muito embora outras perguntas foram reelaboradas a medida que os depoimentos fluíam. Todos os depoentes conheceram previamente o assunto em estudo – Memória da Editora da UFPB, e autorizaram a gravação de suas falas.

Os encontros foram agendados previamente, com a intermediação da Diretora da Editora, Prof<sup>a</sup> Izabel França de Lima, que informava aos depoentes colaboradores a data, hora e local do encontro. Todos foram avisados da possibilidades de tornar pública a entrevista desde que devidamente autorizados pelos colaboradores. Montenegro (2003, p.27) refere que:

[...] os depoimentos divulgados começam a criar uma outra referência histórica, cultural, que até então estava circunscrita apenas a sua própria classe, pequenos grupos de amigos e familiares. A vida, as experiências, as lutas, as visões de mundo, o trabalho adquirem um novo estatuto ao serem socializados. Transformam-se em documentos apresentando um retrato com outras versões/representações construídas de outros lugares e por outros interlocutores. A diferença significativa é que a fala, a história, a representação não são descoladas do sujeito.

Foram realizadas dezessete entrevistas semiestruturadas, com duração média de 50m. Em algumas entrevistas ficou patente a emoção de alguns servidores com mais de trinta anos de serviços dedicados a editora universitária ao trazer a tona, remexer seu baú de memórias, lembrarem dos companheiros já falecidos, dos serviços e desafios encontrados, da emoção da carteira de trabalho assinada ainda nos idos de 1962, e, posteriormente, passar após a Constituição de 1998, constituição cidadã para o regime estatutário, efetivando-se como servidor da Universidade Federal da Paraíba, evidenciando o Bosi (1994, p. 54) também percebeu em seus estudos, nisto relata a autora:

Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas (restrita) ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguição a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

Foram muitos os depoimentos que agregamos, na íntegra, a este estudo, respeitando e mantendo as imposições da oralidade, sem descuidar do cuidado do direito de preservar a memória do outro.

### 3.1 DA ORALIDADE À MATERIALIZAÇÃO DO DISCURSO EDITORIAL

Neste item tentando perseguir uma forma mais pedagógica, dividimos os depoimentos em três categorias de depoentes, a saber:

- a) Gestores (categoria de profissional que mesmo atuando em outras atividades na Editora já exerceram ou exercem algumas atribuições de comando);
- b) Designer (profissionais que trabalham na diagramação da obra, independente da formação profissional, porém no âmbito da editora atuam no processo de diagramação e criação);
- c) Produção (área para designar todos os depoentes que atuam na produção do livro até sua saída da editora).

### 3.1.1 Vozes que administraram

Neste cenário tomamos como empréstimo as vozes dos depoentes: José Luiz da Silva; José Augusto dos Santos Filho e Almir Correia de V. Júnior.

*José Luiz da Silva*, natural da cidade de Alagoinha, brejo da Paraíba. Filho de pequenos agricultores, foi acostumado na roça. Um dos orgulhos e desejos de seus pais era torna-los doutores, tanto que estudar era prioridade familiar. De modo que em 1969, mudou-se para João Pessoa em busca de melhores condições de vida. Vindo a trabalhar no Seminário Diocesano, que posteriormente recebeu o nome de Centremar, vindo a falecer em 1972.

Iniciei a vida no trabalho aos quatorze anos de idade como ajudante de uma marcenaria, e foi com este ofício que conheci uma professora Tereza Aquino da Universidade que estava interessada em montar uns teares para fazer tecelagem como projeto de extensão, e ela me indicou para o chefe da marcenaria, isto se dava via pré contrato com a Prefeitura da Universidade e eu entrei como estagiário. Esforcei-me e acabei por ser contratado como artífice da marcenaria. Em paralelo fui estudando, e em 1977 passei no vestibular para administração de empresas, minha matrícula era 77133004, e consegui me transferir para o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), onde

trabalhava, até que houve uma chamada interna, uma espécie de concurso e eu fui aprovado para a função de administrador de empresas.

Na editora, eu vim no reitorado do Professor Neroaldo Pontes, quando convidou o professor David Fernandes para assumir a Direção da editora, e eu vim junto com ele para fazer a parte mais administrativa mesmo. Foi aí que a gráfica deixa de ser gráfica universitária e passa para Editora Universitária. E a regra era produzir livros, foi uma época de muita produção. Todos colaboravam. Foram dezesseis anos sob o comando do Professor David Fernandes.

A gente chegou aqui na época de David, se não me engano tinha:: setenta e oito funcionários, salve meu engano. Aí quando a gente chegou tinha uns colegas nossos que as vez, assim tava naquela faca de se aposentar, ficou assim só enchendo/.../. Depois foi reduzido para cinquenta por cento, a gente tinha:: funcionário que adoecia na quinta-feira, só voltava na segunda/.../. Quem veio junto com David foi professor Silvano, depois ele teve que se afastar pra continuar o doutorado dele, aí veio a Professora Dulce Amélia de Brito Neves, passou pouco tempo também porque ela tinha:: as obrigações dela e nem sempre ela podia tá aqui. Depois veio o professor Everaldo Vasconcelos .

Todo o prédio era da editora gráfica, e até quando a gente botou a livraria, botou ali no final do prédio, aí depois foi que foram sedimentando. Foram muitos os projetos pra contemplar os novos autores que tem poesia, tem conto, tem a:: ele atendia conto, poesia, romance e teatro. Esses projetos eram escritos e tinha vinculação formal com a PRAC. A PRAC era quem formava a comissão de avaliação, era quem acompanhava. A editora cabia fazer a formatação do livro e a impressão. Cujo sê-lo foi ideia do Prof. David Fernandes, iniciativa importante, pois foi criado a nível de:: editoras nordestinas, que até então tinha Encontro Nacional das Editoras e tinha o Encontro das Regional, que era muito pra gente da região Nordeste, é muito mais produtivo do que o Encontro Nacional, por que o nacional é um desfile de egos que é uma beleza, o na o Norte/Nordeste a gente discutia as

particularidade e as necessidades de cada um, aí se criou o selo da coleção nordestina, que é cada editora pegava seus livros uma capa só e existia um intercambio, uma permuta dos livros, se você produz quinhentos livros eu mando vinte pra você e você me manda os seus, que aí também com o tempo foi ficando, porque todas editoras algumas permanecem os mesmo diretores quando muda a gestão, aí perde o fio da meada, mais ainda existe, Izabel teve agora na última reunião e foi cobrado a ela os livros da Paraíba, tinha também as series teses ( ) livros da pós graduação, e tinha levado o conceito pra encaminhava-se, Distinção e sugestão pra publicação, era tudo financiado pela universidade.

As questões política interna dentro dessa universidade, por exemplo é:: se um Centro é:: tivesse votado contra o reitor que tava no poder algumas coisas não caminhava, o processo ficava lá parado. A PRPG deu um apoio na publicação da ( ) reuniu o conselho pra avaliar tal, e muita gente disse: eu não vou mandar porque eu não acredito nisso, eu não acredito nesse reitor que ta aí, eu digo: bom, você vai ficar sem publicar porque os trabalhos não sendo avaliados, e foi feito a questão.

A série Autores Associados era realizado em parceria com a FUNAP, os autores diziam eu quero o, ( ) então você traga uma referência do coordenador do seu programa de pós graduação, ou que foi aprovado numa banca, pelo menos a certidão que você foi, aí o autor financiava os recursos, era depositado na FUNAP e a FUNAP era quem gerenciava os recursos e a gente tocava o papel pra frente.

A editora tinha uma dotação orçamentária de:: eu vou dizer aqui nós vamos chorar junto, a editora tinha:: sessenta mil reais por ano pra manter essa estrutura toda, material, conserto de equipamento e tudo, um conserto de um equipamento desse era na faixa de, na faixa de:: a máquina *offset* era na faixa de seis mil a oito mil reais, e tem mais o agravante que o técnico que vinha fazer dizia: há eu não vou pra aí não, porque demora muito a receber, vocês cobra

vinte sete por cento de imposto de renda, eu não posso fazer o que eu quero que é limitado, era coisa de doido.

Ainda na gestão de David surgiu a ideia de abrir a livraria. A gente começou a participar dos encontros nacional e todo mundo tinha livraria, e interessante a gente tinha uma boa produção e não tinha a livraria, a gente tem um depósito aí, tinha um programa chamado PIDL programa interno de distribuição de livro entre as editoras universitárias, só fazia mandar os livros pra lá e receber, tinha um ponto de venda interno que não era ponto de venda, nem visibilidade tinha. Na verdade a livraria existiu de fato, mas não de existiu de direito, ela tinha, tava lá no organograma da editora, tem lá departamento de compra, departamento de vendas e aí resumia nesse ponto aí, nesse item aí, mais não existe a livraria de fato, é tanto que/.../ ela não figura no regulamento da UFPB e nem na Resolução que cria a Editora.

*José Augusto dos Santos Filho (Zeca)*, natural da cidade de João Pessoa, PB, trabalha na editora desde 1979, quando ingressou na função de mimeografista. Tendo sido convidado pelo Diretor da época, professor Arael. Em 2005, fui alçado a função de chefe de produção e me mantenho até em 2013. Na época, eu mimeografava formulários, fichas, sendo que ele é aquele? Quando eu cheguei ela era chamada de Imprensa Universitária, mas já publicava livros, só que as publicação de livro, não tinha divulgação, publicava muito livro, é esses, é livro acadêmico, mais só que não tinha divulgação, divulgação passou depois que o Prof. David Fernandes chegou.

Meu trabalho era assim, chegava a matriz datilografada e eu rodava no mimeografo. Depois de um certo tempo, quando David assumiu foi que houve a mudança, aí passou a vir tudo direto pra editora e depois, a gente era solicitado o material do almoxarifado, aí depois passou o almoxarifado a ter a matéria-prima aqui.

A falta de manutenção, tem lá pra desde 79 pra cá, praticamente o a o que não houve tanta manutenção como renovação do parque gráfico, que não



foi renovado, três ou quatro máquinas foi renovada e aqui, as outras permaneceram do mesmo jeito e sem manutenção, é tanto que hoje a nossa *offset* não funciona plenamente por falta de manutenção, tá num estágio que não dá mais. Das máquinas que foram renovadas desde que cheguei aqui, foram a máquina de colar livro, a guilhotina e as duas copiadoras. As outras permaneceu igual. Quer dizer, a ausência de investimentos e de manutenção foram os maiores problemas já enfrentados ao longo da história da editora.

Eu fico triste de ver, do jeito que eu entrei aqui um parque grande, outra o espaço que tomaram da gente, o espaço enorme, depois se reduziu a nada e ver hoje tudo parado.

*Almir Coreia de Vasconcelos Junior*, paulista, cheguei na Editora para estagiar com uma promessa de emprego, o que aconteceu em agosto de 1984, assinei meu contrato e fui trabalhar no arquivo da Editora. O arquivo era demasiadamente grande, muito material de entrada e saída de serviço, era umas fichas que você detalhava tudinho, o papel que foi gasto no serviço, filme, chapa, tudinho, era tipo um orçamento, aí era tudo recibo, essa parte que tinha parece que era três ou quatro ano desse material tudinho jogado, passei foi três meses botando em dia, aí no quarto mês eu fui trabalhar no almoxarifado.

Aí fui pro almoxarifado, aí tinha um senhor que trabalhava seu José Bel, que era responsável pelo almoxarifado, e como ele entrou de férias o diretor, Alarico Correia Neto, achou melhor que eu ficasse no lugar dele, aí eu passei o mês de férias, até aí pronto, fiquei no almoxarifado acompanhando ele, fazia minha parte de arquivo e mais a do almoxarifado, aí teve uma mudança de diretoria, passando a gestão para Sr. Hamilton, ele entrou em oitenta e três não, foi::, parece que foi em agosto pra setembro que ele entrou, em outubro seu Zé Bel saiu do almoxarifado por briga, assim né, briga é por causa que o diretor queria que ele fizesse um serviço que não era da competência dele, e ele disse que não ia fazer e pediu transferência pro almoxarifado central, aí como não tinha ninguém pra ficar no almoxarifado, ai eu fiquei sozinho, aí cumpri a

função, mais eu ainda era estagiário, aí entrou outra diretora, Socorro Aragão acho que era assim, aí teve uma auditoria, aí ela veio pra ficar responsável, em Janeiro de oitenta e quatro veio o professor José ( ) Parente que ele ficou diretor, aí pronto, em agosto de oitenta e quatro fui contratado pela universidade como artífice de arte gráfica, aí passei o ano de oitenta e cinco, em oitenta e seis passei a treinar com funcionário da universidade, aí comecei a trabalhar no fotolito, que é a parte de filmagem feito o negativo que é pra offset, em oitenta e seis eu já já tava de vez no no fotolito, porque eu trabalhava uma parte da manhã no almoxarifado e outra no fotolito, aí em oitenta seis eu fui definitivamente pro fotolito, aí trabalhei catorze anos no fotolito, fazer parte de filmagem de livro, cartaz tudo que era::, porque antigamente o sistema tinha que ser tudo filmado pra voltar pro setor de arte, aí depois eu comecei a trabalhar no setor de arte, trabalhei uma parte no fotolito e outra no setor de arte, porque a data assim, mais ou menos eu fico assim/.../

No setor de arte era a parte, que o setor de arte correspondia composição, montagem e revisão, eu fazia a parte da arte, aí depois eu comecei na computação também, fazer a composição, fazer a arte só, minha parte não era revisão, aí depois eu fiquei encarregado, um tempo depois foi outra pessoa, foi quando em oitenta dois, não, em noventa e dois teve um tempo aqui de Valter Paiva ainda tava no fotolito, quando Valter Paiva saiu começou composição eletrônica de computador, foi que o fotolito foi perdendo a força dele, que você faz todo material já no computador e transformava em vegetal, aí ganhava muito tempo nos livros, aí foi na época de professor David, aí eu passei um tempo na editoração, aí no segundo mandato de David eu já era responsável pelo setor de editoração, aí depois entrou professora Nadja que ela foi diretora, quando ela entrou eu já não era encarregado, eu passei um tempo sem ser encarregado e só fazia a parte de montagem, me ausentei um pouquinho das coisa porque eu tava estudando meus curso tudinho, aí pronto, quando Nadja saiu José Luiz que é o novo diretor me convidou pra ser responsável pela parte de editoração, pronto, aí desde de novembro de dois mil

e cinco eu sou o chefe de editoração daqui da editora, mais também nesse tempo, mesmo assim trabalhei na parte de montagem, sou responsável pela montagem que é o setor de arte, a parte de diagramação, diagramei muito livro, fiz muita capa de livro também, eu não sou só o chefe que fica no birô mandando o serviço, por falta de muitas coisa aqui eu sempre ajudava tanto na editoração como na produção.

Recordo de que quando eu cheguei aqui na editora em oitenta e três, o movimento da editora era muito forte, porque a editora trabalhava com sete campos da universidade, a gente produzia pros sete campos, então a demanda quando eu comecei, não aqui, mais quando eu fui, almoxarifado era grande demais, você tinha que abastecer a parte da oficina o dia todo que era a parte tipográfica, aí a quantidade de papel era enorme.

Na época, a editora era bem equipada, tinha acho que era vinte máquinas, era duas máquinas *offset* trabalhando o dia todo, tinha a parte de tipografia, acho que era cinco máquina tipográfica imprimindo o dia todo, tinha duas linotipo, que era de diagramação em ar quente, tinha a parte de acabamento que tinha na faixa aqui de umas quinze pessoas no acabamento, eu quando entrei aqui, só de profissional tinha cem pessoas, fora a parte administrativa. De lá pra cá foi encolhendo indiretamente, no meu pensamento quem passou por aqui depois que acabou a época da tipografia, quem veio pra cá foi indiretamente pra acabar com a parte de impressão da editora, com o parque gráfico. No dia de hoje tem mais dificuldade que naquela época, que naquela época como os equipamentos, a gente produzia muito e não tinha esse avanço tecnológico, as máquinas da gente funcionava todas e era só manutenção, de noventa pra cá foi se acabando.

Quando eu entrei aqui, que esse prédio era todo só da editora, você entrava aqui no portão da oficina, você escutava as máquina tudo:: parecia uma locomotiva vumvumvumvum o dia todinho, era um ambiente aqui na frente a gente tinha que nem um as árvore, tudim aqui era refrescado, então se a gente comparar a editora, eu vejo naquele tempo, em termo de que a o:: os reitor acho

que nem é a palavra reitor, acho que a universidade, como a gente:: trabalhava pros sete campo e produzia muito as coisa vinham, hoje em dia, é um negocio tão resumido que a gente tem que ta brigando pras coisa chegar aqui.

Saudade é:: eu tenho dos grandes amigos que passaram por aqui, que trabalho a vida toda, a gente tem mais os amigo não. A maior saudade é dos amigos que já se foram, ou então transferiram e às vezes tem funcionário que quando transfere de setor parece que esquece dos amigos que fica. No meu ponto de vista a editora é muito importante pra uma instituição que se fala em educação, se fala em projetos, in tecnológica tudim. Como é que você pode fazer isso tudim se você não tem uma editora, se você não tem publicação de livro? Porque os professor fala que não precisam de editora, mais quando eles precisam de lançar seus livros e fazem seus livro pra ganhar ponto nos seus curriculum tudinho a editora é valiosa, como os outros reitor quando era pra fazer os livros deles que nunca vieram aqui, a editora era importante, quando o material tá concluído a gente perde o valor da gente. Tivemos convênio intercâmbio com a França, com o Canadá, com Portugal.

Se a gente voltasse no tempo e tivesse uma direção, e tivesse olhar como o reitorado, tivesse olhar pra a gente ter uma editora forte e bem equipada, não como o que aconteceu, mais se tivesse hoje a vinte nove anos como quando eu cheguei, tinha bastante equipamento, era um prédio enorme hoje a gente tem, antigamente a gente tinha a editora todinha hoje a gente tem praticamente a porta dos fundo pra trabalhar, todo mundo conhece a TV, quando fala da editora a pessoa fica olhando pra uma porta. A gente já foi considerada a maior editora do Nordeste. Agora quando inventaram a TV universitária foi onde a verba da editora foi se embora mesmo.

Só deixa eu falar antes de fechar tudinho, a mágoa, a dor no coração que a gente tem sabe o que é? Os que tão chegando agora não viram o que foi a editora, o que foi uma oficina gráfica, eu cheguei em oitenta e três praticamente na metade do tempo de vida da editora, eu vi aqui a gente produzir, a gente crescer, mandar livros e mais livros, anos de publicações de muito livros

tudinho e a gestão de reitores, como o de antigos diretores nunca levantar um friso pra melhorar a vida da editora, se quem falar não, diretor x melhorou a vida da gente, comprou maquinário pra melhorar, eu vou dizer é mentira, chegou a professora Izabel em janeiro, dela eu posso falar que eu tô vendo, também ta começando se organizar, daqui pra frente em outra entrevista eu posso dizer a alguma coisa, mais de janeiro de dois mil e treze pra trás todos reitor e todo diretor não mais, de oitenta e três pra cá num investiram nada na editora, só fizeram destruir a editora, e diretores que passaram só pra fazer seu nome, que quando o nome dele tava bonito esqueceu quem quem trabalhou dia a dia, quem trabalhou de noite, de madrugada, suou, as vezes esqueceu até esposa, filho em casa porque tava produzindo pra editora, e esses diretores esqueceram essas pessoas, teve muitos funcionários aqui que morreu, outros transferiram e o quadro da editora é pequeno agora por causa desses diretores que achou melhor transferir um funcionário que melhorar as condições do funcionário, se eu tivesse uma foto de quando eu entrei agora e como entrei em oitenta e três, a uns dois anos atrás você ia ver tanta diferença como aqui do prédio, eu no final dessa entrevista, desse relato eu tive e tenho grandes amigos que as vezes eu falo: os funcionários da editora é como uma família, a gente passa o dia todim, passa mais tempo com com os pessoal aqui que com a família, eu mesmo sempre trabalhei oito horas, imagine você trabalhar o ano todinho oito hora, e quantas hora a gente gasta em casa? Então sempre foi formado um laço de amizade, tem aqueles momentos mais de amizade de alegria, tem momento que um discute com outro, mais a gente sempre discutia aqui pra ver se o serviço saia melhor, nunca ninguém discutiu pra ver o pior pro outro, que era normal, e como eu sou católico sempre digo com a graça de Deus eu vou ver a editora um dia do jeito que eu sonhei ser.

### **3.1.2 Vozes que desenham arte**

*Clemente Ricardo Silva*, natural da cidade de João Pessoa, servidor concursado desde 1994, em principio trabalhei no centro de recursos humanos, quando senti a necessidade de estudar, na época a UFPB não tinha nenhum planejamento com relação a qualificação do servidores, em cima da:: política, os cargos de chefia todos eram políticos e a qualificação pessoal muito difícil, pequenos cursos, mais a gente quando chega de empresa privada a gente tem um uma vontade muito grande de trabalhar, de fazer, e acaba sendo aquela vassoura que:: varre mesmo pra tudo que é lado, todo mundo quer você, todos buscam você, e você começa a:: querer melhorar e foi aí que eu:: procurei um, fiz um cursinho pré vestibular, depois desse pré vestibular fiz um curso de publicidade e propaganda, depois desse curso de publicidade e propaganda fiz outro curso que foi biblioteconomia, que é a minha área sendo da editora, já que eu sou da editora gostava disso e uniu o útil ao agradável, publicidade, biblioteconomia. Hoje eu tenho esses cursos superiores e uma especialização.

É interessante que eu vim pra editora porque eu briguei com minha chefe de recursos humanos, que disse que eu não podia estudar, eu tinha que ficar os dois expedientes trabalhando, e eu disse não, eu preciso me qualificar, pra isso eu tenho que fazer um cursinho, ela disse não libero, aí eu disse mais a lei me ampara, e então ela me dá meio expediente pra estudar, então por essa briguinha eu acabei vindo pra editora, que ela disse: vou lhe transferir, com a intenção de me deixar preso em algum lugar/.../, chegando aqui em 1999, sob a direção de David Fernandes, mas a editora já estava se depreciando.

Ele vinha mudando a postura da editora naquela época né, ele produziu quarenta livros num lançamento, e a editora, ela vinha já bem desgastada, ele conseguiu produzir bastante naquela época junto com a equipe, era uma equipe é:: na minha opinião, o que ele pecou, que ele não, não soube assim cativar as pessoas que trabalhavam, ele, ele, ele fazia com que todos trabalhassem mais não estimulava, não dava uma melhoria de setor, era sempre buscando a produção, produção, produção, produção em cima de produção e isso desgastava muito o servidor, eles acabavam brigando aqui uns com os

outros, e os motivos de saída daqui era sempre os mesmos, brigas, confusões uns com os outros, deles com chefia sempre o mesmo motivo/.../. Agente tinha que aprender muito, tinha que editar livros, capas de revistas, com o tempo eu fui vendo que pessoas bem simples tinham domínio de uma técnica muito interessante, seja pro, pra encadernar um livro, pra fechar aquele livro, pra fazer a diagramação, era pessoas que a gente num dava a menor assim ( ), será que essa pessoa trabalha na universidade, que função, mais ele é um, tinha uma técnica que humano sobrepõe a qualidade de qualquer máquina dessa, então a gente, hoje ainda é assim, hoje ainda a editora tá nesse sentido o que consegue levantar essa editora é humano, porque a parte física dela tá deteriorada, então já naquela época já era assim, as pessoas eram humanos( ), a parte técnica era muito bacana, tinham desenhistas aqui, exímios desenhistas/.../.

Na minha atividade de diagramador eu tive várias experiências. A melhor experiência que eu tive foi de um senhor que chegou aqui pra fazer uma capa, ele pediu a todo mundo que fizesse uma capa pra ele, ninguém conseguiu fazer essa capa, eu não conto isso como se tivesse me vangloriando, mais o quanto é importante a gente escutar o outro, porque quando eu sentei com ele, já era bem velhinho, já tinha os seus oitenta e pouco, ele me falou de um sonho que:: revolução de 64, esse sonho ele continha algo por dentro que corroía, ele queria botar pra fora tudo, aquele conhecimento que ele tinha, a capa tinha que ter algo tenebroso, tinha que ter um casal correndo, deserto, tinha que ter eles entrando num oásis, e eu fiz essa capa pegando esses elementos, então quando eu fiz a capa que ele olhou, ele ficou lá parado, eu disse pronto acho que ele não gostou, mais pelo contrário ele disse você fez o que eu pensei e:: nessa mesma linha de pensamento o diagramador ele tem que conversar com o autor pra tentar sentir, saber o que ele, ele deseja de uma capa ou de uma diagramação e as vezes a gente não tem tempo pra isso aqui dentro, é muito ruim a gente fazer as pressas, e:: eu já cheguei a fazer uma capa que a menina por telefone me disse como queria a capa através do pai dela que é Zé Neto ( ), me disse como é que queria a capa e:: eu fiz a capa, quando mostrei pra ela, ela disse era essa a

capa que eu tinha idealizado na minha cabeça, então são coisas assim que faz com que a gente se sinta, sei lá, realizado, goste do serviço que faz.

Hoje meu maior desejo é ver a administração dessa editora bem feita, (+) aí eu vou ficar tranqüilo. Um diretor que organize, que defina bem as tarefas, que coloque cada um em seu lugar certo, é uma pessoa que que busque as melhorias pros funcionários, uma pessoa que se preocupe com o todo, e não to aqui pra julgar ninguém, não é minha função, eu sou um servidor e a verdade é essa, mas cada um tem que fazer sua parte, não adiante a gente ta julgando ninguém e apontando, a verdade é a gente querer que a coisa melhore.

*Emmanuel Luna Rodrigues*, trinta e oito anos, cheguei aqui na editora com dezenove anos através de concurso público em noventa e cinco, janeiro de noventa e cinco, lotado diretamente na editora universitária, na área de editoração eletrônica. Da época que eu entrei mudou muita coisa, éramos na faixa de uns oitenta servidores, todos parte de editora. Tínhamos um parque bem maior, todo complexo aqui era apenas editora universitária, gráfica e editora universitária, hoje é:: tem tem outros setores, hoje tem a:: TV universitária, LDMI/.../. Eu trabalho na parte de diagramação de textos/.../.

Quando eu cheguei aqui, é em noventa e quatro tava havendo uma, uma mudança de tecnologia né. Na época a diagramação de texto era feito manualmente, o pessoal era chamado de diagramador, eles pegavam o texto impresso, ele pediria o texto a uma pessoa e corria o texto até ( ), chamado letra set e era um processo artesanal, manual sabe, eles contavam o número de linha que tinha pra, e quando eu cheguei tava acontecendo essa transformação, tava saindo da banca da prancheta pra ir pro computador, essa, esse processo tava começando a ser informatizado. Na verdade, como era uma coisa nova né, um mercado que tava começando a se criar, quando eu vi o edital do concurso eu procurei informações do software que usava e aprendi a utilizar. A prova era composta de português e matemática eu acho, e um prova técnica, então como eu já tinha, como essa facilidade com informática então facilitou porque eu comecei a buscar o funcionamento do software e deu certo, fui aprovado.



Quando eu cheguei aqui o Diretor na época era José David Fernandes, o vice era o professor Silvano Bezerra que hoje é diretor da editora da UFMA (++)), tinha todo um corpo editorial, tinha conselho editorial atuante. Hoje não tem, não é tão atuante como antigamente, agora na nova gestão, Izabel tá revendo essas coisas, embora esteja em stand bay.

Tudo era diferente no sentido de pessoal especializado sabe, até mesmo pela quantidade de gente que tinha não é, que tinha uma gráfica que era atuante, tinha máquinas na gráfica, tinha duas *offset*, tinha um monte de máquinas aí na gráfica que dava pra fazer o trabalho, e tinha pessoas pra operar né. Com o tempo isso foi sucateando, a editora foi, a gráfica foi sucateada e o esse serviço de impressão começou a ser terceirizado, porque gráfica e editora ela se divide aí né, a editora ela faz a parte de pré impressão, todo trabalho de pré impressão, de diagramação, de revisão de textos, de concepção de layout, de programação visual, a parte toda em pré impressa, a gráfica se encarrega apenas de fazer o produto final, pegar imprimir e fazer o acabamento não é, essa parte de gráfica quando eu entrei era o carro chefe no complexo da editora universitária não é, porque era onde tava locada a maior parte dos funcionários, e era a parte que dava realmente muita vazão e dava vazão ao trabalho, a parte de pré impressão existia mais era atuante, mais ela não, ela num dava a:: ela não tinha a mesma fluidez que a gráfica tinha sabe, porque como essa parte, como eu tava dizendo ela tava tendo essa transição e a afeiçoar essa coisa manual ( ) criando um gargalo né, enquanto a gráfica era chegar, no estante imprimia, enquanto pra imprimir um livro duraria por exemplo um é:: uma semana, a parte de pré impressão pra deixar aquele livro pronto pra imprimir demora três meses, por isso que criava um gargalo.

Específica, é como eu tô dizendo é tanta que acaba sendo é lembrando dos últimos né, que a gente trabalhou. Imagina aí acho que por ano, eu acho que faço edição de publicação entre cinquenta e cem livros por ano, em vinte anos eu tenho certeza que mais de mil obras já já passou pela minha mão.

*Hossen Albert Cortes de Oliveira*, apesar desse nome não tenho nenhuma descendência árabe ((risos)), é:: meu pai viu esse nome antes de eu nascer, achou interessante mais eu sou brasileiro mesmo, nascido em João Pessoa é:: e assim a minha história dentro desse mundo de de de gráfica e do, dentro desse mundo é é muito antiga mesmo. Desde criança eu sempre falava que ia ser desenhista, só que eu não sabia é::, não sabia:: me encontrar nesse termo é :: porque eu, eu imaginava que eu ia só desenhar mesmo, eu já tinha uma habilidade com o desenho mais, é:: ao passar dos anos eu vou vou me encontrando, dentro da profissão de design gráfico né. E aí em dois mil e é:: essa história é é curiosa, porque em João Pessoa nunca teve um curso de design gráfico, ta tendo agora no IFPB, e acho que começou em dois mil e dez, eu acho, dois mil e nove. Aí eu eu:: tinha iniciado um curso aqui em artes visuais mais não conclui, é:: mais eu já trabalhava na área gráfica, trabalhei já em miolo pra impressão, trabalhei no jornal A União, diagramando também, trabalhei deixa eu ver mais, na gráfica JB, é:: aí assim eu sempre tive nesse universo, sempre sempre tive tive trabalhando com essas coisas/.../. Sempre quis isso nunca me vi outra, é o o a vez que eu fui sair dessa área, que eu fui, eu fui, passei três meses trabalhando no setor de::, imagina setor de cobrança do jornal Correio da Paraíba. Imagina, um designe gráfico trabalhando no setor de cobrança? Eu dava baixa na na nas nas faturas né, e aquele negócio extremamente é:: estressante né, aquela atmosfera estressada, chefe era estressada, completou os três meses que eu tinha que fazer de estágio eu disse pessoal tchau, ((risos)) aí saí.

E comecei esse esse curso de arte visuais, foi meu primeiro vestibular, tinha tentado, na época tinha duas opções e eu tinha colocado a primeira como arte e mídia lá em Campina, mas o:: a vida tem uns caminhos é:: diferente né, a gente pensa que planeja, mas Deus é quem tá no comando. E a aí quando eu faço esse esse vestibular, que era pra arte e mídia, e segunda opção artes visuais aqui, que era o que eu achava mais próximo, aí eu passei no vestibular mas fui fazer a prova de habilidade específica lá e não passei lá em Campina, mais

assim, olhando pra trás se eu tivesse passado eu não teria condições de ter cursado, porque meus pais tavam se separando, tinha todo um processo que não ia dar certo. Quando meus pais se separaram eu eu fiquei o homem da casa, meu pai foi embora, deixou tudo e eu tive que sustentar minha mãe e cuidar da casa.

**BF:** Tu tens irmão?

**HA:** Duas irmãs, e as minhas irmãs já já tinha casado, eu sou do meio, mas minhas duas irmãs já tinha casado, e eu fiquei sozinho com a minha mãe em casa, e eu tinha que da conta do recado, minha mãe não trabalhava, minha mãe é é uma batalhadora também, porque ela vem se formar, ela se forma em pedagogia e passa no concurso tudo depois da separação, até a separação ela não trabalhava, não tinha um curso superior/.../

**BF:** Pra ela foi excelente, a auto estima dela foi lá pra cima.

**HA:** Não tem palavras não. Aí eu eu nesse período eu tava aqui cursando o curso de artes visuais, eu acho que eu cheguei a cursas uns quatro períodos é::, esse foi o período que eu comecei a trabalhar lá no jornal A União, então eu comecei a trabalhar período integral, até então, como eu como eu morava na casa dos meus pais tinha assim um certo apoio financeiro, não precisava, trabalhava só meio expediente e na outra parte eu estudava, mais quando meu pai saiu de casa eu tenho que romper com isso, aí vou ter que desdobrar de outras formas, aí eu fui trabalhar na União/.../

**BF:** Qual é a formação do teu pai?

**HA:** Meu pai é jornalista aqui da UFPB.

**BF:** Quer dizer que o o meio já estava dentro de casa também.

**HA:** É de certa forma né, porque comunicação, comunicação visual tem tudo a ver né, é::: aí num belo dia, eu eu olhei assim pra o professor e falei caramba eu tô fazendo esse curso aqui, caramba vou sair desse curso aqui pra

ensinar educação artística, dar aula de educação artística. Seu eu for pra sala de aula pra dar aula de educação artística eu vou ganhar menos do que eu ganho hoje trabalhando na área gráfica. Eu digo não, não é isso que eu quero não, não é da aula não que eu quero não, e não era mesmo, ainda não é também. Tem gente que fica meio me empurrando, rapaz você tem jeito aí, eu num, não me convenceram, enfim aí eu saio, abandono o curso de artes visuais sem nenhum arrependimento até hoje, e vou trabalhar, só aí fiquei acho que uns dez anos afastado da da academia, aí em dois mil e oito, é não foi menos de dez anos, que em dois mil e oito eu passo aqui no concurso in in dois mil e três, pra técnico em artes gráficas. E essa bagagem de chão de fábrica né, como diz, foi muito importante, mais do que a academia assim no sentido de de pratica mesmo, é a:: a prova foi feita pra mim, aquela prova, porque ela perguntava muito sobre a pratica gráfica, sobre o parque gráfico, sobre coisas, coisas é que na academia muitas vezes a gente não ver né, na maioria a gente não ver. Aí foi foi foi bem por isso, não foi uma escola, foi a escola da vida que me ensinou né, e que me fez entrar aqui, por isso que eu é:: digo assim, a gente pensa que planeja mais Deus é quem ta no comando, aí é em dois mil e oito eu decido, não vou fazer, que abre o curso de design, é design de produto em Rio Tinto da UFPB, vou fazer design de produto e depois eu faço mestrado na área de design gráfico, e vou tentar isso, até então não tinha, aí começo lá, passei no vestibular mesmo depois desse tempo fora, mais aí dei uma estudada, revisei o assunto, vamos lá, passei, aí cursei eu acho que uns quatro períodos, aí começou a ficar assim impraticável, porque ir pra Rio Tinto todo dia de manhã, acordava de cinco da manhã, ir pra Rio Tinto e voltava, chegava aqui as vezes não dava tempo almoçar, tinha que vir direto pra cá, pra dar meu expediente aqui, era uma correria assim, absurda mesmo. E aí eu fico sabendo do curso de design gráfico. Digo, rapaz não ta dando não, eu vou tentar design gráfico que é o que eu quero, não adianta ficar perdendo tempo, e assim fiz e consegui entrar, eu tô no quinto período hoje de design gráfico só falta um pra terminar.

**BF:** E aí você é casado? Tem filhos?

**HA:** Sou casado, tenho uma filhinha de dois anos e meio, Marina minha fofa.

**BF:** Tua esposa também é da área?

**HA:** É interessante essa história também, que quando a gente passou no concurso passamos os dois no mesmo ano na mesma edição do concurso, naquela época eu morava com minha mãe, a gente tinha casado, olha que coisa sem futuro, a gente casou e foi morar com minha mãe né, a gente não escutou aquela história, quem casa quer casa, mais era uma situação assim que não tinha muito pra onde correr, porque minha mãe ainda tava fazendo o curso de pedagogia, não trabalhava, então assim, se eu fosse sair de casa eu ia ter que sustentar duas casas, uma só era mais fácil, era uma casa grande que a gente tinha lá no Cristo, então dava pra gente ir sustentando, mais sempre ficou nessa ideia, não, a gente vai ficar mais é um é temporário. Quando chega no ano do concurso a coisa tava brava e a gente não tinha nem a grana pra fazer as duas inscrições, era quarenta reais, aí minha esposa vai na casa dos pais dela e comenta sobre o concurso, aliás, o pai dela perguntou a ela, se ela ia fazer, ai ela disse: não, vou não pai porque a gente ta ruim de grana é:: Hossein vai fazer porque tem duas vagas, pra minha área, ela é bióloga, só tem uma vaga então é melhor que ele faça, porque tem mais chance de passar. Aí ele disse: não, você vai fazer também, eu lhe dou o dinheiro, eu estou lhe dando o dinheiro pra você fazer esse concurso, faça o concurso. Aí deu os quarenta reais a ela, aí a gente se escreveu e passamos os dois, ela passou na área dela.

**MR:** É tu lembra quem eram as pessoas que trabalhavam aqui na tua época/.../

**BF:** Quando você chegou quem era o diretor?

**HA:** Era Luiz já, eu não sei tava naquela transição, na verdade né, tava saindo David pra entrar Luiz/.../

**BF:** Quando tu chegasse aqui qual foi o teu sentimento?

**HA:** Rapaz foi estranho, porque lá na União não era muito diferente, assim, em termo de estrutura, assim, os computadores também era bem ruinzinhos e tal, mais assim, eu me deparei com a estrutura assim, de organização zero, porque quando eu saio do jornal vou trabalhar numa empresa particular né, assim uma empresa privada, na Multimagem eu trabalhei lá com tratamento de imagem e assim, a gente tinha tinha sempre computadores mais novos tal, e tinha muita regra assim, a gente tinha um cheque list a cumprir, e aí eu chego aqui não tem nada, é tudo assim, eu caramba como é isso? O pessoal diagramava os livros no Word, nem o pagemaker ninguém usava, eu digo engraçado isso, como é que vocês conseguem diagramar um livro no Word? Rapaz é o que tem, mais era assim. Aí é:: eu começo a a a mostrar assim eu eu me sinto um pouco responsável por essa mudança na mentalidade dos meninos assim, porque assim, quando eu cheguei era bem isso mesmo, mais também uma coisa de equipamento, eles tinham na cabeça uma coisa de que o pagemaker funcionava muito ruim nas máquinas que eles tinham, então assim, eu começo a dizer não bicho, vamo usar o programa certo, a gente tem que ta trabalhando o mais profissional possível. Como companheiro de trabalho, Clemente que não é técnico da área, ele é técnico administrativo ele tinha vindo da reitoria, aí tinha Marta também, que Marta entrou aqui como fotografa ou foi técnica de fotolito.

**BF:** Quem era o diretor da época?

**HA:** Era Zé Luiz, eu me lembro muito pouco de intervenções assim de David, David parece que tinha meio que uma intervenção assim superior, ele chegava e a qualquer hora ele mandava, mesmo tendo Zé Luiz ali, sabe meio que uma entidade.

**BF:** E ai como é que vocês começaram? Como é que nesse tempo você foi, você tem ideia de quantas obras você já diagramou?

**HA:** Não tenho ideia não, mais muita coisa.

**BF:** Tu tens em arquivo?

**HA:** Eu tenho alguns, é eu acho que eu tenho nesse computador que eu trabalho hoje, eu tenho um becape desde de dois mil e dez, mais é, acho que Almir tem tem mais coisa de antes, a gente teve muitos problemas com computadores antigos que quebrou, perdeu força, nunca teve essa política de becape que é um absurdo.

**MR:** Como era o dia a dia da editora?

**HA:** A gente trabalhava ali atrás do Banco do Brasil, era dentro do prédio da livraria, tinha a livraria e atrás ficava a gente funcionando, agora era ruim porque assim a gente não tinha internet lá, rapaz pra fazer capas, pesquisa de imagens era horrível. Eu lembro de uma capa que eu fiz, eu tenho ela no meu portfólio, a gente não tinha material nenhum era era Matas ciliares no domínio das caatingas, aí a gente lá, eu e ela pensando como que a gente vai fazer essa capa? Aí a solução foi pegar as folhas das vegetações, escanear e colocou essas imagens, é fazendo uma espécie de sírio mesmo né, assim, em cima e em baixo e o nome no centro, fez uma gambiarra mais era sempre assim, porque não tinha internet, não tinha banco de imagem. Eu ia as vezes lá na biblioteca, ia buscar livros de arte, uma coisa que encontrasse uma imagem bacana, pegava o livro escaneava e fazia montagens pra poder. Era interessante do ponto de vista criativo né, mais era difícil. A gente veio pra cá, eu não lembro o ano, foi no tempo de Nadja, pouco depois de Nadja, foi melhor nesse sentido, mais a gente ainda tinha muito problema de de computador. Teve um tempo no início da gestão de Sandra aqui na TV, e esse movimento era muito estranho porque assim, ela queria alguém pra diagramar um jornal, o informativo UFPB, e aí ela me capturou da editora pra fazer isso, e era um negócio terrível porque eles, era um jornal que saía de dois e dois meses mais eles só deixavam pra fazer todas as matérias com uma semana as vezes, e eu tive dias de sair daqui de onze horas da noite diagramando esse jornal, ligava pra mim, pro meu celular tarde da noite, assim pra fazer, pra resolver esse negócio, eles tinha dois meses pra

fazer mais eles deixavam por último. Aí nessa época do jornal, eu tinha que trazer meu computador de casa, porque o daqui não dava conta, era era muito pesado, depois Marta vai embora, ela foi pro Maranhão e aí ficou somente eu , Emano, Clemente e Mônica, era somente quatro na editoração, depois chega Alice, depois a gente consegue, depois de fazer quase uma greve aqui, é a gente ameaçou fazer uma greve de setor pra poder, eu disse: eu não trago mais meu computador, acabou, teve um problema que queimou a memória do computador e nem a memória do computador quiseram substituir, eu queimei porque trazia todo dia pra cá, aí depois Sandra até comprou a memória, acho que ela pesou a consciência não sei, aí comprou a memória, mais eu disse: olha não vou trazer mais, não rola, cês deem um jeito aí, e conseguiram um computador, aí conseguiram um computador pra eu trabalhar no jornal, e depois vieram essas Macs, isso foi a uns quatro anos atrás. Aí teve um outro concurso que passa Rildo e Leila, isso foi a uns três anos atrás, aí a sala começa a ficar apertado, porque a gente continua com os três computadores e seis pessoas, aí recente agora entrou Alexandre, aí até Izabel teve que botar o computador dela.

**MR:** O que vocês produziam?

**HA:** Essencialmente é livro né, diagramação de livro e capa, as vezes acontece do professor trazer a capa pronta, mas geralmente não é legal.

**MR:** Como era o clima aqui dentro?

**HA:** Rapaz isso é um caso a parte ((risos)), é porque assim é:: lá na editora entre eu e Emano a gente tem um clima muito bom, a gente tem uma sintonia, a gente é amigo fora daqui, com Rildo também, Alexandre que chegou agora, amigo fora daqui, mais assim tem tem pessoas que não dá, a gente fala mais não quer levar pra nossa casa, porque assim eu eu sou uma pessoa que eu não entro numa empreitada se eu não poder com ela, o que eu tô querendo dizer é que eu visto a camisa independentemente de onde eu esteja, eu não tenho essa visão de que ser funcionário público significa ser vagabundo, de jeito



nenhum, e assim o que eu vejo que ainda tem muito na editora são pessoas assim que ou são acomodadas, ou que posam de que querem mudança, mais na hora da mudança, que a mudança chega aí neguinho sai correndo, e isso ta acontecendo porque Izabel ta trazendo mudanças aqui é:: assim fantásticas, mudanças que a dez anos eu sonho com elas. Aí assim os problemas que tiveram aqui dentro da editoração foram com relação a isso, porque muitas vezes o discurso não bate com a prática e isso me irrita pro-fun-da-men-te. Olhe se você disser, se você for aquele funcionário que chega aqui de dez horas, saí de meio dia sabe, relapso tal seja agora assuma que você é, não queira passar atestado de idiota pra mim não que isso eu não suporto, é aí onde começa os embates. Assim esse time assim que trabalha comigo de manhã nesse período de sete a a as treze porque é o time que eu tenho contato assim, é:: fechado, todo mundo tá imbuído do mesmo projeto sabe, a convivência com essa galera aí é perfeita pra mim, não teve coisa melhor que ter vindo Rildo com formação de design é:: entende quando você fala que o livro ele precisa ser estudado desde a tipografia ao gride, toda a construção do livro como projeto, Leila também teve formação de design gráfico em Pernambuco e agora Alexandre que tem mestrado é:: é design também de produto mais sempre teve na área gráfica, então assim totalmente diferente.

**MR:** Tu lembra de algum acontecimento marcante na editora?

**HA:** Tem direto. Essas coisas de ler o livro tem direto, as vezes tem que parar porque a gente se pega lendo o livro e não ta diagramando né. Mais o mais mais uma ideia contrária acontece muito nas capas isso é corriqueiro. Um episódio que me marcou foi com a professora, é professora Lorelay, ela hoje é minha amiga depois do episódio passado a gente ficou amigo assim, ela foi professora da minha esposa no mestrado, mais Lorelaytava com um livro pra pra diagramar aí:: ela tinha acertado comigo pra vim no outro dia às nove da manhã, aí eu tava doente, lascado mesmo em casa, mais eu digo não eu já acertei com Lorelay eu vou porque senão ela vai ficar chateada, não tinha como me comunicar, não tinha essa coisa de e-mail enfim, aí eu vim fiquei no ar

condicionado fiquei ali, deu nove horas ela não chegou, nove e meia nada, digo rapaz eu saí daqui era umas onze horas, eu digo rapaz não aguento não vou me bora pra casa, aí fui embora, foi eu dar as costa ela chegou, aí ela chegou e não me encontrou, ficou danada da vida né. Há porque isso é um absurdo não sei o que blablabla, aí falou com Luiz lá, esperneou, aí deixou um bilhete pra mim dizendo que era um absurdo, uma falta de respeito porque ela tinha combinado comigo e eu não tinha chegado tal. Aí eu rapaz logo comigo isso tô todo dia aqui, eu acertei de nove horas saí daqui de onze e ela não chegou, cheguei no outro dia tava lá o bilhetezinho né em cima da mesa. Quando ela chegou aí::, não eu cheguei né aí Luiz disse rapaz a professora ontem teve aqui e não te achou, aí eu disse rapaz eu saí daqui onze horas, tava doente lascado, ela acertou nove horas eu pensei que ela não vinha mais né enfim, pois é ela deixou um bilhete pra você aí tinha lá um bilhete na minha mesa. Aí quando ela chegou eu disse mais Lorelay o que foi que houve? Aí ela não porque eu acertei com você. Eu disse sim mais você certou de nove horas, eu saí daqui de onze hora e tavadoente. Aí pronto eu sei que a gente se acertou, no outro dia quando eu cheguei tinha um chocolate, não tinha mais um bilhete não, pronto aí passou.

**MR:** Qual o maior desafio seu e da sua equipe?

**HA:** Desafio é nesse sentido de de:: a gente como design a gente entende a importância de uma capa, a importância de uma boa diagramação e nem sempre os professores eles entendem isso. A gente esse problema da capa que eu venho batendo nessa tecla é o mais é:: angustiante. Na diagramação eles não interferem, não tem esse poder né de interferir tanto que é ruim também porque como a gente ta numa academia os professores eles não conseguem entender que uma dissertação não pode automaticamente virar um livro, ela tem que ser remodelada, inclusive título essas coisas, e aí eles querem insistir aí isso é complicado da gente conversar, dificilmente eles aceitam. Teve um professor aqui nesses dias, ele é arquiteto, doutor, professor não sei das quantas aí, mais ele disse não pessoal eu quero, eu preciso que vocês façam, o que eu entendo é

de arquitetura, eu preciso de design pra fazer o meu livro, e aí eu disse rapaz num era bom que todo professor fosse assim, esse é o maior desafio.

**MR:** Que projetos destacaria que foi realizado pela editora?

**HA:** Eu acho que isso é recente, porque a gente vai vai:: realmente vestir essa camisa da mudança e da da preocupação como um todo como projeto do livro com Izabel, é:: eu não posso dizer, até porque também isso isso vem paralelo a a:: dois acontecimentos né, paralelo a minha formação como design que tá ainda acontecendo né e paralelo a chegada de mais três design, então assim eu não tô mais discutindo é:: design sozinho. Como projeto, começa com Izabel, e aí como Izabel pega essa essa bomba que foi a Coleção Humanidades que a gente chama de eternidades que não acaba nunca, mais assim foi a primeira coleção que a gente sentou e não, vamos estudar aqui como é que a gente vai fazer, vamo ver qual a tipografia, os tamanhos, entrelinha tudo, essa foi o que marcou.

**MR:** Me fala um pouco como era na época que tu entrou aqui e como tu ver hoje?

**HA:** Na época era era isso, era bem bem assim é:: sem sem regras e sem meio que sem horário pra ninguém, sem nenhuma política assim de dede trabalho mesmo, assim de regras de trabalho, pra mim foi muito difícil eu tenho que ter um Norte. Hoje eu vejo que a coisa tá, a gente ta conseguindo mudar isso é:: com a chegada de Izabel e essa mudança de pensamento eu enxergo que a mudança começa agora, com a saída dessas cabeças velhas.

**MR:** O que você mais sente saudades da época de convivência aqui?

**HA:** A única coisa de saudade vou lhe dizer, na nossa sala lá mesmo sem internet, a gente tinha uma janela e a gente via a mata, aqui não tem janela é muito frio, eu sinto saudade disso.

**MR:** Que importância tem a editora pra UFPB?

**HA:** Total importância, é a editora que dá vazão a todo conteúdo acadêmico.

**MR:** Tu tem alguma lembrança de alguém que tenha tua obra publicada aqui pela editora e que tenha chamado sua atenção?

**HA:** Tinha um senhor aqui que ele era muito bacana, é:: professor Nivalson, desenhista maravilhoso, faz uns desenhos com com tipo aqueles desenhos de Soster né ele faz aquele estilo, uma vez a gente tava trabalhando a marca da UFPB e eu não me liguei na aula de heráldica lá vou eu mexer no brasão da UFPB e e e:: como esse brasão é muito mexido eu não sabia qual era a cor exata, depois é que ele vai me mostra aquela página lá da dada UFPB que tem explicando e me explica também, olhe isso aqui é tal cor por conta disso tal.

**BF:** Agora quem fez essa descrição foi Afonso Pereira um professor que tinha aqui, e eu tenho manuscrito ele escrevendo este brasão, manuscrito e ele vai descrever cada momento do brasão e´ a coisa mais linda.

**HA:** Professor Nivalson deixou de vir aqui porque ele teve um atrito com Almir, e aí ele se sentiu desrespeitado né, obviamente, e aí ele ficou muito desgostoso e deixou de vir aqui mais ele vinha sempre aqui.

**MR:** Se fosse possível voltar no tempo o que tu faria de diferente aqui?

**HA:** Eu acho que o o:: eu brigaria menos, brigaria menos eu acho, não que eu não defenda as posições que eu tomei nas minhas brigas, que é aquela história que eu já falei né, eu sou muito, eu visto a camisa e não aguento ver alguém pousar que veste a camisa e fazer o contrário e por isso eu tive muitos embates é:: eu acho que eu, se eu pudesse, isso é uma característica minha, na verdade acho que do meu pai, assim sou meio pavio curto, isso é uma coisa que eu luto, é uma luta pessoal assim contra esse meu lado mais, mia de embate, assim se eu pudesse mudar alguma coisa séria isso com certeza.

**MR:** Tu tem alguma foto daqui, documento que possa fornecer?

**HA:** Não, rapaz tenho não, eu posso até ver.

**BF:** Aí eu te pergunto o que é que você acha dessa política de encolhimento da editora, você ver isso como uma política de encolhimento, como é que você ver essa forma, porque hoje vocês tão reduzidos, como é que você ver isso?

**HA:** É uma sacanagem, porque assim é quando a gente, a aa gráfica sempre funcionou nesse prédio né todinho, isso aqui era tudo gráfica, aí chega o pessoal da TV e toma emprestado algumas salas, aí hoje a TV tomou e e hoje você não pode praticamente fazer uma ligação aí na frente porque o camarada da TV não deixa, assim é a editora hoje praticamente se resume a essa sala, a metade ali comeram, aqui em cima é tudo TV e da recepção ali pra frente né é tudo TV.

*Mônica Câmara*, Sou de João Pessoa é:: enfim, nossa a gente pensa que não mas quando olha pra trás agora chega me deu um troço no juízo porque é muita coisa, minha formação, vamos começar pelas formações porque talvez ajude. A minha formação é comunicação, a pós graduação é de linguística, mas minha grande paixão mesmo que eu sinto no coração pulsar, que é essa coisa toda da minha afetividade ou minha relação com o mundo onde é que eu linkei, consegui linkar e de alguma forma me identificar no mundo é com a fotografia, então eu sou foto jornalística por vocação, por é:: enfim, por vocação, por formação e tem mais coisas aí, agora por hora é isso e vim parar na editora graças no primeiro momento, quando terminei o curso de, de jornalismo eu fui trabalhar em algumas gráficas e interessante na época como eles usavam alguns livros com imagem e faziam trabalho de manipulação dessas imagens de forma que não, de todo não fosse a imagem que constava no livro, dali tudo começou a me incomodar porque eu não achava nem justo com quem tinha feito a imagem e nem com o meu trabalho, porque preso principalmente né, a gente que vem de uma formação ética familiar e de da questão do desrespeito a autoria de outra pessoa, então eu fui fazer o curso de fotografia e nessa, no

andar da carruagem houve um desdobramento que eu fui parar no jornal O Norte, que infelizmente já falido que aí a grande escola da maioria dos jornalistas, dos formados aqui em comunicação, e eu sai do mundo publicitário porque trabalhavam pouco mexendo com isso nessas gráficas e fui pra, aliás eram agências de publicidade na verdade, não gráficas, só que no jornal eu trabalhei com imagem mesmo, fotografias, minha relação com o mundo. Tanto que aí nesse, foi nesse universo aconteceu o concurso e me inscrevi e vim parar aqui na, na, na editora/.../

**MR:** Em que ano foi o concurso?

**MC:** Foi em dois mil e quatro. Entramos eu e Hossen nessa levada e então eu já vinha com uma, uma carência já relacionada a qualificação do meu trabalho aquilo que eu presava, tanto da parte da fotografia quanto do designer, então quando eu cheguei aqui eu tentei aliar a isso, inclusive era fato curioso, também eu gosto muito de lembrar desse detalhe, que quando eu tava formatando os livros eu lia os livros, aí começa a juntar um pouco, tem esse lado assim que eu achei bacana quando eu vim pra cá porque sempre quando a gente tá abraçando uma exercício novo, uma atividade nova, tem um q de, de, de, é como se fosse de, de, de, de alumbramento, por exemplo, pra muitos diz assim ah, eu, enfim, é, é pelo ganha pão, outros, ah pra mim é pelo desafio, não pra mim era justamente como justapor porque eu amava livro, minha relação com o livro desde a infância sempre foi mais próximo do que com gente, hoje eu faço o inverso, eu tento ir pros lugares pra ver se aquilo que eu li no livro é de fato, muitas vezes me frustra entendeu, engraçado os livros que tem um vínculo regional com a cultura popular, quando eu chego lá encontro tudo aquilo fico doida, que fui agora novamente pro interior da Bahia encontro mil Gabrielas, aí eu fico, aí a coisa entendeu, povoa realmente, eu adoro e os Capitães da Areia né, a gente encontra os Meninos de Engenho, encontro tudo isso, já as literaturas lá de fora salvando os Miseráveis de Victor Hugo é:: mais complicado, mas enfim, vamos lá. Mas voltando então eu comecei essa relação com os livros aqui, eu não vou mentir, eu acho que nesses últimos, porque tem

uma pausa aí em dois mil e oito eu saí pra pós que foi linguística e volto em dois mil e dez e tava também nesse período, um período de::reestruturação , eu acho que a editora vem levando já ao longo desses quase dez anos né que eu to aqui é:: de reestruturação então a gente ta aí com o maquinário, acho que em déficit né, aqui a gente conseguiu algumas alterações, algumas mudanças mais ainda há muita coisa pra delante. Em dois mil e onze, chega Leila e Rildo, e eu digo pra você que pra mim foi naquele momento, claro que depois quando a gente conseguiu esse ambiente tudo foi bem bacana, mas a chegada desses dois seres humanos nesse ambiente, pra mim foi melhor d que ter chegado qualquer máquina, ou mesa com rodinha, mas foi também isso foi bom/.../

**MR:** Me diz uma coisa, tu nasceu aqui em João Pessoa, mora em que bairro?

**MC:** Nasci aqui em João Pessoa mesmo, agora moro no Cristo, mas meu bairro de coração é o Ernesto Geisel. Eu nasci em João Pessoa, morava no Ernesto Geisel, na rua Juscelino Kubitschek, quinhentos e sete, só tinha presidente, aí eu gosto muito dessa brincadeira, mas é dali a gente foi pro Cristo porque minha mãe tinha uma história de que, era muito religiosa, ela foi ministra da Comunhão por muitos anos e da Eucaristia então ela quando solteira, comprou um terreno no Cristo Redentor, tinha que morar n Cristo, e fomo pra lá e moramo lá, na casa número mil, que tem um pé de caju na frente, não tem como errar, então/.../

**MR:** Tua principal ocupação é aqui mesmo? Não tem nenhum outro trabalho?

**MC:** Hoje sim, ai o outro trabalho por fora que já tive, hoje to um pouco mais reclusa, por causa da doença dos meus pais, não fosse isso a minha vida é no mundo e linkada aonde há vida.

**MR:** Tu entrou aqui em que função?

**MC:** Como técnica em artes gráficas.

**MR:** Tu continua nela, tu não saíu.

**MC:** Não, não, não, não.

**MR:** Quando tu entrou aqui tu lembra dos teus colegas quem eram?

**MC:** Lembro, lembro. Entrei junto com Hossen, Emanuel, tem Clemente que ainda tá, Alice do Rio, nós tínhamos como chefe, que também atuava no setor que era o Davi/.../

**MR:** Quando tu entrou aqui, Davi já era chefe aqui?

**MC:** Ele tava saindo era uma transição, eles já tava nos últimos dias pra passar o cetro porque ele tava pra assumir o polomultimídia, a história da TV, aí posteriormente, não, tinha Marta também, que foi pro Maranhão porque ela foi acompanhando o cônjuge, o marido Silvano Bezerra. Como a parte da editoração tava próximo da casa do livro, aí nós tínhamos Rosangela também lá naquele setor, tinha Aline e tinha Taís, que ajudava na parte da livraria/.../

**MR:** Elas eram da livraria?

**MC:** Dá livraria mas, era assim, tinha uma porta que dava pro setor, a porta dela dava dentro da sala da gente, então era impossível da gente não ta ali convivendo com todo mundo, também tinha chefe Almir/.../

**MR:** Almir era chefe de que?

**MC:** Era de editoração.

**MR:** Tu lembra quem eram os diretores que tu já pegou?

**MC:** Quando eu cheguei era José Luiz da Silva, que a gente conhece por Lula, o vice Zeca, e Almir que fazia essa ponte entre a gente e a diretoria.

**MR:** Quanto tu entrou aqui quais eram as dificuldades que tu mais tinha aqui dentro da editora?



**MC:** Olha a primeira eu acho que era, acho que a primeira era essa coisa técnica do computador cara/.../

**MR:** A tecnologia.

**MC:** Porque num dado momento a gente, aqui em em certos momentos eu não falo somente aqui porque eu também fiz a pós e a gente sofre um bucado disso, em termos de estrutura, com essa questão estrutural mesmo, assim porque os equipamentos quebram, precisam de manutenção, isso leva a um, isso exige um pouco de, é chato, exige muito dos gestores, exige da gente, a gora vou te dizer uma coisa, uma coisa daqui, pelos menos aqui é uma coisa que eu observo muito, engraçado todo mundo acha que eu falo muito né, mas eu não só falo muito não, eu observo muito, escuto ainda mais e tenho um olfato que nem todo cachorro tem é:: o pessoal daqui é muito cuidadoso com equipamento de trabalho, é muito cuidadoso e isso me agrada muito, porque quando eu trabalhava no jornal eu não sentia isso não.

**MR:** Como era o dia a dia da editora? Como era e como é?

**MC:** Olha eu vou te dizer, teve uma época, pra você ter uma ideia, essa coisa de computador, essa coisa, essa parte do maquinário sabe, enfim e:: uma certa falta de espaço, porque querendo ou não os horários a gente teve que mesclar e tudo mais por questões de falta mesmo do ambiente, porque por exemplo, hoje eu acho que a gente ta em torno de nove funcionários, se os novem quiser vir de manhã não tem espaço, a gente já conseguiu regimentar aqui de tal forma que tá confortável mais, se tiver aqui todo mundo onde é que o companheiro vai sentar, essa coisa do espaço físico ainda é um problema pra gente, agora a gente tenta levar de boa porque é uma questão de convivência.

**MR:** O que vocês produzem?

**MC:** Olha tudo que esteja vinculado a vamos dizer assim projeto gráfico, que isto vai desde um mosquito a um folder, passando por um folder por um cartaz, por um livro, atlas, vai por aí.

**MR:** A produção gráfica de vocês é fazer o que?

**MC:** Não, aqui na editoração é, seria o desenho gráfico tanto da capa quanto do miolo, isso aí é da nossa responsabilidade.

**MR:** Você lembra de alguém que tenha se destacado como colega seu aqui, que você queira falar?

**MC:** Uma coisa que pra mim marcou muito e eu acho que se não for pontuado por algum outro companheiro, é porque passou assim, mas a chegada de Leila Nunes e Rildo Coelho, me emociona, eles tem uma energia sabe, boa cara, mais tão boa que eu acho que eu já disse e torno a repetir, foi melhor do que qualquer qualquer mobiliário assim pra mim sabe?! Foi a chegada deles dois aqui.

**MR:** E as brincadeiras aqui de vocês como eram?

**MC:** É como eu te falei agora são muito mais leves, são muito mais agradáveis.

**MR:** Como era o clima aqui dentro e como você via a editora e como você ver hoje?

**MC:** Aí a gente também tem que considerar um período em que o nosso chefe Lula teve doente, ele teve ausente eu acho que naquele momento ele perdeu muito gás, com essa perda acho que repercutiu quando ele volta, como é que ele ta enxergando isso aqui, é obvio que o fato dele ter adoecido isso também deve ter levado, isso é::, uma observação minha, isso é:: sabe aquela coisa que ele vai uma vez, vai duas, vai três atrás de coisas aqui pro setor e não consegue, eu acho que vai, chega uma hora que vai cansando, talvez um ponto positivo que eu eu acabo encontrando marcadamente agora na gestão de Bel, mas ai também considerando que é o primeiro momento dela aqui, só o fato de Leila e Rildo terem chegado, isso também pra quem gesta fez diferença.

**MR:** Tu lembra de algum acontecimento marcante nesses anos de trabalho aqui na editora?

**MC:** Olhe, eu lembro do fato marcante independente do tempo que eu to aqui, antes, os lançamentos dos livros, pra mim, eu acho que fora isso só tinha os eventos do SESC e da finada Aliança Francesa lá da Lagoa, onde haviam grandes saraus, lançamentos de livros/.../

**MR:** Isso quando tu era estudante?

**MC:** Quando eu era estudante, e no período quando eu estava ainda fora do mercado de trabalho, então eram os meus roteiros.

**MR:** Como é os materiais que tu utiliza pro teu trabalho?

**MC:** Computador e os programas de software de editoração.

**MR:** Quais os softwares que tu utiliza?

**MC:** O photoshop, o Wind designer, ilustraton, o Corel Draw, aí tem os documentos dos originais em World.

**MR:** Já teve alguma capa que tu fez que te chamou a atenção?

**MC:** Todas elas.

**MR:** Qual o maior desafio aqui da equipe?

**MC:** Rapaz hoje eu acho que o nosso ainda, o nosso maior desafio é com relação a parte de equipamento, como eu te falei se tiver dez pessoas aqui não tem como, nem tem dez máquinas.

**MR:** Tem algum projeto que foi feito aqui pela editora que é, que você viu que foi um projeto muito bem feito, realizado pela editora?

**MC:** Olha agora tu agora tu pegou viu. Porque assim eu vejo acompanho aqui os projetos, e como eu me alimento muito do que eu vejo, eu sou da semiótica mesmo, aqui os projetos todos que eu vejo m.u.i.t.o. bons, mas que

muitas vezes quando ia pra parte final, que justamente essa parte é terceirizada, muito ruins então destruiu os projetos que a gente fazia, isso muito vezes me deixou deprimida. Eu tenho um bucado de problemas com isso, eu tenho muitos livros bons que foram feitos, depois eu posso até te mostrar o projeto original e como ficou no final e é decepcionante pra mim, pra quem passou noite baixando fonte, porque o teu livro não é igual ao de João Pereira, o teu livro não é igual ao de Maria dos Santos e aí eu chegar, passar horas a fio a noite baixando arquivo de uma fonte pra botar no teu livro que tenha a tua característica, ou a característica daquilo que você ta transmitindo no teu trabalho e quando eu chegar tá os três igual, como é que eu fico? Peraí, entendeu?! Essa é uma questão conjuntural que muitas vezes esse lance de ir pra pregão cara, é botando a gente, praticamente é botando a gente por baixo.

**MR:** O tempo nos traz alguma saudade, do que você sente mais saudade?

**MC:** Eu prefiro agora.

**MR:** Que importância tem a editora para a UFPB?

**MC:** Ela é como se fosse assim de:: importância, eu não vou dizer, ela é crucial, ela é crucial porque tudo que se:: divulga em termos de conhecimento dá, dá universidade passa por aqui, se não passar por um viés passa por outro. Então ela deveria ser muito mais respeitada do que ela é,, ou que ela tenha sido algum dia, eu não sei se ela foi respeitada até por ter muita publicação não sei, porque escutei gente falando mal dela.

**MR:** Tu lembra de alguém que tenha tido a sua obra publicada aqui pela editora, e que de alguma forma tenha chamado sua atenção?

**MC:** Rapaz sempre tem, sempre tem, olhe, uma obra que me chamou atenção, bom, a coisa das aulas magnas de Ariano é qualquer coisa que não é desse mundo, então eu conheci Ariano antes, conheci justamente por um lançamento de um livro dele aqui pra você ter ideia, na verdade não foi num

lançamento, eu vim pro lançamento mas, antes uma aula magna dele né, eu era aluna, aquela coisa toda né, depois porque ele é da terra de minha mãe, e o povo daquele terra realmente não é muito desse planeta, o fato depois do lançamento do livro, um trabalho muito bonito que eu fotografei de Gustavo Moura, foi um livro editado por Davi, ele é um danado de um editor, ele também lançou o Eu, ele fez aqui uma edição até a custo, tipo muito baixo, era tipo cinco reais, ele ainda tinha uma ideia de refazer a reedição do Eu a custo de noventa e nove centavos que toda pessoa pudesse comprar. Eu ultimamente trabalhei muito com a professora Irene Dias que ela tem um trabalho literário, e que ela foi uma espécie é::pra gente aqui de um, que ela rompeu algumas tradições dentro da literatura, da literatura da poesia erótica, ele é uma efígie sabe, pra mim assim, a postura dela, maneira que ela encara a vida é muito bacana, a própria professora Bernardina pra mim é::chover no molhado, devo a ela a minha pós graduação, porque quando eu tava pensando em abandonar a pós, eis, olha só, ela me aparece no meio do caminho e numa conversa, numa esquina praticamente dentro da própria universidade, nós conversamos e a partir daquela conversa eu tomei um rumo. Pra mim Bernardina é um desses ícones que, graças a Deus tem vivo ainda dentro desses seres humanos.

### 3.1.3 Vozes que produzem arte

*Hamilton Barbosa Cardoso*, Eu sou servidor da universidade passei, cheguei aqui no dia dezessete de maio de oitenta cinco no restaurante universitário certo, vim transferido do restaurante depois de catorze anos no RU/.../

**BF:** Por isso que seu rosto não me é estranho que eu já devo ter lhe perturbado muito dentro do restaurante quando eu era aluna.

**HB:** Aí eu passei catorze ano no RU cheguei aqui no dia:: vinte sete de abril de noventa e nove, com catorze ano de editora então meu período é curto aqui pode se dizer né ( ) catorze anos só de editora.

**BF:** O senhor é filho aqui de João Pessoa mesmo? O senhor é natural de onde?

**HB:** Sou de João Pessoa/.../

**BF:** Sua família também é daqui?

**HB:** Tem uma parte que é:: meus avós tudo são de Rio Grande do Norte, o restante é daqui.

**BF:** O senhor é tem outros irmãos?

**HB:** Tenho, são tem uma irmã e um irmão e tenho oito tios que eu considero como irmão que a gente foi criado junto pela minha avó, ela faleceu aos noventa anos em dois mil e doze.

**BF:** Agora né a pouco tempo. E o senhor é casado, tem filhos?

**HB:** Não não eu tenho filho de um relacionamento que a gente num que quem criou meu filho sempre foi eu e minha vó né, que ela terminou de criar o bisneto dela/.../

**BF:** Que coisa maravilhosa né, também com noventa anos né fez muita coisa ne/.../

**HB:** Criou muito neto/.../

**BF:** Devia ser divertido então em casa nu é, um monte de dede foi criado tudo irmão.

**HB:** É tanto que hoje é tudo junto, os primo nenhum me chama de tio tudo pede abença me chama de tio tudo casado já, e eu só tive esse filho mesmo, passei oito anos com uma companheira que por causa de três enteados que eu tinha duas filhas e um filho dela depois que cresceram mudaram o rumo da vida e não deu certo não, a gente se separou-se fez três meses dia quatro, a vida continua.

**BF:** Me diga uma coisa como é que o senhor chegou aqui na universidade? Foi por concurso?

**HB:** Não, não foi por concurso eu trabalhava na CIAN na época, fazia poucos dias que meu avô tinha morrido, ele morreu dia vinte de abril de oitenta e cinco e tinha um marido de uma prima minha que trabalhava aqui chegou, eu cheguei da CIAN nove hora da noite ele tava lá em casa e me esperando da CIAN né nove hora da noite, aí ele disse quer trabalhar no restaurante? Eu disse mais rapaz eu tô trabalhando na CIAN, eu disse pra quando é ele disse pra ontem, eu digo vai fazer o que, ele disse lá você vai ser serviço gerais, você vai lavar panela, vai lavar chão o que botar você vá. Eu digo não deve ser pior que na CIAN, que na CIAN tem dia que a gente matava quatrocentos, quinhentos bois por dia, a gente tinha hora pra entrar e não pra sair. Eu digo eu vou, aí mandaram eu procurar doutora Vera Amaral que era era diretora da fundação na época, eu fui marcaram pra oito hora da manhã quando a gente foi atendido era caso de três horas da tarde, com fome só com a passagem de ir e de voltar, mais aguentei, esperei aí quando eu cheguei lá ela veio me entrevista, me perguntar aí chegou e disse no meio da conversa ela olhou pra mim e disse agora tem uma coisa você não pense que vai trabalhar limpinho, arrumadinho desse jeito não, eu como tenho a língua desaforada como eu tenho até hoje né, eu olhei pra ela e disse doutora eu vim pedir emprego não foi esmola não. Ela parou, olhou pra mim e disse é você é meio atrevido né? Eu disse não sou realista, eu vim lhe pedir emprego num foi pedi esmola, a senhora acha porque eu vim pedir emprego eu tinha que vir sujo, vim aqui não, e eu sei que quem mandou eu procurar a senhora disse que era pra lavar panela, lavar banheiro eu vou me enquadrar no que a senhora determinar a farda que for, não podia vir de todo jeito pra cá. Ela disse tá certo, aí disse vá amanhã pro restaurante, justamente no dia:: no dia dezesseis, no dia dezessete de maio eu vim pro restaurante, dia de chuva, chegou eu um amigo meu que faleceu Osvaldo que a gente chamava de Coca o apelido dele e Maria Salvina nós três pra falar com doutora Fátima ou Deunice Rafael, que ela é nutricionista, e quando a gente chegou butaram a gente pra corta o quê? Trezentos quilos de macaxeira, com um faca de, aquelas faca de corta pão né , serra né? Essas faca de talher né, eu

acostumado com a peixeira que eu passava assim e o cabelo voava, me deram aquelas faquinha pra cortar e dar aquele corte na macaxeira, quando eu olhei assim a saca de macaxeira eu disse eu vou correr daqui ((risos)), mais aguentei, não tinha terminado o segundo grau ainda que eu tinha parado, na CIAN só tinha hora pra entrar aí parei, quando eu voltei ainda passei um ano e pouco em serviços gerais na na auxiliando na cozinha, aí tinha o almoxarife que fazia catorze anos exatamente que tava lá, era Maciel que era sobrinho de dede seu Marco Maciel que era o gerente, mas tava havendo os problemas lá e doutora Vera queria trocar né, renovar aí mandou me chamar na na gerencia a CIAN ou do do restaurante, aí quando eu fui lá ela disse você estuda? Digo não parei. Porquê? Porque tinha que trabalhar ou estudar. Você tem vontade de terminar o segundo grau? Eu disse com certeza. Ela disse a partir de manhã você vai começar a ser treinado pra ser almoxarife. Eu disse mais doutora eu num tenho experiência, eu trabalho no matadouro. Você quando começou a andar você engatinhou ou você andou? Eu disse comecei a engatinhar. Ela disse pronto é o que você vai fazer aqui/.../

**BF:** Ela foi boa viu, porque deu logo um tratamento de choque.

**HB:** Foi, você vai começar engatinhando/.../

**BF:** E no momento a gente acha até grosseiro né mais hoje assim se não tivesse feito isso.

**HB:** Aí eu fiquei no almoxarifado, ele foi passando o serviço pra mim contra a vontade dele, eu notava que muita coisa ele prendia pra não passar pra mim, mais com o tempo eu fui, continuei estudando, terminei o segundo grau foi quando veio o enquadramento e eu me enquadram como servidor em nível médio né.

**BF:** Mais foi uma benção.

**HB:** Foi.

**BF:** Bendita hora, quem foi mesmo que lhe levou a noticia pra vir pra cá?



**HB:** Foi:: Ronaldo Navarro é marido de uma prima minha, ele trabalha no CT. E eu entrei e me segurei né passei catorze anos no restaurante, saí de lá por causa de desentendimento com a chefia, porque tinha uns problema lá que eu tava achando que aquilo errado né, quando eu vim, tome carimbe almoxarife ateste isso aí, eu atestando depois foi que vim, eu não tinha acesso a cópia de de empenho, e ele ta até envolvido, foi envolvido no negocio da Fundação Casa de, antigo diretor da fundação, quando eu vim me atentar pro que eu tava fazendo, e ele começou a me perseguir, tudo, Marcelino que era o diretor daí do almoxarifado central me conhecia pelo me serviço queria me levar pra lá ele me seguiu, o professor que morreu ali do CT é::/.../

**BF:** Paulo Rosa?

**HB:** Não que ele foi candidato a reitor que faleceu agora pouco tempo.

**BF:** Sim, sim Renato, Luiz Renato.

**HB:** Queria me levar pra lá pro CT na época, ele também não deixou porque era só um expediente, como aqui era dois expediente na época, David tinha mandado dois servidor pra lá aí um dos servidor daqui que foi pra lá foi quem veio falou com David foi quando ele me liberou pensando que ia me fazer o mal, me botar pra trabalhar dois expediente, mais graças a Deus foi uma benção, tô aqui a catorze anos já.

**BF:** Aí o senhor veio pra cá pra fazer o que seu Hamilton?

**HB:** No almoxarifado como eu fazia no restaurante né, entrada, controle de material, tinha expedição na época que era o, aonde é o auditório hoje que foi tomado pela TV, o espaço físico da gente foi se resumindo a isso aqui porque a TV vem tomando, tomando e, mais tinha a sala de expedição, quando os livros era feito, quinhentos livros tinha a cota da editora, vamo dizer quinhentos e cinquenta eu mandava pra expedição, tinha Luzinete que controlava, era eu e ela, dali a gente sabia daqueles quinhentos livros quanto foi entregue ao autor, quanto foi pra pra livraria, quanto foi vendido, hoje a gente não tem mais esse controle. Nem espaço físico pra acomodar esses livros tem, e saiu justamente Luzinete saiu que era do do da expedição, saiu Ivan e eu fiquei

no almoxarifado e resumindo eu terminei como mil e uma utilidade né, porque hoje dentro da oficina são, três que já passou do tempo de se aposentar, eu sou o ultimo, eu sou o que to levando, vou levar mais tempo, falta três anos, a partir de setembro o resto já tem três que já passou de se aposentar, tem outros que falta um ano e pouco, dois anos e eu almoxarife comecei a intercalar, mandavam botar capa em livro e hoje eu sei fazer alguma coisa ali por dentro, não fiquei resumido só no almoxarifado né.

**BF:** Quando senhor entrou aqui né, porque o senhor tocou né a editora era outra coisa né, me fale desse momento, quem era seus amigos, o que é que a editora fazia, como era a estrutura dela?

**HB:** A estrutura dela é grande que era esse prédio todo né, tinha um volume de livro muito grande, de dede:: material que chegava que saia né, esses esses como é que se diz? Formulários pro HU, pra pra processo, era gráfico era feito aqui e pros outros setores né, então o volume de de material que entrava e saia era muito grande né de matéria prima que entrava e saia transformada em serviço gráfico era muito, e dos foi na gestão do professor David que o negócio foi morrendo e tá hoje com que tá né.

**BF:** E foi também tomando os espaços, como é que o senhor ver isso?

**HB:** Frustração, frustração não com a direção da da editora em relação aos reitores que passaram por aqui, porque todos quando tavam na campanha vinha trazido pelo ou reitor reitor atual ou assessores, o que é que chegava aqui e dizia pra gente vamo reformar essa gráfica, vamo botar equipamento novo, vamo dar treinamento a vocês e nunca foi feito isso até hoje, e hoje eu tô sentindo que com a reitora atual o negociota ficando pior, não sei se é culpa dela ou de quem é, sei que o negocio piorou mesmo do jeito que, hoje a gente vem fica aqui é um silêncio, tem dia que eu venho porque eu tenho que vir mesmo mais eu não me sinto bem de vir pra aqui porque eu sei que vou ficar sem fazer nada.

**BF:** Me diga assim seu Hamilton quando o senhor chegou a catorze anos atrás né, porque é uma década quase uma década e meia né como era aqui? Quem eram seus amigos da época?

**HB:** Quando eu cheguei aqui foi muito estranho né, porque eu trabalhava com alimentos, de repente eu caio aqui dentro do almoxarifado de um a editora, de uma gráfica, aí o caba chega e diz pega ali um pacote de papel sessenta quilo, eu digo oxe que danado de papel pesado danado é esse. Mais sessenta quilo é o que se resume a a cento e vinte grama né e com o tempo foi o finado Zenilton que era muito bronqueiro, ele e Marinesio que a gente chama de Jacaré, um tá pro o Marinesio tá aposentado e o Zenilton faleceu de CA, então foi eles dois quem me, hoje eu pego no papel já:: sei a textura pela pelo toque, foi eles quem me orientaram nisso, tinha muito papel misturado e els passaram semanas e semanas a gente organizando, ( ), então o que eu sei de de dessa parte aí eu devo a eles dois ao finado Zenilton e a Jacaré quem me ensinou os toque de papel pela textura, hoje eu sei mais pra mim foi estranho quando eu cheguei né, porque é tanto houve um episodio aqui que Zeca logo quando eu cheguei, Zeca pediu um um catálogo de cores mais ele usou um termo tão diferente que eu fui peguei uma peça de ferro que tinha na gaveta levei pra ele, ele até disse brincando ó burro não é isso não é um catálogo de cores, então diga que é um catálogo de cor, mais graças a Deus foi uma mudança grande né, quando ele chegou e disse olhe a parte da expedição vai acabar porque vai ser da turma da tv, vai ficar tudo aqui na oficina então/.../

**BF:** Quem foi que comunicou?

**HB:** Zeca né e:: Luzinete pediu a transferência pra biblioteca, você vai ter que controlar isso do jeito que der, mais eu quero que você fique na oficina, você vai aprendendo a intercalar pra não ficar ocioso parado no almoxarifado, e fiz como eu fazia no restaurante, no restaurante eu era almoxarife quanto carregava caminhão, descarregava não tinha, é como hoje eu saí de casa venho pra aqui no no é tanto cara conversando comigo que eu digo professora eu venho bato meu ponto saí mais cedo, mais no dia que a senhora precisar, tem

uns livros pra trocar umas páginas eu tô pronto pra ficar da hora que for, mais ficar aqui de sete a uma hora da tarde sem fazer nada não da.

**BF:** E me diga assim aí seus amigos né que lhe orientaram foram esses. E quem era mais os outros que trabalhavam, como era esse parque gráfico?

**HB:** Tinha, tinha tinha Maciel que trabalha na parte de revelação de chapa que tá no outro setor hoje, tinha Roberto que era da editoração, também não ta mais aqui ta lá no no aquele elefante franco né, tem Magno também que saiu pra outro setor, Luzinete trabalhava comigo na expedição, Ivan também trabalhava comigo no almoxarifado saiu muitos é::/.../

**BF:** Seu Marcondes trabalhava com você?

**HB:** Não na época não, tinha Marinesio Candido, tinha o::Marinesio que era o secretário, tudo foi se aposentando, saindo, mudando de setor, tinha muita gente né/.../

**BF:** Tinha umas oitenta pessoas né?

**HB:** Tinha, quando eu cheguei aqui tinha umas oitenta pessoas, e foi, foi e hoje ta resumido a sete pessoas aí dentro da da oficina, tem o pessoal da editoração que já tem uns quatro ou cinco novato né com menos de cinco anos, o resto foi saindo.

**BF:** E quando entregava né, o senhor era responsável pela entrega, pelo material. Alguma ação que tenha lhe marcado, algum episodio que tenha lhe marcado mais?

**HB:** Tem tem, tem o caso de entregar o livro porque dentro das minhas obrigações do almoxarifado eu não tenho obrigação de pegar o carrinho e deixar livro no carro de ninguém né. mais como aqui a gente faz tudo, teve o caso que eu fui levar o livro do professor e ele todo::, médico pneumologista todo importante, não dava um bom dia a ninguém, o pacote de livro caiu, dia de chuva, disse você não ta vendo não quer acabar com meus livros, eu vou ter que tomar, eu vou ter que reclamar a David. Eu disse esteja a vontade professor não sou cabeceiro não tô lhe fazendo um favor dei meia volta e passou-se uns anos esse professor sumiu daqui, desapareceu, deixou uma parte desse livro

dele de pneumologia, depois de uns dois anos ou mais ele apareceu aqui, magro, doente. Veio pedir a Zeca o restante dos livros, coloquei os livros no mesmo carrinho fui deixar na camioneta dele com motorista e pra mim foi uma surpresa ele puxou assunto né. Disse mais rapaz você ainda ta aqui esse tempo todinho? Disse tô. E o senhor tava aonde, tava viajando? Ele disse eu tive leptospirose, fui tratado por coincidência eu tenho plano de saúde sou médico como você sabe fui tratado no HU pelos meus companheiros, a baixo de Deus foi eles, as técnicas de enfermagem, os enfermeiros, uma equipe muito boa que me. Olhei pra ele assim, ele levantou a perna a perna toda preta, preta mesmo da doença, a baixo de Deus depois dessa doença eu vi que sou um ser humano, vi que sou igual a qualquer servidor, a qualquer técnica de enfermagem, não sou mais do que ninguém. Esse tempo todinho que eu tô aqui só teve dois livros que eu, me chamou assim, um foi de de romance policial foi do autor Luiz de Loran, que eu li antes dele vim ser colocado capa, era:: A trilha de um destino, eu comecei a intercalar o livro, e comecei porque o livro intercalado vem a sequencia de dezesseis página né o caderno né, quando eu comecei a olhar comecei a ler, abria assim uma página, intercalei um pedia a dona Glória pra botar dois grampos, cortei ele e levei pra casa, em dois dias eu li esse livro, com mais de trezentas páginas. Foi o único livro assim que ele me chamou atenção foi esse A trilha de um destino/.../

**BF:** Porque esse livro especialmente?

**HB:** A gente tava lendo o livro a gente tinha sensação que tava dentro de uma cena, eu acho que se um cineasta pegar aquele livro ele vai ter um senhor filme na mão, eu tenho até um volume dele em casa, ele já fez duas edições, uma inclusive ele botou na segunda edição ele botou um nome de um personagem em minha homenagem, uma ele fez no lugar fictício, e a segunda edição ele botou cenário da capital, parque Sólon de Lucena, a a aquelas cena que acontecia/.../

**BF:** E ele é daqui?

**HB:** É daqui, não:: ele trabalhava na AMBEVE, por incrível que pareça, não tive mais contato com ele, morava perto da minha casa em Água Fria onde eu morava, não sabia depois que eu fiquei sabendo, e ele fez a segunda edição dessa A trilha de um destino colocando local real daqui da Capital, a gente lendo tinha sensação que tava dentro daquela cena, uma criança pobre chamada Jorge, cresceu foi humilhado por porpor político tudo, um caso que me chamou muita atenção que ele Jorge chegou num restaurante e ficou olhando pruma vitrine, aqueles homens de gravata, paletó lanchando, comendo e ele foi se aproximando e pediu um pedaço de pão, e o politico olhou pra ele com nojo, e ele se sentiu como se ele não tivesse direito de tá ali né, e perguntou a ele porque o senhor me olha desse jeito? Ele falou porque você não devia ter nem nascido e com o tempo Jorge tornou-se um bandido perigoso, rico e foi quem chegou a matar esse politico com, então é uma história policial muito forte né, o amor que ele tinha pela moça que eu não tô lembrado o nome dela, e outro livro também que eu li antes de colocar capa foi Fernando de Noronha uma agonia, Uma agonia em Fernando de Noronha, mil novecentos e sessenta e quatro não tô lembrado o nome do autor mais eu li também, foi os únicos dois livros que eu li mesmo pra dizer assim li e guardei alguma coisa na, porque foi muito forte esses dois livros, pra mim marcou.

**BF:** E qual é a importância da editora pra UFPB, pra universidade?

**HB:** Eu acho que tanto pra cultura em geral, como também pros estudantes né em lançar seus seus trabalhos seu né, e:: os setores é muita coisa ta sendo rodado fora que era aqui né, formulário essas coisa, eu acho que teve a importância muito grande tanto na parte material como também cultural né.

**BF:** Sue Hamilton me diga uma coisa e hoje quando o senhor ver assim, o senhor acha que essa pratica de encolhimento ela foi proposital?

**HB:** Foi, eu acho que foi talvez eu teja, mais eu acho que foi, foi porque teve um tempo que o professor David queria até transferir alguns servidores daqui como o caso de dona Glória e Vilberto pra instituição, hoje eles são os ais antigos, queriam mandar eles pra biblioteca pra aquela parte de recuperação de

livro, aí depois dona Glória disse olha David você quer me se livrar de mim eu não vou sair daqui, eu não vou pedir minha transferência se você quiser me dar agora eu vou procurar meus direitos, eu acho que a sua lógica é querer fechar isso aqui. É tanto que ele recuou né, deixou dona Glória seu Vilberto mais tudo que a gente nota que professor David fez foi para sucatear a gráfica, a gestão dele foi quem acabou isso aqui. É tanto que chegaram pra ele e disseram David você quer ser conhecido pelo homem que criou a tv universitária e destruiu a editora e a gráfica? Ele, mais desde a gestão dele que a gente vem sendo sucateado, vem sendo espremido pela essa tv.

**BF:** Mais seu Hamilton se o senhor tivesse, então esses foram bons momentos né assim nessa produção, eu sei que vocês trabalhavam aqui até de madrugada.

**HB:** Trabalhava sábado, domingo, tinha vez que a gente trabalhava até duas, três horas da manhã aqui, que naquela época tinha diária, trabalhava também porque tinha assim é como diz a história no dia que não tinha serviço, tô precisando sair cedo, não venho amanhã tudo bem, mais também no dia que tivesse era sábado, domingo, feriado não tinha, era direto.

**BF:** E a convivência com seus colegas?

**HB:** Olha só tinha o o finado Zenilton que era, mais era a natureza dele sabe, hoje em dia olho pra aquela guilhotina que era onde el trabalhava né, ele e Jacaré na guilhotina, era um camarada daquele encrenqueiro mermo que chegava de manhã chegava na oficina olhando papel, olhando alguma coisa pra ver se achava algum serviço particular, alguma coisa, assim um folheto que a gente precisasse Zeca dizia rode aí, ele vinha procurando uma cópia pra, olha tão rodando serviço de fora aqui, pra criar aquele tumulto mais era um caba prestativo, quando a gente precisava dele, um dos meus professores foi ele mais graças a Deus, ele faleceu em agosto de dois mil e onze de câncer.

**BF:** Se o senhor tivesse que sugerir mudanças pra essa gráfica voltar assim o que é que o senhor diria?

**HB:** O que eu vejo assim é a, cumprisse as velhas promessas né, maquinário novo, é:: uma reestruturação do prédio que precisa ser feito instalação, piso né, uma reforma física e um maquinário e treinamento pros que restam aqui na, enquanto ainda tão aqui né.

**BF:** M diga uma coisa o senhor pegou alguns diretores, pegou David/.../

**HB:** David, Zé Luiz, Nadja.

**BF:** Como é que o senhor viu assim as gestões dessas pessoas?

**HB:** David logo no começo quando eu cheguei ele, eu achei até um bom por outra parte eu achei uma uma direção muito vamos dizer assim bagunçada mesmo né no noíntimo da palavra mesmo, porque logo quando eu entrei aqui do restaurante eu quem tinha a chave do almoxarifado, eu tinha que presta conta toda semana de tudo que saiu tudo que entrava e eu tinha a chave do almoxarifado, porque eu trabalhava de seis da manhã a sete da noite, no outro dia eu folgava, quando eu cheguei aqui de manhã o almoxarifado arrombado a porta do almoxarifado arrombada mesmo, quebrou mesmo a parte de madeira, arrombaram o almoxarifado, não não se preocupe não que foi David que precisou do material fim de semana e não tinha a chave arrombou a porta. Aí desde aí eu comecei a, aí comecei a ver logo com dois meses depois desse fato eu ainda tentei organizar, tentei como almoxarifado eu vinha fazia balanço, abria ficha de prateleira, quando eu dava fé, eu chegava no outro dia tudo mexido ninguém sabia o que tinha, aí isso aí eu fui, hoje em dia eu tento fazer alguma coisa pra me resguardar mais não com dedicação que eu tinha de manter o almoxarifado organizado, porque nem condição física tem, não tenho computador pra você fazer programa de controle não tem nada, então o que é que eu tenho hoje é um um livro de protocolo que eu uso como um livro de ocorrência entrada tal fornecedor tal, é uma ocorrência que eu tenho simplesmente o controle que eu tenho.

**BF:** Aí depois de David veio a professora Nadja e aí?



**HB:** Ela passou pouco tempo, ela não tinha conhecimento gráfico de nada ela não tinha, ia metendo os pés pelas mãos, mandou aquele fato que eu disse a senhora dada como é aquela história uma mão lava a outra né, quando a gente não tinha nada pra fazer precisava sair mais cedo, quando ela chegou queria manter aquele horário

Edinaldo Carneiro da Cunha, Eu sou daqui de João Pessoa, bairro de Jaguaribe.

**B.F.:** Bairro histórico da cidade. **E.C.:**[[ Nascido e criado dentro de Jaguaribe]].

**B.F.:** Jaguaribe né. Se não for muito inconveniente, qual sua idade?

**E.C.:** Eu sou de treze de dez de mil novecentos e trinta e oito.

**B.F.:** Trinta e oito.

**E.C.:** Caminhando pro setenta e cinco agora em outubro.

**B.F.:** Jovem né.

((Risos))

**B.F.:** E com a, com a capacidade né. Seu, seu, posso chama-lo de Nau?

**E.C.:** Nau mesmo.

**B.F.:** Como é que o senhor chegou aqui? E quando?

**E.C.:**É, eu trabalhava no jornal A União em 1964, desde 60 que eu entrei no jornal A União, em 4 de abril de 60, e em 64 já no final do ano eu tomei conhecimento que estava sendo construído o prédio onde ia funcionar a Imprensa Universitária no caso.

**B.F.:** E o prédio era este mesmo?

**E.C.:** Não, era em Jaguaribe, lá onde funciona o Pan de Jaguaribe, (+) é um bloco que tem lá na esquina, se não me engano funciona lá o setor de, (+) como é que se diz esse de de ossos é é. **B.F.:**[ Traumatologia]. **E.C.:** É, se não me engano é essa parte, bloco a esquerda lá no já no canto.

**B.F.:** O senhor sabe identificar esse bloco pra gente fotografar depois?

**E.C.:** Sei, sei.

**B.F.:** Aí me conte essa história, o senhor tomou conhecimento?

**E.C.:** Conhecimento que tavam construindo o prédio, depois tomei conhecimento que tava chegando os caxotes com as máquinas né, e que eu era um dos cotados pra ir trabalhar lá na Editora, na Gráfica da Universidade, aí.**B.F.:**[Que era chamada de Imprensa Universitária].

**E.C.:** Imprensa, eu trouxe minha carteira aqui porque eu digo, eu fiquei na duvida com relação a data do,(inaudível) isso aqui tem, deixa eu ver aqui, o que o,(++) primeiro de março de mil novecentos e sessenta e cinco.

**B.F.:** Mil novecentos e sessenta e cinco, eu não tinha nem nascido ainda seu Nau, Imprensa Universitária da Paraíba. **E.C.:**[[Paraíba]].

**B.F.:** Depois agente pode fotografar sua carteira? Por que isso é um documento que agente não tem aqui, viu, dizendo que é, é o testemunho de que ela era chamada de Imprensa Universitária. **E.C.:**[[Universitária]]. **B.F.:** Da Paraíba.

**E.C.:** Paraíba, pronto aí que fui convidado quando foi.**B.F.:**[[Por quem seu Nau?]]

**E.C.:** Foi Cláudio Leite Pessoa que agente chamava de Dudu, ele foi o primeiro chefe lá desse setor.

**B.F.:** Era família de Cláudio Leite Paiva, não?

**E.C.:** Não, não sei dizer.

**B.F.:** Cláudio Leite Pessoa.

**E.C.:** Cláudio Leite Pessoa, que tinha seu Doutor Arael, foi o primeiro diretor. **B.F.:**[[DoutorArael.]]

**E.C.:** Doutor Arael Menezes da Costa e Cláudio Leite Pessoa foi o primeiro chefe, inclusive um dos que eu tive conhecimento que indicou meu nome né, pronto aí em fevereiro de mil novecentos e sessenta e cinco eu estava de férias, aí digo vou lá fazer uma visita né, a construção e a instalação, aí fui eu e um amigo meu, José da Costa Cabral, nós fomos lá, nós dois, e quando cheguei lá tavam dando os, tavam já as máquinas instaladas nos cantos, dependendo só dos acabamentos final né, das os acertos né, aí como eu tava de

férias, disse rapaz já que tu ta de férias aproveita, quer dá uma ajudinha agente não aqui vocês dois? Eu disse só se for agora, ((Risos)) aí fiquei trabalhando, já fiquei ajudando na montagem, e dai comecei a trabalhar, fiquei na, lá lá trabalhando ajudando o pessoal na montagem, na afinação das máquinas lá.

**B.F.:** Aí a partir dai o senhor já ficou por lá?

**E.C.:** Aí já fiquei lá.

**B.F.:** Em março o senhor já foi contratado?

**E.C.:** Já, já fiquei lá, em fevereiro eu já fiquei lá ajudando ne, na montagem, era, era limpar máquina, era fazer os acertos. **B.F.:** [[Montar, ajustar]]

**E.C.:** Montar, ajustar e daí eu comecei.

**B.F.:** Aí era o senhor, Cabral?

**E.C.:** Olhe, diretor era Doutor Arael Menezes da Costa, vice diretor era José Candido da Silva, almoxarife era Emilson Ribeiro, aí vinha o chefe de oficina Cláudio Leite Pessoa. **B.F.:**[[Cláudio Leite Pessoa.]] **E.C.:** Ela tava anotando aí? **B.F.:** Tá, mas tá gravando também.

**E.C.:** Cláudio Leite Pessoa, aí na oficina tinha eu, Edinaldo Carneiro da Cunha como impressor, José da Costa Cabral, outro impressor, na Linotipe agente tinha Antônio Leite Pessoa e José Figueiredo de Andrade que é outro linotipista, Valter Veloso como mecânico e Acelino Isidoro Lopes como fundidor, que era quem derretia o chumbo pra fazer as barras pra colocar na(inaudível) né, na encadernação aí tinha José Dionísio, tinha Eudes e tinha Reginaldo Barbosa que ainda hoje tem uma irmã dele que trabalha aqui Glória pronto ((risos)), pois é.

**B.F.:** E essas pessoas tão vivas ainda? Tão por aí? Deve ter alguns né?

**E.C.:** Da equipe tinha José Fernandes Vieira, que era o chapista e Wiliam que hoje trabalha no setor pessoal da reitoria, os chapistas né, e na cantina agente tinha o rapaz que se chamava Pedro Paulo, essa foi a primeira equipe da Editora, da Gráfica, no caso, se chamava Gráfica, Editora, Imprensa.**B.F.:**[[Imprensa é.]]

**E.C.:** Pronto, aí com o desenrolar nessa época nós tínhamos lá uma impressora minerva, ainda hoje deve tá por aqui no canto, tínhamos uma idelberg de palheta, uma impressora e tínhamos nebiolo, uma impressora nebiolo que era uma bem grande, e pra completar eu como menor da equipe foi quem fui trabalhar nessa máquina ((risos)), tinha lá a nebiolo, aí tinha duas linotype, duas linotype, uma guilhotina e uma máquina de dobrar, que até hoje tá por aí, essa máquina chegou um pouco depois, lá na Editora, pronto.

**B.F.:** Quer dizer, é, do ponto de vista de equipamento ela era extremamente estruturada? **E.C.:**[[Era.]] **B.F.:** Ela nasceu/.../**E.C.:**[[ Pra época.]] **B.F.:** Pra época? **E.C.:** Pra época.**B.F.:**[[Pra época é claro.]]

**E.C.:** Ela era estruturada.

**B.F.:** Claro a linotipia era/.../**E.C.:**[[ Ela tinha duas linotipes.]]

**B.F.:** É.

**E.C.:** Tinha três impressoras, nos três sistemas, uma minerva, uma de palheta e uma plana.

**B.F.:** Pois é, é ela era perfeita.**E.C.:**[[Perfeita.]] **B.F.:** Do ponto de vista né de pessoal né, que trouxe os melhores e do ponto de vista de equipamento. **E.C.:**[[Foi.]] **B.F.:** Né.

**E.C.:** Já tínhamos isso aí, pra bem, tinha a parte da fundição do chumbo/.../**B.F.:** O que que vocês começaram a produzir?

**E.C.:** Olhe, o primeiro livro que eu tenho lembrança, porque eu queria tá com tudo bem aqui, mais não é possível, mas o primeiro livro que eu tenho lembrança que nós fizemos foi História da Paraíba do José Américo de Almeida, esse livro aí foi uma tiragem de se não me engano mil livros na época, depois surgiram outros livros né, que era A sombra do eu, teve um livro do professor de matemática que foram dois volumes, esse eu,(+) eu só não me lembro agora o nome que se refere, Cleber, Valter, teve um livro dele/.../ **B.F.:** E além dos livros, publicavam o quê mais?

**E.C.:** Olhe, tinha folhetes, tinha como é folhas, tinha uma revista de Doutor Delormar Mendonça que era Toque ginecologia, era uma revistazinha

que saia, Toque ginecologia, material de expediente né/.../**B.F.:** Todo material de expediente era feito lá? **E.C.:** Material de expediente e muitas outras coisas que, tudo que chegasse lá se fazia. **B.F.:**[[Se fazia?]] **E.C.:** Se fazia.

**B.F.:** E me diga uma coisa seu Nau, e quanto tempo vocês ficaram lá naquele prédio?

**E.C.:** Agente ficou lá de 65 a fevereiro de 70. **B.F.:**[[Bastante tempo.]]

**E.C.:** Foi porquê já em 69 pra 70 tavam construindo esse prédio aqui.

**B.F.:**[[Esse aqui?]]

**E.C.:** Que agente veio fazer até visita aqui pra ver onde ia ser as instalações e quando foi em fevereiro se não me falhe a memória, foi dadas férias coletivas, que já era normal se dar férias coletivas lá, aí foi quando se aproveitou para fazer a mudança das máquinas de lá pra cá, e quando foi em março de 1970 nós começamos aqui.

**B.F.:** Aqui. E me diga uma coisa, o senhor lembra quem era o reitor que implementou a Editora à época?

**E.C.:** Doutor Vilardo Martins.

**B.F.:** Doutor Vilardo Martins.

**E.C.:**Vilardo Martins.

**B.F.:** É que o povo também tem a mania de dizer que foi Linaldo Cavalcante, na verdade nasceu com Vilardo Martins, Vilardo Martins, é Linaldo só reuniu aqui?

**E.C.:**Linaldo só veio depois. **B.F.:**[[É e só reuniu aqui no campus, mas ela já existia.]]

**E.C.:** Já existia, Capitão Vilardo Martins. **B.F.:**[[O grande reitor.]]

**E.C.:** Ele foi, tava presente lá, agente tava porque ele sabe que agente trabalhava aos sábados e quando menos se esperava, ele chegava por lá, fazendo uma visita, ele, ele era, era bem. **B.F.:**[[Presente]] **E.C.:** Presente mesmo é.

**B.F.:** E aí, depois que vocês vieram pra cá quem foi o diretor próximo dele?

**E.C.:** A princípio foi Arael.

**B.F.:** Ele continuou?

**E.C.:** Logo depois se eu não me engano Paulo Melo.

**B.F.:** Isso, Paulo Melo

**E.C.:** Paulo Melo, depois veio José Souto. **B.F.:** [[E o senhor conviveu]]/.../**E.C.:** Veio, veio Francisco, deixa(+) eu anotei aqui, que eu anotei aqui umas coisa aqui pra(+)(inaudível) Pontes

**B.F.:** Pontes, Pontes, Pontes de quê?

**E.C.:** Francisco Pontes.

**B.F.:** Francisco Pontes foi o terceiro. **E.C.:** [[Ele é da União, Jornal União pode até pegar alguma coisa]] **B.F.:** Pode, vou atrás dele.

**E.C.:** Se não me engano ele era diretor de um setor.

**B.F.:** É de um setor, vou atrás dele, aí quer dizer ele foi o terceiro né?

**E.C.:** Terceiro.

**B.F.:** Terceiro, e o senhor conviveu com todos eles?

**E.C.:** Convivendo com todos eles.

**B.F.:** Todos eles.

**E.C.:** Aí depois veio depois de Paulo e de Pontes veio Zé Souto.

**B.F.:** José Souto.

**E.C.:** José Souto já faleceu, jornalista aqui né, depois de Zé Souto, Otoni que eu ainda to numa dúvida se Otoni era diretor só de produção ou se era diretor geral e depois Alarico Correia Neto.

**B.F.:** - - - - Alarico veio pra cá?

**E.C.:** Foi em 1980. **B.F.:** [[Que era jornalista também.]]

**E.C.:** É, de 81 pra 82 foi Alarico Correia Neto.

**B.F.:** O senhor trabalhou até que ano?

**E.C.:** Até 82.

**B.F.:** 82. **E.C.:** [[82.]]

**B.F.:** Nesses, nessas mudanças de diretores, o senhor percebeu alguma mudança, aumentou a Editora, compraram novos investimentos, o que que aconteceu?

**E.C.:** Aí nessa mudança aqui pra cidade universitária vieram depois duas impressoras planas KSBA, que tem uma dela aí, vieram duas, veio até um mecânico da Alemanha, era Volfman o nome dele, e eu fui sempre participei da montagem, tanto da transferência, já na montagem e lá na transferência pra qui, também trabalhei, eu e Gabriel Moreira, era um mecânico conhecido aqui e Severino de França que era um dos original idelberg, em seguida veio pra aqui essas duas ofsete, depois veio a maquina de costurar livro, essa de costurar livro também.

**B.F.:** E ainda mantem-se aí ne?

**E.C.:** Ainda se mantem por ai.

**B.F.:** E ai vocês aumentaram a produção, aumentou o número de funcionários?

**E.C.:** Aumentou e muito. Aumentou o número de funcionários.

**B.F.:** Vocês trabalhavam como? Horas corridas, dois expedientes, como era a produção?

**E.C.:** Não, era normal, expediente normal, dois expedientes. **B.F.:**[[Dois expedientes.]]

**E.C.:** Teve época que foi um expediente.

**B.F.:** Corrido, né?

**E.C.:** É, e quando tinha um, uma necessidade agente trabalhava, trabalhava até de noite se fosse possível pegava, final de ano às vezes tinha aquele convite geral dos concluintes da Universidade e agente tinha um prazo pra entregar, e o número era muito grande de coisa, e agente ficava aqui direto mesmo pra entregar, não tinha esse negocio não, saia daqui, comia até aqui se fosse possível. **B.F.:**[[Dormiam, faziam, eu lembro que aqui era muito intenso.]]

**E.C.:** Era, e ia buscar o comer no restaurante, agente comia aqui mesmo, vivia,

dormia aqui mesmo, aqui se fosse possível, e a turma sempre colaborou, sempre foi uma equipe boa, todo mundo gostava mesmo de trabalhar.

**B.F.:** E me diga assim, o que que o senhor tem de maior lembrança dessa Editora? O que lhe marcou mais assim? O que que o senhor não consegue esquecer? Tem aquele momento né, tem aquilo que agente viveu, mas tem aquilo que nos marcou mais profundamente.

**E.C.:** O que me marcou aqui que eu lembrei foi justamente quando eu fui convidado pra vir pra qui, que na realidade eu que trabalhava no Estado, ganhando lá em baixo e passei a ser, uma coisa que eu nunca. **B.F.:**[[Vai esquecer.]] **E.C.:** E a dedicação do Doutor Arael que era um, era um amigo né, ele ficava com agente dentro do, era um caba altamente, sempre foi e acho que ainda hoje continua sendo o mesmo.

**B.F.:** O que é bom, né?

**E.C.:** Bom demais, ele tratava agente como amigo, não era com funcionário dele, era como fosse todo mundo irmão, isso na hora do lanche, na hora de tudo ele participava com agente, sempre foi né, primeiro, é o início de tudo.

**B.F.:** Pois é, e me diga uma coisa, e quando o senhor teve que se aposentar, que sentimento o senhor teve? O senhor se aposentou por que razão? Por que precisou, por que completou o tempo?**E.C.:**[[Completei o tempo né, eu quando completei o tempo, eu quando completei o tempo eu já não tava mais aqui.]]

**B.F.:** Há, o senhor deixou?

**E.C.:** Em 82 me transferiram lá pra o CCHLA, aí depois, eu consegui ir pra Escola Técnica e já tava com meu tempo completo, que minha aposentadoria era com 25 anos, eu já tava com 25 e 3 meses de contribuição, e aí me aposentei.

**B.F.:** Por quê lhe tiraram daqui se o senhor era uma pessoa importante na produção e na qualidade dos livros pro CCHLA?

**E.C.:** Aí eu no. ((Balançando a cabeça))



**B.F.:** Não tem ideia né?

**E.C.:** Não.

**B.F.:** Foi em que gestão?

**E.C.:** Acredito que foi no tempo, se não me engano de Alarico.

**B.F.:** Alarico.

**E.C.:** Em 82.

**B.F.:** Mudou os funcionários?

**E.C.:** É, aí eu sai fiquei a disposição de lá, me mandaram pra lá, e de lá quando eu voltei de férias eu tava destinado a ir pra lá.

**B.F.:** Aí foi?

**E.C.:** É.

**B.F.:** E aí o senhor foi pro IFPB, pro CEFET, foi pra editora também de lá ou não?

**E.C.:** Lá eu trabalhei no setor de,(+) como é meu Deus esse cursinho?

**B.F.:** Pré-vestibular?

**E.C.:** Não era pré-vestibular não.

**B.F.:** Mas não foi mais em serviço de gráfica?

**E.C.:** Trabalhei lá quando eu cheguei lá me colocaram pra tomar conta de fazer as apostilas é.

**B.F.:** Continuava serviços gráficos.

**E.C.:** Desse curso profissionalizante que tinha lá.

**B.F.:** Como é que o senhor chegou nesta carreira de trabalhar com, com montagem, com impressão, com produção de livros?

**E.C.:** Eu desde criança sempre fui dedicado a fazer, porque antigamente agente tinha que fazer os próprios brinquedos, sempre fui, e eu me lembro que eu com 12 anos por aí assim, minha mãe falava que eu queria ter uma bicicleta pra montar e desmontar pra aprender, e ela comprou uma bicicleta era 200 cruzeiros, 200 reis cruzeiros, na época eu não me lembro mais a moeda, e 4 horas da manhã do sai tava eu e meu irmão com as ferramentas, em vez de ir andar na bicicleta, tirar proveito da bicicleta agente foi desmontar lubrificar e

montar pra mostrar a ele que aquilo que agente dizia. **B.F.:**[[Sabiam fazer.]]  
**E.C.:** Sabiam fazer, aí eu tomei gosto por essa coisa né, aos 12 anos eu fui pra industrial né em 1951 a 52.

**B.F.:** A escola industrial funcionava onde? Lembra?

**E.C.:** Ali::pegado ao Centro Administrativo, hoje aquele prédio da esquina que hoje parece que é uma fábrica, um dormitório.**B.F.:**[[É é.]]

**E.C.:** Não sei bem o que é que funciona ali, em 51 eu fui para lá como aluno, tinha um rodízio em 6 profissões, agente fazia, passava 15 dias em cada setor, os primeiros dias fazia uma prova, naquela que tirasse melhor nota aí o camarada era indicado para fazer aquele curso, e eu me destaquei na parte gráfica, e mesmo já estudando a noite, eu trabalhava na Tipografia Vitória de Severino Chaves, ali perto da maternidade Cândida Vargas.

**B.F.:** Que é uma das primeiras aqui né?

**E.C.:** É, eu saía da escola de 4:40h, e quando dava 6:00h às 10:00h da noite, já procurando faturar.

**B.F.:** Ganhar.

**E.C.:** E daí me dediquei né, antes eu já, depois que eu sai fui trabalhar na fábrica Ilha Batatão de Miranda Freire, lá onde funcionava o lixão do Roger pra aqueles lado.

**B.F.:** Era fábrica de que?

**E.C.:** Era fábrica de, era gráfica e era fábrica de tinta, que naquele tempo se usava uns tinteiros, era tinta e goma arábica, aquela cola.

**B.F.:** Isso.

**E.C.:** Eu trabalhava lá.

**B.F.:** Aí quando saiu de lá foi pra União?

**E.C.:** Aí de lá pra o Jornal União, de lá eu fui pra tipografia Triunfo e depois pro Jornal União, e depois retornei pro Batatão, já trabalhando a noite né, eu saia da do Jornal da União de 01:00h, descia direto para lá, trabalhava até 09:00h da noite, que também me destaquei lá nas minha funções e me chamaram pra eu tomar conta lá de umas coisas.

**B.F.:** E aí veio pra Universidade, aí o senhor ficou aqui, só aqui?

**E.C.:** Fiquei só aqui.

**B.F.:** É/.../**E.C.:** Eu fiquei aqui e fiquei na União.

**B.F.:** Ficou nos dois.

**E.C.:** Fiquei nos dois, até certo tempo, depois eu fui obrigado a optar.

**B.F.:** E claro que optou pela UFPB.

**E.C.:** Pela UFPB.

**B.F.:** Antes era chamada de Universidade já Federal? Ou ainda não? Era Universidade da Paraíba, não lembra disso?

**E.C.:** Não, essa parte aí não.

**B.F.:** Não lembra não né?

**E.C.:** Não.

**B.F.:** Aí me diga assim, é, aí quando o senhor saiu daqui, ela já tava nesse mesmo prédio? Já tava montada? Já com vários funcionários, outros funcionários?

**E.C.:** Já, já, com outros funcionários e aqui já tinha muita gente.

**B.F.:** Porque teve uma época que tinha muitos funcionários, hoje tem pouquinho, tem pouquinho.

**E.C.:** Aqui já tinha muita gente, já tinha mais gente, tinha Moreira.

**B.F.:** E funcionava os três expedientes, se não me engano, a noite às vezes eu passava a noite/.../**E.C.:** [[As vezes era, dependendo da necessidade, virava até amanhecer o dia se fosse necessário, dependendo da necessidade.]]

**B.F.:** O senhor lembra de algum professor que veio aqui pra publicar seu livro, alguns livros que foram publicados aqui na sede? A sede é só esse prédio aqui que tem as máquinas, se esse pedacinho aqui, só isso nera?

**E.C.:** Era tudo isso aqui, até lá, quando tinha um portão grande.

**B.F.:** Era tudo Editora?

**E.C.:** Era.

**B.F.:** E depois foram tomando e agora ta assim, encolhendo né, então tudo isso era Editora, era aí passou a ser aí o senhor lembra quando passou a

ser chamada de Editora Universitária não? Que ela era chamada de Imprensa, Gráfica, Gráfica Imprensa, aí depois Editora?

**E.C.:** Depois Editora, eu não sei se foi com Doutor Alarico.

**B.F.:** Aí depois de Doutor Alarico o senhor lembra quem foi o próximo diretor?

**E.C.:** Não.

**B.F.:** Já não tava mais, aí já não, né?

**E.C.:** Não.

**B.F.:** E essa enquanto o senhor tava aqui, ela participava de alguma feira, de alguma divulgação, de lançamento de livro, alguma coisa, não? A Editora? O senhor não tem lembrança disso?

**E.C.:** Eu sei que tinha assim livros que o pessoal, a direção as vezes iam participar em outros, aqui não me lembro, lembro aqui de uma festa, foi pra comemorar o quê eu não me lembro, lembro que reuniu os ex-funcionários, aí teve uma programação aqui na frente, mas essa eu não me lembro perfeitamente, quando teve eu já tava fora daqui.

**B.F.:** Porque já faz muitos anos que essa Editora foi implantada.

**E.C.:** Aqui mesmo desde 70, março de 70.

**B.F.:** Mas ela foi implantada em fevereiro de 65 né?

**E.C.:** Março de 65.

**B.F.:** Mas em fevereiro já tava montada né?

**E.C.:** Já tava em 64, final de 64 tava, já tinha os maquinários, já embalado ou não, já.**B.F.:**[[Játava o projeto inicial.]]

**E.C.:** Em 65 já foi feita as afinações da maquina e começaram a trabalhar.

**B.F.:**E começaram a trabalhar né. Então esse grupo que o senhor citou foi grupo pioneiro?

**E.C.:** Pioneiro. Foi.

**B.F.:** Aí o senhor mantém contato com alguns deles? Não mais?

**E.C.:** Tem uma boa parte, só que quando eu venho por aqui eu encontro alguns, mas tem tantos que já foi embora.

**B.F.:** É.

**E.C.:** Os linotipistas, todos dois já foram embora, Figueiredo, Toinho, seu Dionísio da encadernação já foi embora, já faleceu, daqui do prédio, aqui seu Hênio que era gerente aqui.

**B.F.:**Hênio?

**E.C.:**Hênio Regadas, essa turma antiga já foi embora, um bocado de gente, Moreira já foi também, Antomar.

**B.F.:** Mas agente vai tentar identificar pra homenageá-los também, né, porque foi na verdade, foram vocês a base desse trabalho né. E quais as dificuldades que vocês enfrentavam?

**E.C.:** Olhe, eu mesmo não procurei, nunca enfrentei dificuldade não.

**B.F.:** O que vinha né, fazia/.../**E.C.:** É aquele caso, eu pelo menos, eu sou assim, boa parte, não a equipe toda, o problema da gente não era apresentar dificuldades, era apresentar a solução por mais difícil que fosse o trabalho, não tinha essa história de dizer não venho, eu não posso, por isso ou por aquilo, não, sempre a equipe foi dedicada, a equipe tinha aquele entusiasmo de dizer: não, aqui agente não fica por baixo não, agente vai resolver e procurar, agente sempre tinha uma saída.

**B.F.:** E como é que vocês se atualizavam? Por que a técnica editorial ela foi é rapidamenteavanzando, como é que vocês se atualizavam?

**E.C.:** Pelo menos aqui só com a pratica, só no dia a dia.

**B.F.:** No desafio(inaudível)

**E.C.:** No desafio, é em alguma época nós fomos fazer alguns cursinhos lá na Escola Técnica, teve uns cursinhos, aqueles cursinhos 100 horas, 200 horas e agente ia lá fazer.

**B.F.:** Como era feito o livro, assim qual era os passos que vocês faziam para imprimir um livro? Por que aqui era tudo manual, né? O autor entregava o manuscrito na verdade/.../**E.C.:** Entregava pra direção, esse material ia ser digitado na, na offset, na, na linotipe, que era aquela com chumbo, digitava,

depois agente ia paginar, dividir paginas de acordo com o tamanho que o autor quisesse o livro e depois partia pra impressão.

**B.F.:** E fazia em chapa?

**E.C.:** Era em chapa, era justamente essa da linotype não é, agente formava aquela boneca que era justamente a boneca liza, dobrava o papel pra 8 páginas, aí fazia aquele caderno, via quantas páginas a matéria deu no total, e aí imprimia de 8 em 8 páginas, só era botar na máquina na sequência e ia imprimindo, hoje na offset é bem diferente, da gente era manual. **B.F.:**[[Tudo manual.]] **E.C.:** Era, dividia aquelas composição de chumbo, dividia botando, esquematizando, botando numeração, fazer a página de entrada né.

**B.F.:** Aí quem era responsável em fazer a composição de chumbo?

**E.C.:** Era justamente o linotipista Antônio Leite Pessoa e José Figueiredo de Andrade.

**B.F.:** Que já faleceu.

**E.C.:** E Valter Veloso o auxiliar dele, e na manutenção do chumbo era com Acelino, derreter porque depois que se imprimia um livro aquela composição voltava pra caldeira e virava uma barra de chumbo novamente pra voltar pra, pra, tinha essa rotatividade o chumbo, o chumbo era sempre usado e em seguida **B.F.:**[[Reaproveitado.]] **E.C.:** Era.

**B.F.:** Mais era também um trabalho de certo modo muito difícil, derreter o chumbo fazer bem a peça.

**E.C.:** Derreter o chumbo, fundir as peças, já tinha as fôrmas, já tinha as peças quando derretia, aí abria uma torneira que o chumbo sai liquido ali tinha ali, enchia aquelas formas, tinha já um ganchozinho pra pendurar lá na máquina e assim agente trabalhava.

**B.F.:** E era difícil.

**E.C.:** Difícil.

**B.F.:** Tudo manual, tira, bota/.../**E.C.:** Tudo manual, antes a maioria do trabalho era, agente dobrava na, na, costurar era na mão, depois foi que chegou a máquina pra costurar, mais antigamente agente costurava na mão mesmo,

mas era bom, o trabalho que sempre me deu prazer e acredito que pra toda equipe, tinha aquela dedicação de mostrar que agente sabia fazer aquilo, era nem de se mostrar era/.../**B.F.:** E quando o livro tava pronto era uma festa, era ver o produto. **E.C.:**[[Era ver ave Maria, quando saia os primeiros livros era, pra mim mesmo e pra todos quando agente fazia uma capa que arrente imprimia aquela capa, primeira cor, segunda cor, que antigamente agente botava de cor em cor, quando agente chegava que via o resultado francamente era um negócio que agente]] ((risos.))

**B.F.:** Que é uma química né, você ver uma capa em preto e, um papel sem cor daqui a pouco bota um preto, bota um branco ai/.../**E.C.:** Bota um amarelo ai bota um verde, bota um azul pra azul em cima do amarelo da o verde ai depois bota o vermelho ai no fim o preto que destaca determinados contornos aí aquilo deixa agente com aquele prazer e graças a Deus eu, eu sempre gostei do que faço.

**B.F.:** E é um trabalho lindo.

**E.C.:** Lindo ver pronto.

**B.F.:** Esse é o seu produto.

**E.C.:** E eu que vim desde os 12 anos trabalhando nisso, pra mim é o que eu digo tudo o que eu tenho hoje agradeço ao curso que eu fiz na escola industrial.

**B.F.:** Que foi o curso de?

**E.C.:** Que eu acho que foi um erro muito grande acabar com aquela escola porque se foi fundada a Escola Técnica a de lá era Editécnica, então acho que ela deveria permanecer.

**B.F.:** Até porque os cursos eram rápidos mas profissionalizava.

**E.C.:** Como é que você entra pra fazer um curso técnico se você não fez o edtécnico, o básico, não é.

**B.F.:** E tem muita gente hoje que precisa né, o mercado de trabalho mesmo mais rápido.

**E.C.:** A escasseis de mão de obra no país é isso, existe, não mais o SENAI assumiu mais, a Escola Industrial oferecia 6 cursos era alfaiataria, artes do couro, tipografia, fundição, mecânica e marcenaria.

**B.F.:** Quer dizer, tudo o que a sociedade precisava.

**E.C.:** E dentro da mecânica tinha mecânica comum e tinha o torneiro mecânico, quer dizer o aluno saia de lá 4 anos de escola.

**B.F.:** Formado.

**E.C.:** Tinha o expediente pras aulas não é, das matérias português, matemática e outras e a tarde oficina. **B.F.:** [[E saia profissional.]] **E.C.:** E então eram 4 anos convivendo dentro daquela profissão e quando saia dali aí é que eu digo ele devia fazer o teste se aperfeiçoar naquilo que ele tinha tido como base né, mais aí é uma parte deles que agente não pode. **B.F.:** [[Não pode.]] **E.C.:** Mais que eu fico assim, eu tenho pena de ter acabado com a Escola Industrial.

**B.F.:** Eu acho que ela era muito importante.

**E.C.:** MUITA gente, muito operário ta por aí a fora.

**B.F.:** Aí na sua casa quantos irmãos eram? Quantos filhos?

**E.C.:** Três irmãos.

**B.F.:** Três irmãos.

**E.C.:** Três irmãos, eu e mais dois.

**B.F.:** E só o senhor deu pra impressão? **E.C.:** [[Gráfico.]]

**B.F.:** Gráfico.

**E.C.:** Um era alfaiate e o outro motorista.

**B.F.:** Já pensou né? E aí, o que que eles diziam da sua profissão?

**E.C.:** Olhe, meu pai foi quem me colocou praticamente nisso, porque ele era amigo do professor da escola, professor Linconcrineves que era conhecido Mestre Nóm e sempre a noite eles se encontrava na barbeariazinha que tinha ali pela esquina da Doze de outubro com Floriano Peixoto, e ele me apresentou a ele dizendo que tinha a ideia, que o mestre mesmo dizia, não seu menino eu conversei com ele, ele da pro negocio, e quando eu fui pra escola eu já fui com aquela/.../**B.F.:** [[Ideia.]] **E.C.:** Aquela ideia de me profissionalizar naquilo



mesmo, e graças a Deus. **B.F.:**[[Deu certo.]] **E.C.:** Me dei bem. Até hoje tudo o que eu tenho eu agradeço ao que eu aprendi lá na escola.

**B.F.:** Tinha algum filho seu que seguiu a carreira, não?

**E.C.:** Tem não.

**B.F.:** Tem o genro?

**E.C.:** Tem o genro. ((risos.))

**B.F.:** O genro já conheceu aqui, não? Fora? Zeca o senhor conheceu aqui?

**E.C.:** Não ele quando veio pra aqui ele já namorava, era vizinho né.

**B.F.:** Há ele já, acho que ele já admirava a sua profissão viu.

**E.C.:** É. ((risos.))

**B.F.:** Acho que ele disse eu quero ser também.

**E.C.:** Ele veio pra aqui trabalhar numa maquinazinha de de, não é xerox não, mimeografo.

**B.F.:** Mimeografo.

**E.C.:** Dedicou-se que eu até fiquei, passou na minha frente, que ele foi pra offset, hoje graças a Deus ele também né.

**B.F.:** É um excelente profissional.

**E.C.:** É.

**B.F.:** Excelente profissional. Mas é aquela história que o senhor se aposentou se o senhor não tivesse se aposentado o senhor já estava naquela bem tecnológica né.

**E.C.:** Com certeza, com certeza.

**B.F.:** Quando o senhor saiu qual era a maquina aqui mais avançada da época?

**E.C.:** Era as duas planas KSBA.

**B.F.:** KSBA.

**E.C.:** É. Tem duas aí original idelberg KSBA plana.

**B.F.:** Tudo alemã né?

**E.C.:** Alemã.

**B.F.:** E o senhor operava as duas tranquilo?

**E.C.:** Operava, inclusive quando veio pra montagem que ela vem com uma parte montada né, e na montagem Volfman ficou numa e eu na outra, aí ele disse vá fazendo aí que eu tô vendo que você da pro negócio, vá fazendo aí que eu, quando ele chegou disse ta melhor do que a minha. ((risos))

**B.F.:** Então deixa.

**E.C.:** Ele levou na, e nisso eu fiquei e sempre procurei né.

**B.F.:** O senhor lembra como era distribuído as maquinas na produção? Era linotipia, ta, ta, ta, assim a arrumação dela no espaço?

**E.C.:** No local aqui né, colocação?

**B.F.:** Lembra né?

**E.C.:** Lembro.

**B.F.:** Diga assim mais ou menos pra gente como era?

**E.C.:** Olhe, a maquina de dobrar era logo aqui no começo, as duas linotipe lá na frente nessa parede de cá as duas, a nebiolo lá no canto, em seguida as duas KSBA, aí vinha a de palheta que é a idelberg de palheta e no canto perto da porta era a minerva que é aquela manual.**B.F.:**[[Manual.]] **E.C.:** Né aí a guilhotina aqui logo aqui no começo.

**B.F.:** Quer dizer todo esse espaço era usado pra isso.**E.C.:**[[Era usado, todo ele e tinha a parte de tipografia, (inaudível) era as cachetas com os títulos né]]**B.F.:**Isso.

**E.C.:** Que era lá enfrente as maquinas assim, eram as cinco maquinas assim, a linotipe cá e nesse espaço do meio tinha as cachetas **B.F.:**[[Com todas as linotipias]] **E.C.:** Todos os tipos, varias linotipias de seis a quarenta e oito a cinquenta, setenta e dois que era a medida gráfica.

**B.F.:** E era assim tinha tudo, não faltava material.

**E.C.:** Não, não, não.

**B.F.:** O senhor lembra de algum momento que não tivesse papel, tinta alguma coisa assim ou sempre teve pra trabalhar?

**E.C.:** Olhe, nunca, que eu saiba. ((gesticulando que não))

**B.F.:** Por que afetaria direto o trabalho de vocês né.

**E.C.:** É afetava o trabalho e não podia para por falta de material né, isso aí agente sempre, era uma coisa que agente fazia, sempre avisava com antecedência né, pra evitar, que eu me lembre que parou por falta disso por falta daquilo não, podia parar por uma maquina quebrar e aí não era culpa dagente, ou energia ou coisa assim, mas por falta de material que não.

**B.F.:** E como era o clima no trabalho? Vocês brincavam, se divertiam, produziam?

**E.C.:** Produziam e com, graças a Deus essa, esse clima, o clima era bom nós tínhamos um timezinho de futebol, ainda hoje tem uma fotografia ali que eu (inaudível).

**B.F.:** Há eu vou fotografar.

**E.C.:** Tá ali fotografia, eu tô lá, eu era encarregado do time, eu não jogava não.

**B.F.:** Há é. ((risos))

**B.F.:** Quer dizer que o senhor era encarregado?

**E.C.:** E nós participávamos todo ano do primeiro de maio e quando não era campeão era vice campeão.

**B.F.:** O time da Editora.

**E.C.:** Editora, e isso ai agente fazia passeio pra Bananeiras com time pra jogar em Bananeiras, pra participar do SESI.

**B.F.:** E quem fundou este time?

**E.C.:** Aí surgiu na própria turma mesmo que gostava de futebol.

**B.F.:** [[Uma peladinha.]] **E.C.:** Peladinha, foi, era Imprensa como era o time da Imprensa né na Editora Universitária, depois foi criado o nome CREDU, é, a turma disse rapaz CREDU!? Sim CLUBE RECREATIVO DA EDITORA UNIVERSITÁRIA. ((risos.))

**B.F.:** CREDU tá, Clube Recreativo Editora Universitária.

**E.C.:** CREDU, da Editora Universitária.

**B.F.:** E ele ficou por muito tempo?

**E.C.:** Por muito tempo depois que eu saí daqui parece que a coisa, eles ficaram, desanimou.

**B.F.:** Desanimou, porque tem sempre alguém que leve.

**E.C.:** É eu gostava, embora eu não seja muito entrosado, mas com a turma eu gostava, fazia questão de, eu saía de noite rodando pra arrumar aquela laranja, aquele negocio pra levar pra gente.

**B.F.:** Por que tinha um padrão de roupa?

**E.C.:** Tinha padrão, tinha tudo, tá ali na fotografia.

**B.F.:** Eu vou já fotografar. E o senhor lembra logomarca da Editora com era, da Imprensa? Tinha uma logomarca, não tinha? Que depois David mudou pra essa logomarca que existe hoje.

**E.C.:** Tinha, mais isso eu tenho nos livros.

**B.F.:** Tem né?

**E.C.:** Tenho, tem esses livros antigo tem, era um negocio mais ou menos assim, com se fosse duas bolinhas ((faz com as mãos a forma que era a marca)) assim, aquele jeito, uma assim com a outra, eu acredito, eu vou encontrar uns livros lá em casa.

**B.F.:** Pronto, que agente fotografa e lhe devolve.

**E.C.:** É, porque eu tenho num quartinho lá que eu boto os troços, depois que uma neta minha casou e foi morar comigo, aí eu peguei um quarto onde agente estocou um bocado de coisa e tá lá, mas tem a logomarca.

**B.F.:** Então, foram boas lembranças da Editora Universitária?

**E.C.:** De minha parte, eu tenho, nós tínhamos sempre tinha uma programação, sempre aparecia uma programação, agente saía daqui numa sexta feira, pronto sexta feira vamos pra tal canto, agente saía.

**B.F.:** Os funcionários tudinho?

**E.C.:** Os funcionários, aquele grupo, só aquele grupo que pudesse ir, mas sempre havia aquela comemoração, nós saía lá pra ASSUFEP, pra o Clube dos Sargentos aqui Jaguaribe, jogaram muitas vezes lá na quadra do Clube dos

Sargentos, pra o SESI lá no Distrito, pra o SESI aqui no Centro da cidade e churrascaria sempre tinha um motivo da gente ir né.

**B.F.:** Tudo era motivo né?

**E.C.:** Tudo era motivo, churrascaria bamboo ali na lagoa. **B.F.:**[[Era famosa.]] **E.C.:** É, e sempre graças a Deus a turma sempre se entendeu bem.

**B.F.:** Aí o senhor casou quando?

**E.C.:** Casei em mil novecentos e cinquenta e seis.

**B.F.:** Já era casado quando chegou aqui?

**E.C.:** Já.

**B.F.:** Casou muito novo.

**E.C.:** Casei com dezessete anos. **B.F.:**[[Ave Maria, meu Deus do céu.]]

**E.C.:** Eu não tinha dezoito ainda não. **B.F.:**[[Era um menino.]] **E.C.:** Mais até hoje tô tranquilo.

**B.F.:** Com a mesma esposa?

**E.C.:** Com a mesma esposa.

**B.F.:** Tá vendo? Era menino ainda né.

**E.C.:** É.

**B.F.:** E ela jovenzinha também?

**E.C.:** Jovenzinha, ela mais nova do que eu um ano e quatro meses.

**B.F.:** Quer dizer que quando o senhor veio trabalhar aqui o senhor já era casado?

**E.C.:** Já.

**B.F.:** Já tinha filhos?

**E.C.:** Filhos, já.

**B.F.:** Quantos filhos o senhor tem?

**E.C.:** Sou pai de dez, tenho vivo sete, né.

**B.F.:** É muito menino, ne? Eles eram muitos novos.

**E.C.:** Dois morreram novinhos né, uma com um ano, com dez meses se não me engano, e um nasceu de, foi pré-maturo e durou poucas horas e o outro morreu aos quarenta e dois anos, ne, teve um problema no pâncreas e faleceu.

**B.F.:** Faleceu, e tem sete vivos?

**E.C.:** Sete inclusive, uma é casada com Zeca.

**B.F.:** Zeca né, e Zeca seguiu a carreira do sogro.

**E.C.:**((risos)). É, pois é casei em cinquenta e seis, em janeiro de mil novecentos e cinquenta e seis. **B.F.:**[[Muito novo menino, muito novo, dezessete anos ainda.]] **E.C.:** No meu caso eu sempre procurei **B.F.:**[[Mais bom é viver feliz.]] **E.C.:** Eu tenho graças a Deus, eu tenho minha casa própria, meus filhos todos tem suas casas, tem. **B.F.:**[[Isso é que é importante.]] **E.C.:** Ainda tenho uma casinha lá na praia. ((risos.))

**B.F.:** É aonde, que praia?

**E.C.:** Lucena, Pontinha.

**B.F.:** Eu também tenho uma em Lucena em Pontinha. **E.C.:**[[ Qual ponta de Lucena?]]

**B.F.:** Me diga onde é sua casa?

**E.C.:** A minha, não sei se a senhora conhece a Nadete e Renato que trabalha aqui na, na Renato trabalha aqui na TV?

**B.F.:** Não.

**E.C.:** Trabalha aqui com a gente.

**B.F.:** Não, não conheço não.

**E.C.:** Minha casa comprei a ele.

**B.F.:** Foi né, num tem a igreja de Pontinha?

**E.C.:** Tem aquela igreja pequena, que tem uma pracinha na frente?

**B.F.:** Isso.

**E.C.:** Pronto.

**B.F.:** Não tem aquela ruinha de frente?

**E.C.:** Tem um prédio abandonado na entrada? É aquela ali?

**B.F.:** Não a, a de cá, a que fica mesmo assim pra lateral da igreja tem uma ruinha de frente. **E.C.:**[[Sei.]] **B.F.:** Que aqui tem a igreja que ela é meio tronchinha assim né, que tem uma pracinha, essa ruinha aqui de frente a segunda casa amarela ela é a minha.

**E.C.:** Descendo pro lado da praia?

**B.F.:** Não pro lado contrário da rua.**E.C.:**[[Sei.]] **B.F.:** É. A segunda casa é minha.

**E.C.:** Olha ali, num tem um prédio que começaram a, um prédio que é todo, pronto.

**B.F.:** Isso.

**E.C.:** Pronto a minha entrando do lado ali, a quarta rua esquerda duzentos e quatro.

**B.F.:** Tá vendo, então a gente mora na mesma quadra praticamente, a casa da gente é na mesma quadra. **E.C.:**[[Pronto.]] **B.F.:** Mais o destino é fogo né?

**E.C.:** Entrou naquele prédio abandonado tem uma barraquinha de venda, não é. **B.F.:**[[Tem.]] **E.C.:** Entrou ali na quarta rua, rua a esquerda lado direito a quarta casa. **B.F.:**[[Pois é.]] **E.C.:** Número é duzentos de quatro.

**B.F.:** A minha é exatamente, nem sei o número da minha viu risos, na verdade a gente nunca vai lá.

**E.C.:** O nome da rua é ate o nome do filho de Renato que morreu no acidente é Deliardo, Deliardo Barbosa.

**B.F.:** A minha tem a igrejinha aí passa a pistinha da esquina, segunda é a minha uma amarela. Mas vive fechada por que é só eu e o meu esposo e ele agora enfartou né, nesses últimos dias ai agente praticamente não tem ido.

**E.C.:** Pois é a minha é ali, tem aquela barraquinha que vem um terreno com aquele prédio, entrou ali quarta rua a esquerda. **B.F.:**[[Está lá não é?]] **E.C.:** É.

**B.F.:** Seu Nau muito obrigada viu, se o senhor lembrar de algum livro de alguma coisa.

**E.C.:** Eu vou procurar porque (inaudível)**B.F.:**[[Procure e nos avise.]] **E.C.:** Esse livro história da Paraíba de Zé Américo de Almeida eu tinha esse livro com um carinho danado que foi o primeiro, aí tá vendo que aconteceu uma coisa interessante na montagem das maquinas que o mecânico veio montar

e ele começou querendo regular a máquina, e eu aperreado eu olhava e dizia pro chefe meu amigo eu não sei não mais se eu fosse o técnico eu resolvia aquilo dali, ai quando foi um dia de sábado pela manhã que eles trabalhavam no Correio da Paraíba, tinha feito o serviço lá e saiu, ele disse ó ((inaudível)) baixinho você num disse **B.F.:**[[ Que resolvia.]] **E.C.:** Que resolvia.**B.F.:**[[Venha cá.]] **E.C.:** Chegou a oportunidade agora, agente vai ali no Correio da Paraíba, não vai demorar não, aproveita e veja aí o que é que você faz, aí eles foram pra lá e eu fui pra maquina, regulei a maquina quando eles chegaram eu já tinha tirado uma tiragem de mil e já tava na segunda.

**B.F.:**Afe. ((risos)), e esse livro é nessa história?

**E.C.:** Essa história.

**B.F.:** O livro de José Américo?

**E.C.:**Aí caba disse mais rapaz eu, os meninos ficou gozando com a cara dele, mais rapaz. **B.F.:**[[O técnico não deu jeito.]] **E.C.:** O baixinho lhe desmoralizou. ((risos ))

**B.F.:** Então pronto, esse livro a gente precisa recuperar pra gente fotografar.

**E.C.:** Esse rapaz eu emprestei pra uma pessoa que disse que iria fazer um trabalho, e quando eu procurei essa pessoa ela disse que não tinha pego.

**B.F.:** Não tinha pego. Mais eu acho que na Fundação Casa de José Américo deve ter pra gente fotografar e tal pra botar.

**E.C.:** É.

**B.F.:** Nu é, pois seu Nau./.../**E.C.:** Olhe tem muita coisa dessa, aqui graças a Deus o clima aqui sempre foi. **B.F.:**[[Harmônico.]] **E.C.:** Foi bom, assim tinha aquele desentendimento, mas coisa passageira, em todo canto tem mais, o clima o interesse pela brincadeira nu é, a as diversões no final de semana, o futebol num é, futebol de salão também que a turma jogava e graças a Deus, eu sempre fui aquele que, como não era muito chegado a jogar isso aquilo, mas gostava de ajudar a turma, inclusive fui chefe aqui um bom tempo.

**B.F.:** Da, do setor?



**E.C.:** Do setor. Fui chefe.

**B.F.:** Era da gráfica?

**E.C.:** Da gráfica, fui chefe muito tempo, no tempo de Doutor (+) Francisco o que eu disse ai não me lembro agora, aí eu fui, agora chegava aqui graças a Deus eu quando terminava sempre possui um carrinho velho e eu tinha aquela história que quando terminava saia pra levar esse pessoal, aqueles mais distantes, gente lá na Ilha do Bispo, gente lá no, e eu sempre procurei cativar né. **B.F.:**[[Harmonia.]] **E.C.:** Cativar no bom sentido, de mim mesmo ainda faço isso, graças a Deus eu, o caba tal tal, o que que tá faltando bora entra aqui, agente não perde. **B.F.:**[[Não agente só ganha só ganha.]] **E.C.:** Só ganha, graças a Deus o caba olha pra mim não tem o que dizer, não tem pedra pra jogar em mim, só se quiser mesmo.

**B.F.:** Agente não perde absolutamente nada, nada daquilo que agente faz de bem.

**E.C.:** Eu sempre procurei me dedicar e fazer do, dar o melhor de mim e a equipe sempre se incentivava, alguns até chateava, rapaz isso é que é um caba, mais eu, que é agente não tava ganhando pra isso num é. **B.F.:**[[Exatamente.]] **E.C.:** Se agente tá ganhando pra isso vamos fazer. **B.F.:**[[Fazer bem feito num é.]] **E.C.:** Aquilo bem feito.

**B.F.:** É, pois seu Nau o que o senhor lembrar, o senhor vai ser uma pessoa importante no nosso trabalho, na nossa pesquisa né, se o senhor lembrar nomes, pessoas, livros, escritores, autores, professores que viam muito aqui o senhor nos avisa tá certo? **E.C.:**[[Tá certo.]] **B.F.:** Agente vai manter esse contato.

**E.C.:** Uma pessoa boa que vocês podiam entra em contato era Doutor Arael.

**B.F.:**Arael?

**E.C.:**Arael Meneses da Costa que é muito conhecido na Universidade né.

**B.F.:** É, vamos entrar.

**E.C.:** E Cláudio Leite Pessoa que foi o primeiro, quando eu cheguei ele já tava, já foi o chefe né.

**B.F.:** Cláudio Leite Pessoa.

**E.C.:** Cláudio Leite Pessoa.

**B.F.:** Vou ver é como a gente localiza/.../**E.C.:**O sobrinho dele que trabalhou aqui, não sei se trabalha aqui ainda, Gena deve conhecer, Gena.

**B.F.:** Gena, bote aqui Gena pra Cláudio Leite Pessoa.

**E.C.:** É porque Gena pode dizer o número do telefone dele é esse né.

**B.F.:**[[Exatamente.]] **E.C.:** Doutor Arael a própria Reitoria pode, indica onde ele.

**B.F.:** Indica, por que lá com, com PRG, o pessoal do Departamento de Recursos Humanos da PROGEP pra ver se eles tem o contato tal, é importante a gente fazer essa recuperação né.

**E.C.:** Eu graças a Deus em matéria de mecânico eu me dediquei, tanto trabalhei nas montagens das maquinas do Quinze aí quando foi transferida do bloco da frente lá pro outro prédio e eu participei, Jornal A União quando saiu daqui onde é a Assembleia lá pro Distrito eu participei da montagem também, da mudança, que tinha um colega Gabriel que era encarregado sempre pegava os contrato e sempre eu ia com ele.**B.F.:**[[Vamos comigo, confiança no seu trabalho.]] **E.C.:** Confiança graças a Deus.

**B.F.:** Pois pronto, pois seu Nau a gente vai contar muito com o senhor viu, a gente te chegando agora mais essa história já tá aqui né isso, se não for vocês que nos contem a gente não tem como recuperar/.../**E.C.:** Os funcionários daqui já, eu acho que existe por aqui em arquivo alguma coisa, porque muita gente quando chegou aqui, depois que veio pra aqui teve muita gente, Antomar, foi Moreira, foi Vilberto, foi Marinésio, foi Matias, Marinésio que chamam ele de jacaré né e muitas outras pessoas.

**B.F.:** A gente vai entrevista todos eles, vai tentar entrevista todos eles/.../**E.C.:** E lá em Jaguaribe ainda teve na cantina depois teve Ivanilde no lugar do Pedro Paulo, Ivanilde Rodrigues que é minha cunhada e depois aqui ela passou a trabalhar na parte administrativa né.

**B.F.:** Aqui a Editora, não?

**E.C.:** Editora, lá foi lá dentro depois ela foi pra Biblioteca.

**B.F.:** Há o senhor tem contato dela?

**E.C.:** Já faleceu.

**B.F.:** Há já faleceu, é uma tristeza, mais lembrar o nome dela completo que é pra gente botar/.../**E.C.:** Ivanilde Rodrigues da Silva. **B.F.:** Ivanilde Rodrigues da Silva, porque mesmo essas pessoas/.../**E.C.:** Ela veio de Jaguaribe pra cá também né, ela substituiu Pedro Paulo./.../ **B.F.:** Na cantina. **E.C.:** Na cantina e depois ela/.../**B.F.:** Aí a cantina servia o que, lanche?

**E.C.:** Era lanche, leite porque (inaudível) muita química.

**B.F.:**[[Trabalhava com muita química.]] **E.C.:** Um cafezinho, só isso, só naqueles horários de nove horas e a tarde de três horas.

**B.F.:** Que era servido pela própria Editora? **E.C.:**[[Era própria gráfica.]]

**B.F.:** Por que o leite era inclusive pra combater a química dos produtos né. E vocês trabalhavam assim, não tinha mascara, não tinha nada nera, em contato direto com os produtos nera?

**E.C.:** Era contato direto.

**B.F.:** Contato direto com os produtos, isso era paixão. **E.C.:**[[Eu sempre trabalhei.]]

**B.F.:** Ser profissional mesmo, não fugia da raia não.

**E.C.:** Não, não, não. ((risos.))

**B.F.:** Todo mundo disposto a trabalhar.

**E.C.:** Pois é, a equipe daqui nova, todo mundo que tá aqui deve ter nos arquivos aí, tem muita gente, tem a parte administrativa né que era outras pessoas.

**B.F.:** Mais seu Nau muito obrigado viu, o senhor desculpe tomar seu tempo, ainda vai tomar mais tempo viu.

**E.C.:** Eu é que agradeço, agora pena que eu tava com esses livros, eu disse rapaz vou pegar pra botar a caixa de livro na mala do carro, chegar lá eu tiro tudinho pra. ((risos.))

**B.F.:** Pra gente fotografar, mais se o senhor encontrar não, não/.../**E.C.:** Eu tinha muito mais tinha coisa demais.

**B.F.:** A gente vai limpando.

**E.C.:** Aí eu fui, digo rapaz é o seguinte isso tá aqui encostado aí é melhor dar/.../**B.F.:** Pra alguém ler. **E.C.:** Uma porção de livro que eu tinha lá em casa fiz uma doação pra essas, esses lugares aí de, de onde pega livros pra ajudar os alunos da biblioteca, uma boa parte a gente fez doação e pra vender eu não ia vender de jeito nenhum, fiz doação de muita coisa.

**B.F.:** O senhor tem alguma fotografia da época com as máquinas, ou dentro da produção?

**E.C.:** Olhe eu tenho, parece que eu tenho as fotografias na máquinanebiolo, Cabral.

**B.F.:** Pois se tiver nos arranje essas fotos.

**E.C.:** É eu vou procurar ver isso.

**B.F.:** Por que a gente não consegue mais né, rarissimamente são as pessoas que tem.

**E.C.:** A gente pensa que não vai precisar né, chega uma hora dessa vem a saudade e aquela, rapaz pra que eu fiz isso.

**B.F.:** Pra que eu fiz isso, mas geralmente a gente guarda ne, as vezes num fica/.../**E.C.:** Eu gosto de guardar e deixa eu ver aqui se tá fácil, isso aqui é minha esposa. ((pega da carteira uma foto da esposa e do filho já falecido)).

**B.F.:** Há.

**E.C.:** Deixa eu ver aqui que a carteira, esse aqui é o meu filho que morreu com quarenta e dois anos.

**B.F.:** Novo demais. Parece com a esposa, uma mistura da esposa com ele.

**E.C.:** Eu gosto de guardar umas coisinhas. ((tira do bolso um foto dele quando criança))

**B.F.:** Olha, olha essa fotinha era ele novinho.

**E.C.:** Esse aí sou eu com quatro anos e três meses. ((risos.))

**B.F.:** Quarenta e três, era eles faziam isso hoje ninguém faz mais, tira as fotos deixa na máquina e ninguém sabe o que é.

**E.C.:** Ninguém sabe, eu já reclamo lá em casa, nos setenta anos da minha esposa foi ou foi o meu./.../**B.F.:** Essa fotinha a gente vai precisar dela viu! ((risos))

**E.C.:** Foram lá, coisa e vai pra lá vai pra cá tiraram as fotos todinha até hoje eu não vi essas fotos.

**B.F.:** Pois é uma hora isso acaba.

**E.C.:** A festa bonita né.

**B.F.:** E a memória vai enterrada.

**E.C.:** Eu já passei por muita coisa bonita graças a Deus, no dia do meu cinquenta anos de casado, eu fui pra igreja convidaram, rapaz eu vou de qualquer jeito, mais bota um paletó de repente que que, mais que nada né só uma missazinha simples, mais não bote, bote ai na ultima hora me ajeitei todo e fui pra igreja, cheguei na igreja ali na São Cristovão olhei aquele tapete vermelho, a igreja toda ornamentada, eu digo deve ter havido algum casamento aqui e eu fiquei olhava eu e a mulher, rapaz deixa eu ver se chegou o pessoal, aí chegava um chegava outro, e a igreja desculpada eu falava carro a vontade no lado de fora né.**B.F.:**[[Cadê o povo?]] **E.C.:** Cadê o povo, depois eu vi um caba atrás do poste lá botava a cabeça, e eu fiquei rapaz chegou a hora vamo entrar, olhe quando nós entramos na igreja o povo tava tudo escondido dentro dos carros.

**B.F.:** Mais tem que ter coração bom viu.

**E.C.:** Quando o padre anunciou, anunciou nós estamos aqui para celebrar os cinquenta anos de casamento de seu Edinaldo e dona Ibenilde e o casamento de George e Andreia que era minha neta, ela marcou o casamento dela no dia dos meus cinquenta anos isso sem, eu não tive conhecimento de nada.

**B.F.:** Agora isso tem que ter coração bom, porque isso pra dar um enfarto é rapidinho tanta emoção né não.

**E.C.:** Eu tava no altar de fé entrou, entrou ele depois entrou ela, aí a igreja encheu, encheu, olhe foi uma festa bonita viu daí nós saímos, terminamos

nas Voluntárias, tava tudo programado, fizeram tudo no esconderijo tão grande que eu nem percebi.

**B.F.:** Nem desconfiou?

**E.C.:** Não, não, não de jeito nenhum.**B.F.:**[[Que coisa linda né!]] **E.C.:** Foi demais.

**B.F.:** Pois é isso são memórias que se não tiver os registros se acaba não é, porque a gente como humano a gente/.../ **E.C.:** Aí eu tenho a fitas, tenho tudo gravado graças a Deus.

**B.F.:** Pois vamos atrás do que o senhor tiver na sua época daqui viu.

**E.C.:** Certo.

**B.F.:** O que o senhor tiver de foto nos avise que a gente traz uma maquina digitaliza aqui mesmo lhe devolve na hora.

**E.C.:** Tá certo.

**B.F.:** Tá certo seu Nau? Pois muito obrigado.

**E.C.:** Vou dar um vasculho lá. ((risos))

**B.F.:** Vasculhe as suas memórias certo, muito obrigada.

**E.C.:** Tenho muita, muita lembrança boa daqui graças a Deus.

*Aires Antônio de Lima Silva*, eu não sabia nem o que era uma gráfica, pra ser sincero foi no tempo da da Fundação Estadual do Bem Esta do Menor a FEBEM que o povo chamava, mais aqui foi em homenagem a Alice de Almeida que era mulher do governador José Américo, e doutor Magno que era juiz na época passou a ser desembargador e botou Martins Lisboa pra ser juiz, e eu conheci o neto de Martins Lisboa que botou a primeira loja de ar condicionado aqui, não era como hoje ela só vendia ar condicionado e através dele eu pedi pra ir pra o é o CEA hoje né. Antigamente era Centro Educacional de Menor/.../

**MR:** Era CETRIN nera?

**AA:** Não era Centro Educacional de Menor, mais não era como hoje que é presidio, era baixo muro baixo, não tinha problema de rebelião, esses negócio, não tinha nada disso. Hoje é que é Centro educacional de ( ) de adolescente ( ) meu tempo não tinha isso não era pessoas que não tinha família, é tanto que ( ) chegou a me negar porque constava que eu tinha pai e mãe/.../

**MR:** Aí lá vocês faziam o que?

**AA:** Lá dentro tinha marcenaria, sapataria, mecânica de tudo.

**MR:** Você aprendeu o ofício lá de gráfica?

**AA:** Não eu comecei a trabalhar fazendo feira do povo na SEASA, antigamente a SEASA tinha uma espécie de supermercado e como eu tinha muito conhecido já o povo me dava as lista pra eu fazer as fera deles, aí depois fui pro Bom Preço tinha um convenio com o Bom Preço, eu fiquei trabalhando lá na parte de reposição. Aí uma vez eu discute com a psicóloga e aqui um dos meninos que veio pra aqui foi pego roubando no banheiro aqui, o povo trocava de roupa, esse menino eu entrei no lugar dele porque ele roubou aqui que el roubava o pessoal, aí eu fiquei intrigado dessa psicóloga ela não tinha como me agradar, aí um certo dia ela mandou me chamar, ainda ta com raiva de mim eu disse eu tenho raiva de você não, ela disse quer trabalhar na universidade eu disse quero, aí vim pra aqui só que não sabia de nada de gráfica, nunca tinha entrado numa gráfica na vida, aí cheguei aqui tinha seu Nau, seu Regi, seu Nau é o sogro de Zeca, tinha seu Regis que era o o tinha dona Glória então fizeram uma festa aqui aí seu Nau disse aprenda que eu lhe contrato. Só que na época aqui os cara tinha medo de perder porque qualquer coisa demitia não tinha história de estabilidade de nada, mais eu muito buliçoso comecei a mexer quando era hora do almoço deles aí eu começava a mexer, mexia numa máquina hoje, amanhã notra.

**MR:** Não tinha uma função especifica não?

**AA:** Trabalhava sempre foi acabamento. Só que o acabamento na época cada um tinha sua máquina, tina a de dobrar era um cara, de grampear era outro, de serrilho era outro, de cortar era outro então ninguém queria perder, ai

ficava bem difícil pra eu aprender mais eu sempre olhava, olhava o povo fazendo e fui fazendo. O homem que opera todas as máquinas aqui sou eu, de computação até:: pode ir botando.

**MR:** Tu lembra dos colegas da época que entrou aqui? Os nomes deles?

**AA:**Há:: tinha colega aqui não. Eu nunca fui de colega/.../

**MR:** Que trabalhava com o senhor?

**AA:** Era sessenta e quatro funcionário quando eu entrei aqui/.../

**MR:** Então o parque era grande?

**AA:** Era porque hoje é só a metade, tem um paredão ali, ali pra trás era outro tanto, pra você ter uma ideia a gráfica era isso aqui tudinho, hoje aí é tv é não sei o que, é multimídia, mas aqui tudinho era só a gráfica. Essa parte de cima aí era só pra editoração.

**MR:** As funções que o senhor já exerceu aqui? O senhor entrou aqui era::?

**AA:** Eu entrei como artífice de arte gráfica, porque antigamente quando contratava você contratava como auxiliar de artífice mais só que eu já fui, quando eu fui pra ser contratado era doutor Saulo Parente Miranda era o diretor e disse não você não vai entrar como auxiliar não, só que eu não tinha curso profissionalizante tudo eu aprendi aqui e não recebi certificado. Mas o reitor era Jaques padrinho de meu irmão aí através de de cargo né ( ) botou eu como artífice, aí eu passei a maior referencia aqui foi a minha na época/.../

**MR:** Tu já tinha carteira assinada aqui quando entrou?

**AA:** Noventa e quatro, oitenta e quatro, mais eu entrei aqui em Wilson Braga assumiu no dia três de março, três do três, dia trinta de julho eu entrei aqui.

**MR:** De que ano?

**AA:** Oitenta e dois, aí em oitenta e quatro eu completei dezoito anos aí doutor Saulo disse tu já é maior, eu disse sou, ele disse tu vai ser contratado ai me contratou, na época eu entrei aqui ganhando mais que todo mundo qui, quando eu fui falar com doutor Martins Lisboa ele disse mais rapaz eu tava lhe



esperando mesmo você vir aqui, aí eu disse o que é, ele disse tá aqui o seu contrato pra você entrar na polícia militar, aí eu disse quero não, aí ele disse você vai ganhar quanto na universidade? Aí eu disse duzentos e dez mil cruzeiro. Aí ele disse a polícia militar paga oitocentos mil. Eu disse quero não, não quis.

**MR:** Aí preferiu ficar aqui?

**AA:** Se tivesse ficado lá era pior, dos três que ficaram já morreram todos três, dos sessenta aluno quando eu era do CEM tem sessenta e três alunos que é chamado aluno na época, hoje é preso mais naquela época. Se eu disser a você que não tem dez vivos você acredita? Não tem dez cara.

**MR:** Aí tua função aqui sempre foi essa de::?

**AA:** Encadernador, que agora não existe minha função, quando houve o enquadramento não tinha artífice, aí era pra eu ser técnico, mais satanás da chefia aqui na época butaram( ) pra ser técnico e me butaram como encadernador, aí eu fiquei ganhando menos que os cara que eu ganhava mais.

**MR:** Tu aprendeu o ofício aqui mesmo olhando foi aprendendo?

**AA:** Mais eu tenho os curso de Corel Draw, Page, Photoshop, tenho curso de matemática, tenho curso de auxiliar administrativo, eu tenho curso de contabilidade, agora nenhum é superior.

**MR:** Quais eram as dificuldades que tu enfrentava assim aqui?

**AA:** Todo mundo tinha medo de perder, porque na época mesmo eu solteiro, moço tempo pra estudar eu tinha. Eu não parava nu nu não saia nem pros ( ) vinha os carro de manhã me deixava no Bom Preço, de onze e meia ia me pegar, me deixava aqui, de cinco e meia vinha pegar me levava pro colégio de dez e meia me pegava pra eu ir dormir.

**MR:** Como era a editora na época e quem foram os diretores quando tu chegou aqui?

**AA:** Rapaz meu primeiro diretor foi Alarico Correia Neto, depois veio:: Hamilton só que eu não tô lembrado o nome dele não, aí depois veio Modesto Soares da Cunha que é o dono da UVA né, depois veio Saquarente Miranda,

depois ( ) não me lembro o nome dele não, daí tinha Pontes também não lembro o nome dele, depois entrou Walter Inácio de Paiva, que o filho dele é vereador hoje, depois de Walter Paiva entrou José David, de Neroaldo pra cá ficou só só ele, quando saiu do de Jader aí David de olho de fazer essa tv aí foi cabo eleitoral de de Rômulo Polari, aí Polari deu um chute na bunda dele e deixou Luiz aqui, aí agora veio Izabel pra ser diretora.

**MR:**É:: aí como era a editora assim o parque? Vocês tinham toda a área?

**AA:** Tinha tudo antigamente você fazia o caderno escrito aqui, digitação, diagramação, revisão, redação, tudo. Tudo era feito aqui hoje em dia não, ( ) é de responsabilidade do autor antigamente não tinha, a responsabilidade era da editora, é tanto que aqui nas particulares eu já fui fazer manutenção de máquinas na JB, na Santa Marta e eu trabalhei assim né, muitas vezes eles compravam máquina nova e não tinha operador e foi passando, foi passando e ficou assim, tiraram as máquinas daqui tudinho, aí depois fizeram aqui novos autores que era muito dinheiro que entrava aqui, tinha uma verba do governo, esse dinheiro hoje não vem mais pra editora, quando eu entrei aqui era quase quatrocentos mil na época né foi passando de moeda e moeda se brincar hoje não recebe nada aqui o dinheiro é todo pra TV, aí não tem como a gente trabalhar, eu mesmo, não tem mais funcionário pra começar, concurso não pode ter porque os funcionários que eram daqui foi tudo pra outro setor, eles pediram, tem camarada que foi pro RU, tem camarada aqui na Biblioteca eu mesmo fui chamado quatro vezes pra biblioteca, eu não quero sair daqui, porque os que saíram agora quando entrou no final do mandato de Polari eles perderam a salubridade, quer dizer tem nego lá que perdeu seiscentos reais, aí tão pedindo pra ver se bota de novo.

**MR:** Como era o dia a dia aqui da editora?

**AA:** Depois que a gente foi contratado, depois que eu fui contratado mudou tudo né porque aí eles já perderam o medo de mim, o problema deles era o medo, aí daí já comecei a:: trabalhar, tinha a produção a gente ganhava na produção quando era serviço particular, mais recebia o salário, quando era

serviço da universidade a gente fazia o trabalho da gente mais pegava, tinha um convênio com a FUNAPE, a FUNAPE trazia o serviço particulares e a gente recebia uma diferenzinha, mais isso também foi extinto no governo de Collor, ele acabou com as autarquias entre aspas, mais mesmo assim não tem mais verba, não tem mais convênio, e a turma aqui a gente só final de semana mais depois a gente ganhou horário corrido também, a gente só trabalhava de sete a uma, tinha o horário de meio dia as sete, mais a gente se encontrava de todo jeito.

**MR:** O que vocês produziam aqui?

**AA:** Livro, é:: talões, a ficha, boletim da universidade, revista científica, livro dos professores, dos alunos daqui também.

**MR:** Hoje não produz tudo isso não?

**AA:** Não produz porque:: por falta de interesse porque eu já disse e digo tem gente que ganha em cima disso, não tem interesse nenhum de reformar essa editora, porque se você pegar a ideia se eu pegar um livro aqui hoje e eu levar em qualquer gráfica dessa aí eu ganho vinte por cento, imagina aí eu um serviço de vinte mil reais, de cinquenta mil reais, teve autores aqui de mandar fazer treze mil livros, o rapaz veio agora queria quinhentos livros foi quatro mil e quinhentos reais, imagina se fazer treze mil livros dando a comissão a pessoa, quer dizer recebendo da pessoa.

**MR:** Você lembra de alguém que tenha se destacado como colega seu?

**AA:** Tem Francisco Paulo mesmo era meu inimigo doente, tinha ódio de mim hoje é meu amigo aqui dentro.

**MR:** As brincadeiras que vocês tinham aqui?

**AA:** Tinha o timezinho daqui, tinha eu sempre gostei de contar piada, eles gosta muito de ouvir é::, o que eu faço lá fora que consigo eu tento passar pra eles, o sindicato eles não vão eu chego aqui passo os informe pra eles, convoco eles pra reunião e as vezes pra as assembleias. Tinha o Zé Nilton que já faleceu que ele tirava a gente do serio as vezes sabe, era aquele caba bocão, mais nunca arranjei inimizade com ninguém aqui.

**MR:É::** como o senhor ver como era a editora antes e como o senhor ver hoje?

**AA:** Hoje? Hoje isso aqui não pode ser considerado nem uma gráfica minha filha, não pode ser considerado nada aqui mais não, não tem como você considerar isso aqui mais uma gráfica, só o nome e pra muita gente ela é extinta. As vezes os meninos dizem vem cá Batata tu ta trabalhando onde? Na editora. Oxente ela num foi extinta! Que David extinguiu a editora pra fazer a tv, até hoje eu não sei como ela é mantida, se eu morrer não tem quem fique porque o MEC eliminou linotipista, cortador nada disso existe mais.

**MR:** Tu lembra os nomes das máquinas que tinha?

**AA:** Tinha a ideberg, pra fazer impressão tipológica né, tinha torino era grampeadora, tinha:: como era o nome dela a alemã uma ( ) que era de ela era alemã, era a guilhotina que tinha aqui ela sumiu, ela saiu correndo pra Campina e não chegou lá, aí compraram uma essa aí na época era oito mil não sei mais se era reais pra consertar, essa daí já gastou mais dinheiro que se tivesse consertado a outra, aí tem a babybind né que é a de botar capa no livro, mais tudo não presta, se você for trabalhar ao pé da letra não presta mais as máquinas.

**MR:** O senhor lembra de algum acontecimento marcante nesses anos que o senhor trabalhou aqui?

**AA:** Rapaz já teve muitos, a editora teve muita coisa das festas que tinha aqui, é:: dos encontros que a gente ia, viagem com o reitor, viajei com muito reitor, já fui pro Paraguai, já fui pra Argentina/.../

**MR:** Mais pela editora?

**AA:** Não aí é parte do sindicato, mais tudo por causa dela que eu era o representante legal da editora no sindicato. Aí tinha as peladas que a gente brincava aqui, as grandes festas que faziam aqui, ano passado eu fui e fiquei revoltado que aqui chegou a um ponto, aqui quando eu entrei aqui você tinha leite por causa do material aí, tinha leite, tinha pão, tinha biscoito, tinha doce, de manhã e de tarde, quando foi agora fizeram uma festa, fizeram a festa do do

confraternização da gente em dezembro. Olha Batatinha a gente vai dar o almoço a bebida vocês trazem, eu não vim chegou a esse ponto.

**MR:** Quais eram os bares que vocês iam?

**AA:** Paraíba Bamboo que hoje não existe mais, tem o Bahamas na praia, tem em Mangabeira aqui Toca do Bode, a própria ASSUFEP quando existia, tinha ali:: do Bobó de camarão, Tinha aqui na Torre Picuí, tem muitos cantos bom, a gente não gastava nada era a editora que bancava. Essa pobe veio aqui pra levantar a editora ((se referindo a diretora Izabel)), mais como? Margareth reuniu a gente disse que tinha dezesseis milhões não entendi se era só pra editora porque tinha quatro órgão lá no dia, aí chegou aqui juntou-se eu, Eduardo vamo fazer um levantamento do que precisa e do que dá pra comprar, tá aí o relatório ta feito todinho aí com as máquina que precisa, os preços, tudinho mais o dinheiro não saiu, como é que ela vai melhorar? Você chega lá na garagem ta tudo lá levando sereno, vai se acabando. Mais é como eu disse a você tem alguém ganhando com isso.

**MR:** Me diz assim como era os materiais utilizados na editora?

**AA:** Aqui tem muito, tinta, cola, restauralito, plaquetolito, querosene, gasolina, óleo de todos os tipos/.../

**MR:** Faltava quando vocês queriam?

**AA:** Antigamente não, tinha estoque. Hoje em dia não, quando ela assumiu eu disse professora a máquina acabou o óleo, ela disse quanto litro a máquina pega eu disse cinquenta litro, ela só conseguiu vinte cinco.

**MR:** Já parou a produção alguma vez por falta de material?

**AA:** Varias vezes, é:: a que eu mais trabalhava que era a de botar capa faz cinco ano que quebrou, segou uma fresa quando ela vei só vei duas fresa, essa fresa ela faz, ela refila o livro depois faz umas cavazinha que é pra cola penetrar pro livro ficar como se fosse costurado, aí mandaram ligar pra São Paulo pra indústria. Rapaz essa fresa tu tem? Tem mais não, tem que comprar um adaptador que ela tava dando problema, quatro mil reais o adaptador minha filha. Quando a Mesbla foi inaugurada os talões trezentos e cinquenta talões eu

fiz tudinho aqui, fazia uma equipe e todo mundo ganhava o seu. Tinha hora pra entrar e não tinha pra sair.

**MR:** Qual o desafio que tu ver assim teu e da tua equipe aqui dentro?

**AA:** Rapaz eu vou dizer eu mesmo não tenho perspectiva aqui não. Eu digo a você que eu só me seguro aqui pra não perder dinheiro.

**MR:** Isso te entristece?

**AA:** Foi meu primeiro emprego, eu não tenho outra assinatura na minha carteira.

**MR:** Que projeto ou impressão de livro que o senhor destacaria que foi realizado pela editora?

**AA:** Quando essa babyline chegou aqui a rente foi lançar o livro de Assendino Leite na reitoria, e na época nisso o Buriti ainda era vivo, Wilson Braga, Zé Maranhão, Assendino Leite a assessora dele que eu tô esquecido e David me deu uma bata e disse assim, quero chamar aqui Aires Antônio de Lima Silva, Batata pra entregar o autor o primeiro livro feito na maquina dele, e quando eu cheguei lá que entreguei tirei foto, aí eu me lembro que ou foi Buriti ou foi alguém da família dele que chegou e disse me diga uma coisa esse livro foi o primeiro mesmo aí eu disse que foi mais era mentira minha, que não tinha condição de você pegar pela primeira vez que você botar o livro você acerta, mais eu tinha que dizer que David não disse eu tinha que dizer, e depois o elogio do velho com a capa né, o acabamento ficou em ordem, bem feitinho, aí fumo pro jantar aí quando chegou lá fui homenageado, não só eu não todo mundo só que eu quem tava representando, fui elogiado até que eu disse oxen esse vei nem me conhece me elogiando.

**MR:** Como era a editora na época e como o senhor ver hoje?

**AA:** A editora foi muito boa. A única coisa ruim aqui no inicio era a questão do salário, porque prefeitura e estado pagava melhor do que aqui.

**MR:** Qual a importância de uma universidade ter uma editora?

**AA:** Rapaz se ela fosse coordenada como deveria ela era muito econômica pra universidade.

**MR:** O senhor lembra de alguém que tenha tido sua obra publicada aqui e que de alguma forma tenha chamado sua atenção?

**AA:** Tem Flagrantes médicos legais de Genival Veloso, e tem o de Neroaldo Pontes Modernismo tá lá dentro, porque muitos eu li né.

**MR:** Tu tem fotos ou documentos daqui?

**AA:** Não eu tenho a listagem dos equipamentos que tinha aqui. Foto eu não tenho só tenho só a lista.

**MR:** O que faria de diferente se fosse possível o tempo?

**AA:** Primeira coisa que tinha que ter era a administração de qualidade, gente que entendesse do ramo. Aqui já teve médico como diretor, aqui já teve um caba que foi prefeito da universidade de Patos, quem mais entendia alguma coisa aqui foi Alarico e David depois o restante nada.

**MR:** O senhor tem tempo de se aposentar?

**AA:** Falta seis anos, eu tenho tempo eu não tenho idade, meu problema é a idade.

*Francisco Paulo de Assis*, natural de Lagoa Nova, Paraíba, aí vim pra João Pessoa nos anos oitenta, aqui quando eu cheguei aqui tinha um percentual de oitenta e quatro, oitenta e seis funcionários, a editora funcionava a todo vapor, todas máquinas/.../

**MR:** O senhor veio pra aqui pra João Pessoa por qual motivo?

**FP:** Já vim em João Pessoa já adulto, para trabalhar aqui já.

**MR:** O senhor nasceu em que ano?

**FP:** Mil novecentos e sessenta e um, três de agosto de sessenta e um.

**MR:** Aí o senhor veio pra aqui já pra trabalhar na editora?

**FP:** Já pra trabalhar na editora, foi meu primeiro emprego foi isso daqui.

**MR:** O senhor vive onde hoje?

**FP:** Hoje eu vivo no bairro de Mangabeira a vinte oito anos.

**MR:** Seu Francisco quando o senhor chegou na editora?

**FP:** Eu cheguei aqui na editora no dia premeiro de março de oitenta pra fazer tipo assim auxiliar de artífice de arte gráfica, comecei a desenvolver meu trabalho com seis meses eu fui pra uma máquina que, de dobrar que até hoje eu opero nela, por consequência do destino ela ta um pouco desativada, mais quando eu cheguei aqui todas máquinas funcionava impecável né era tudo uns maquinário novo, nós tínhamos oitenta e seis servidores uns trabalhava, não tinha essa coisa de internet, de computador era tudo manual, tinha duas linotipo aqui, que funcionava e os meninos trabalhava nela, inclusive os aposentados quando vinha pra cá vai dizer isso pra sua pessoa, então aí esse quadro de funcionário nós tínhamos aqui, trabalhava de oito as doze e de duas a dezoito horas entendeu, eram dois turnos. Agora nós tínhamos aqui, trabalhava aqui era todo serviço da universidade eram feito aqui, todos eles. Até o guia de matricula que nós nós fazia aqui pro pessoal da da ( ) era a gente que fazia o guia de matricula. Todo material de expediente da universidade era feito aqui, todo serviço do HU era feito aqui, enfim todos setores da universidade era aqui.

**MR:** E hoje seu Francisco?

**FP:** Bem depois eu chego até lá. Aí o seguinte aí o tempo foi passando, as pessoas foram um pouco se afastando, se aposentou outros faleceram e muitos é:: saíram né, foram transferidos pros outros setores e chegou a a editora a entrar em decadência grande, mais ou menos anos noventa de uns quinze anos pra cá que a editora vem sofrendo um grande abalo entendeu. A editora funciona mais ou menos aqui no setor da gente aqui, ela funcionou com aproximadamente cem servidores, realmente é uma perda muito grande. Só que eu eu fico pensando né, eu vejo a editora antes e depois, antes a gente tinha aqui todos amparos para o trabalho, a gente tinha assim era::vamo dizer assim aquela, aquele::, aquela coisa assim aquela motivação sabe, trabalho assim, porque a gente trabalhava assim era dois expedientes ( ), e continuava a trabalhar. Hoje é uma coisa tão desmotivada que a gente não sabe nem o que faz, aqui praticamente a editora ta praticamente morta, não funciona nada, eu



não sei o que vai ser esse resto de tempo daqui pra frente porque é uma coisa impressionante viu. Eu não sei o que a gente fazia aqui, essa editora se todo gestore que passaram por aqui nada fizeram pra o bem da editora, não fizeram praticamente nada. Porque realmente eu acho que todo assim os diretores que passaram por aqui uns passaram pouco tempo, outros passaram quatro ano, outros passaram até doze anos chegou um direto passar aqui. Aí esse doze ano não foi investido em nada dentro da editora/.../

**MR:** Foi sucateando a editora.

**FP:** Cada dia mais sucateando, cada dia mais até o presente de hoje, eu não entendo se isso aí tem conserto ou se não tem porque realmente é uma coisa seria viu, eu não sei se só é esse setor da da universidade que está nessa nessa decadência ( ) permanece assim, mais eu sei que a editora tá a beira crise, tá praticamente morta.

**MR:** Quando o senhor chegou aqui quem era o diretor?

**FP:** O diretor quando eu cheguei aqui era:: (+) Paulo Melo uma coisa assim.

**MR:** Nos anos oitenta?

**FP:** Anos oitenta, eu não tenho bem anotado porque já passaram tantos por aqui, eu lembro que quando na época de ( ) tinha outros diretores que trabalhou aqui, tinha o pessoal que falava em Pontes, depois desse falava desse Paulo Melo e outras pessoas aqui, agora não era esse tempo, José Souto que também que era, diretor da União também já vei passou por aqui também como diretor, e Savil também era um outro, passou também uns quatro anos, tá esse diretor tentou fazer alguma coisa mais os recursos talvez era pouco e não deu pra fazer, e teve também essa, outra outra ( ) Alarico Correia Neto que também foi um deretor daqui passou também uns quatro anos aqui, trabalhou muito mais só que a a assim puxando mais acho que pro lado dele assim, inclusive ele até butou uma editora, uma editora que essa editora era era instalada lá na rodoviária/.../

**MR:** Dele não era vinculada a/.../

**FP:** Eu acho que era vinculado a universidade eu não sei bem eu não sei muito bem, quem trabalhava lá como funcionário era uma funcionária daqui, que trabalhava aqui também, essa editora é um nome tão estranho era sancho pança o nome dessa editora, acho que quem trabalhava lá era uma menina Luzinete como atendente lá um pouco. Aí pronto ele botou essa editora todo livro ia sempre pra lá e agora não sei se esses livros se vinha o dinheiro vinha se entrava na conta da universidade, se vinha pra cá não sei.

**MR:** Seu Francisco me diga como era o dia a dia da editora quando o senhor chegou?

**FP:** O dia a dia aqui era uma harmonia, a turma era uma turma dez, uma turma que realmente sabia trabalhar, um ajudava o outro/.../

**MR:** O senhor lembra do nome do pessoal?

**FP:** Lembro, é porque tinha também pra falar do pessoal aqui teve muitas pessoas que trabalhava na parte daquela os maquinário ( ), mais tinha ( + ) tinha Cabral, era Marinésio, tinha Aderaldo também já falecido, tinha Ivan, tinha Olivina, tinha seu Fernando, tinha seu Manuel, tinha Zé dos Santos, tinha também era João Santiago, o irmão dele também que era também era o mesmo nome também que era::, seu Isaque também que ta aposentado, tinha enfim uma uma outros que eu não me lembro, mais tinha seu seu Gondim, tinha Dionísio também, era Figueiredo era uma serie que até agora não me recordo entendeu, mais tinha bastante funcionário, essas únicas pessoas que eu falei a maioria já se foi já ta no andar lá de cima já, já faleceu. E outros é é como é que diz, é:: já estão aposentado ou pediram transferência, porque teve muita gente que pediu transferência daqui e ta em outro setor.

**MR:** Então o senhor já disse já, vocês produziam/.../

**FP:** Livro, material de expediente pra universidade, era aqueles talões.

**MR:** O senhor lembra de alguém que o senhor queira destacar como colega seu aqui da editora?

**FP:** Olhe aqui pra me destacar como colega não vou dizer assim x fulano pra destacar todos eles, todos eles eu me relacionava muito bem entendeu.

**MR:** É me conta assim das brincadeiras de vocês, dos passeios, eu soube que aqui tinha um time de futebol/../

**FP:** Tinha um time de futebol e inclusive eu não participava do jogo não eu nunca gostei de, mais sempre aqui nós tinha um time de futebol aqui que era realmente, era pra torar mermo porque o pessoal pegava assim ganhava de todo mundo, todo jogo que a gente tinha aqui a vitória, era campeão nos anos mais ou menos nos anos oitenta, noventa, era vamo dizer assim em relação a era quase profissional entendeu, o pessoal aqui era bom de bola, viajava pra Natal, ia pra Guarabira viajava pra um bocado de interiorzinho assim.

**MR:** Como o senhor vê hoje o clima aqui na editora?

**FP:** Olhe entre a gente, esses seis é o que, os seis que tem aqui é só tem Hamilton que veio do RU, e dona Glória que também ta aqui a mais tempo né o esposo dela também e esse pessoal são ótimo, não tenho nada a dizer contra essas pessoas, são tudo excelentes.

**MR:** Me diga uma coisa o senhor é encadernador, me diga o processo da encadernação?

**FP:** Encadernação, pronto recebe uma, por exemplo essa ((pega um bloco de papel)) isso aqui é um bocado de página do livro, você recebe isso aqui, aí a gente pega o seguinte, pega o livro se for manual por exemplo um caderno manual vai costurando ele manualmente tal e vai formando aquele livrinho tal, depois vem uma bota uma capa por cima depois bota tipo uma pode ser uma capa grossa e pode ser um tipo assim um talão aí o encadernador faz esse tipo de trabalho, pega um livro e se ele tiver um pouquinho já estragado da pra dar uma restauradazinha entendeu e uns acabamentozinho, agora só que o meu perfil mesmo é encadernador mais só que eu não trabalho nessa área né, eu trabalho na máquina de dobrar a trinta e quatro anos.

**MR:** O senhor lembra de algum acontecimento marcante desses anos de trabalho do senhor aqui na editora?

**FP:** Sim, lembro sim é uma tipo assim uma teve uma vez teve uma festazinha, a gente no final de ano confraternizava aqui e tal, aí tinha era:: ( ) daí eu peguei assim até brinquei assim eu eu pegava o menino que tinha aqui, ele era um morenozinho assim aí eu um colega que eu tinha o nome dele era Jurandi né ai eu tomei umas aqui aí eu trocava o nome dele sabe chamava ele de o nome dele era Sid eu chamava ele de Jurandi, e até hoje eu lembro desse fato.

**MR:** Como era os materiais utilizados aqui na editora?

**FP:** A minha máquina era a dobradeira né, essa máquina ela já tem uns, já tem mais de cinquenta anos, e quando eu cheguei aqui ela já era antiga, quem trabalhava nela era a gente chamava ele de Eudes, trabalhava nela, aí ele me ensinou, quando ele me ensinou ele deixou eu nela, deu as dicas todinho ai eu fiquei operando ela até a data de hoje, e ele já se foi.

**MR:** Qual o maior desafio seu e da equipe que trabalha aqui?

**FP:** Há o desafio é ver o o não sei se isso vai acontecer, ver essa editora funcionando outra vez. Que é uma coisa que eu não sei, pode ser que isso aconteça mais eu não sei não.

**MR:** Tem algum projeto que o senhor destacaria que foi feito aqui?

**FP:** O que lembra muito era o tempo que ficava trabalhava dias e noite no guia de matrícula, porque era cada pilha de de papel pra dobrar, nós tínhamos aqui cada tiragem de papel tinha aqui vinte sete mil cada tiragem, eram treze mil, era treze pilha de vinte sete mil cada uma, pra dobrar isso aí tinha que passar numa máquina de uma e uma folha. Eu não sei como eu não peguei uma enfermidade esse papel era tipo assim jornal que ele soltava um pó e a máquina chega ficava branquinha, no outro dia tinha que fazer uma limpeza nela de novo pra poder voltar a trabalhar, mais isso era todos os dias.

**MR:** Vocês recebiam algum tipo de proteção?

**FP:** Não, a gente não tinha não.

**MR:** Me fale um pouquinho como era a editora antes e como o senhor vê hoje?

**FP:** Era tipo assim uma oficina de, como uma indústria né porque a gente fazia de livro era feito de tudo, tudo desenvolvia aqui na editora né, hoje praticamente nada, quer dizer de lá pra cá ela veio a quê, uma coisa impressionante não sei como é que vai ser daqui pra frente, porque teve outras pessoas que tiveram aqui tentaram erguer a editora, por exemplo Sandra Moura chegou aqui com um projeto muito bonito tal e foi até uma reunião com os pessoal tudo assim no setor pra dizer o que é que tava precisando a editora, mais isso aí não saiu nem do papel ( ).

**MR:** O senhor tem alguma saudade do tempo antigo quando o senhor chegou aqui?

**FP:** Daqui não, a saudade que eu tenho de ver aquela máquinas funcionando, tudo trabalhando e hoje eu não tenho mais essa essa, não vejo mais isso aí.

**MR:** Que importância tem esse setor pra UFPB, a editora?

**FP:** Ela funcionando ela tem uma grande importância sim, porque se ela no caso que antigamente. Antigamente ela tinha pra universidade era um órgão de maior importância, mais hoje já não vejo mais por aí, o reitor de quatro anos praticamente fechou a editora, porque a editora só ela só abriu porque o sindicato da gente brigou um pouquinho ainda pra ver se, mas pelo o reitor que era Jader a editora não servia mais não.

**MR:** O senhor acha que queriam fechar a editora?

**FP:** Eu acredito que sim.

**MR:** Hoje vocês fazem o quê?

**FP:** Olhe pra dizer a verdade praticamente nada, faz seis meses que entrou a nova diretora aqui ta praticamente parada.

**MR:** O senhor lembra de alguém que tenha tido sua obra publicada pela editora e que de alguma forma tenha chamado sua atenção?

**FP:** Olhe, porque aqui teve o quê? Teve um livro que foi publicado aqui que foi vendido muito, inclusive já vai aí na terceira ou era quarta edição era O martírio de um vivente era um livrozinho pequeno mais saiu em quantidade assim era mais ou menos três mil exemplares era, inclusive foi bem vendido.

**MR:** O senhor tem fotos ou algum tipo de documentos daqui?

**FP:** Tenho não.

**MR:** O que faria de diferente se fosse possível voltar no tempo?

**FP:** Eu não sei nem como responder essa pergunta pra sua pessoa porque eu acho uma coisa que nunca me passou pela cabeça não.

**MR:** O que o senhor achou assim a a esse a TV universitária porque aqui o prédio era tudo editora?

**FP:** Assim a TV modesta parte ela ta aí eu não sei porque né, é de penetra vamo dizer assim, esse prédio todinho é da editora universitária, aí o diretor que tava aqui que era David, David Fernandes inclusive foi ele que fez o projeto é dele. Ele foi quem destruiu praticamente a editora porque queria mais a TV, e essa TV praticamente ela vivia não sei se até hoje as custas da editora.

**MR:** O senhor já tem tempo pra se aposentar?

**FP:** Olhe tempo com tempo de insalubridade eu tenho, juntando tudo da o tempo suficiente pra me aposentar, mais só que a minha idade ainda não.

Outras vozes também deixaram ecoar, entretanto, o curto tempo destinado a elaboração do TCC nos impede de incorporá-los. Todavia ficam registrados que foram motivadoras as suas palavras.

#### 4 LINOTIPIANDO OS DISCURSOS, MAPEANDO AS FONTES

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa “dizer alguma coisa” e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê, são numerosas e importantes.

Isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem (FOUCAULT, 1987, p. 51).

As vozes até então silenciadas, nos deram espaços para mapear algumas fontes de informação que nos auxiliaram na reconstrução da memória histórica da Editora da UFPB, os quais pontuamos:

- Continuar as entrevistas com os ex-diretores vivos;
- Localizar ex-servidores que estão em atividades na UFPB, porém em outros setores;
- Identificar parte da produção editorial, a partir dos arquivos virtuais de cada designer e com eles identificar as obras que efetivamente foram impressas, considerando que alguns foram diagramadas na editora, e não foram impressas, outras a editora cedeu apenas o selo, e não foi realizado o depósito par aos arquivos da própria editora;
- Identificar fotografias históricas da editora, a exemplo da fotografia do time de futebol;
- Localizar reportagens sobre a editora que tenham sido veiculadas em jornais locais;
- Contactar a ABEU para levantar dados sobre a editora da UFPB;
- Registrar imagneticamente as máquinas que foram transferidas para o galpão da Prefeitura Universitária;

- Ouvir depoimento de antigos reitores sobre a compreensão de seus projetos políticos em relação a editora universitária;
- Mapear os autores e suas respectivas produções;
- Possibilitar dar voz a autores, co-autores entre outros;
- E por fim, perceber a Editora situando histórica, política e socialmente no contexto da UFPB, e do campo editorial, paraibano, nordestino e brasileiro.

Face ao exposto, o trabalho não se encerra, apenas provoca sua continuidade.



## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 7-24.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informação e memória: as relações na pesquisa. *Revista histórica em reflexão*, Dourados, v. 1, n. 2, p. 3-19, 2007.

BUFREM, Lilah Santiago. *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. São Paulo: EDUSP, 2001.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011. 219p.

CHARTIER, R. *A Ordem dos livros*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

DENIPOTI, Claudio. A cidade as roupas. In: FUNARI, Pedro Paulo A. *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas, SP: UNICAMP, 1998. p. 275-317.

DIEHL, Astor Antonio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de

Janeiro: DP&A editora, 2006

LACET, Rosane Coutinho Pereira. *Humberto Nóbrega: um homem entre livros*. João Pessoa: Ideia, 2012.

LITTO, Inês M. F. *Fontes básicas de informação*. (Edição preliminar). São Paulo: Ceditext, 1980.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 15-32.

MARQUES NETO, José Castilho. A editora universitária, os livros do século XXI e seus livros. *Rev. Interface*. Botucatu, v.4, n.7, Agost. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832000000200025](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832000000200025)>. Acesso em: 23 de jul. 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 2. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Loyola, 1996.

NASCIMENTO, C. C. DO. *Editoras universitárias e as novas oportunidades de comunicação*. 2009. 190f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

OTLET, Paul. *Traité de documentation: le livre sur le livre, théorie et pratique*. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

PASSOS; Edilenice; BARROS, Lucivaldo Vasconcelos. Fontes de informação em direito. In: \_\_\_\_\_. *Fontes de informação para pesquisa em direito*. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 6.ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

SOUZA, Terezinha de Fátima Carvalho de. Fontes de informação financeira. *Perspect. Cienc. Inf.*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 175-188, jul./dez. 1997.

ZIBERMAN, R. Minha teoria das edições humanas: memórias póstumas de Brás Cubas e a Poética de Machado de Assis. In: ZIBERMAN, R. et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004. p. 17 - 118.